

Maria do Céu Barros Rodrigues Ramos

“Leituras sobre rodas”: projecto
para a implementação de um
serviço de biblioteca itinerante
no concelho de Chaves



Universidade Portucalense

Departamento de Ciências da Educação e do
Património

Fevereiro, 2011

Maria do Céu Barros Rodrigues Ramos

**“Leituras sobre rodas”: projecto para a
implementação de um serviço de
biblioteca itinerante no concelho de
Chaves**

Dissertação de Mestrado em Educação e Bibliotecas

Trabalho realizado sob a orientação da Prof. Doutora
Manuela Barreto Nunes



Universidade Portucalense

Departamento de Ciências da Educação e do Património

Fevereiro, 2011



Universidade Portucalense

DECLARAÇÃO

Nome: Maria do Céu Barros Rodrigues Ramos

Nº. do B.I. 05915818 Tel/Telem.: 964216505 e-mail: mcbrramos@gmail.com

Mestrado

Designação do mestrado: Educação e Bibliotecas

Ano de conclusão: 27-06-2011

Título da dissertação:

“Leituras sobre rodas”: projecto para a implementação de um serviço de biblioteca itinerante no concelho de Chaves

Orientador (es):

Prof. Doutora Manuela Barreto Nunes

Declaro, para os devidos efeitos, que concedo, gratuitamente, à Universidade Portucalense Infante D. Henrique, para além da livre utilização do título e do resumo por mim disponibilizados, autorização, para esta arquivar nos respectivos ficheiros e tornar acessível aos interessados, nomeadamente através do seu repositório institucional, o trabalho supra-identificado, nas condições abaixo indicadas:

[Assinalar as opções aplicáveis em 1 e 2]

<p>1. Tipo de Divulgação:</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Total.</p> <p><input type="checkbox"/> Parcial.</p>
<p>2. Âmbito de Divulgação:</p> <p><input type="checkbox"/> Mundial (Internet aberta).</p> <p><input type="checkbox"/> Intranet da Universidade Portucalense.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Internet, apenas a partir de <input type="checkbox"/> 1 ano <input checked="" type="checkbox"/> 2 anos <input type="checkbox"/> 3 anos – até lá, apenas Intranet da UPT</p>

Advertência: O direito de autor da obra pertence ao criador intelectual, pelo que a subscrição desta declaração não implica a renúncia de propriedade dos respectivos direitos de autor ou o direito de a usar em trabalhos futuros, os quais são pertença do subscritor desta declaração.

Assinatura: _____

Porto, 27/06/2011

Para ti, Isabelinha,
companheira nas viagens no mundo das bibliotecas.

AGRADECIMENTOS

De uma forma muito especial, agradeço à Professora Doutora Manuela Barreto Nunes a orientação, o estímulo e o apoio, condições essenciais para a realização de um trabalho desta natureza.

A todos os professores da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, autênticos baluartes no aprofundamento dos conhecimentos tidos como relevantes, primeiro, na Especialização em Ciências Documentais, depois, complementados durante o Mestrado.

À minha família e amigos pelo apoio prestado e pela amizade e compreensão demonstrados ao longo deste percurso.

Às populações residentes nas localidades de Bobadela, Curalha, Ervededo e Vilas Boas e à equipa da Biblioteca Municipal de Chaves pela colaboração.

RESUMO

A biblioteca pública, como “porta de acesso local ao conhecimento” (IFLA/UNESCO, 1994), deve reforçar o seu papel enquanto agente de educação informal com um papel cada vez mais relevante na aprendizagem ao longo da vida, na educação de adultos e no combate às iliteracias. Nesse sentido, a actividade que desenvolve deve ter em conta o seu público-alvo e o contexto socio-demográfico onde está inserida, procurando soluções que a façam chegar a toda a população.

Os serviços móveis que, em Portugal, povoam muitas memórias ainda recentes, são um meio útil e eficaz de fazer chegar os serviços bibliotecários a quem deles precisa, a quem menos meios de acesso tem aos equipamentos culturais predominantemente existentes nas sedes dos Concelhos. Apesar de cada vez mais se assistir a um reinvestimento neste tipo de serviço, outrora prestado pela Fundação Calouste Gulbenkian, ele ainda não voltou a ser uma realidade em todo o território nacional.

Este projecto pretende apresentar uma solução para fazer diminuir, no Concelho de Chaves, os níveis de iliteracia e contribuir para uma mais eficaz aprendizagem ao longo da vida, principalmente daqueles que vivem mais afastados da sede do concelho, re-implementando um serviço de biblioteca itinerante. Com o objectivo de conhecer a receptividade da população a um serviço deste tipo e, ao mesmo tempo, os seus hábitos e memórias de uso de bibliotecas, efectuaram-se inquéritos por questionário, aplicados directamente pela autora, que assim pôde elaborar um diário de bordo, a uma amostra aleatória dos residentes em quatro freguesias do Concelho. Procedeu-se em seguida ao desenho do projecto, que deverá ser implementado em 2011 como um novo serviço da Biblioteca Municipal de Chaves.

PALAVRAS-CHAVE: bibliotecas itinerantes; literacia; aprendizagem ao longo da vida; Biblioteca Municipal de Chaves

“Leituras sobre rodas”: a plan for the implementation of mobile library service in Chaves

ABSTRACT

The public library as “the local gateway to knowledge” (IFLA/UNESCO, 1994), should enhance their role as informal education agent’s, with an increasingly important role in lifelong learning, adult education and fighting illiteracy. Libraries should think about their users and the socio-demographic conditions where it is located; it may such solutions reach the entire population.

Mobile services, in Portugal, populate many memories still fresh, is a useful and effective means of bringing library services to those in need, who have less means of access to cultural facilities exist predominantly in the headquarters of Counties. Despite increasingly seeing a reinvestment in this type of service, formerly provided by the Calouste Gulbenkian Foundation, he has not returned to being a reality across the country.

This project aims to provide a solution to decrease, in Chaves, the levels of illiteracy and contribute to more effective lifelong learning, especially those living further away from town, re-deploying a mobile library service. In order to meet the population's receptivity to such a service and at the same time, the memories of their habits and use of libraries, were carried out questionnaire surveys, applied directly by the author, who might well produce a logbook , a random sample of residents in four villages in the municipality. Then proceeded to design the project to be implemented in 2011 as a new service from Biblioteca Municipal de Chaves..

Keywords: Mobile library, literacy, lifelong learning, Chaves Public Library

SUMÁRIO

Abreviaturas, siglas e acrónimos	8
Índice de tabelas	10
Índice de quadros.....	10
Índice de gráficos	10
INTRODUÇÃO	12
1. Justificação, motivação e contributo do projecto.....	12
2. Plano de trabalho.....	13
PARTE 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	15
CAPÍTULO 1. EDUCAÇÃO E LITERACIA.....	16
1.1. A aprendizagem ao longo da vida e a educação de adultos	16
1.2. Literacia e literacia da informação	21
CAPÍTULO 2. A BIBLIOTECA PÚBLICA: ESTRATÉGIAS AO SERVIÇO DA COMUNIDADE	25
2.1. O papel da biblioteca pública na sociedade do conhecimento.....	25
2.2.1. Conceito e história geral.....	28
2.2.2. A biblioteca itinerante em Portugal	33
2.2.3. A importância das bibliotecas itinerantes no mundo contemporâneo....	38
CAPÍTULO 3. A HISTÓRIA LIVRESCA E BIBLIOTECONÓMICA DE CHAVES	42
3.1. A Biblioteca Municipal de Chaves	45
PARTE 2 – ESTUDO EMPÍRICO.....	49
CAPÍTULO 4. A QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO	50
CAPÍTULO 5. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	52
5.1. Tipo de pesquisa	52
5.2. Desenho da investigação	62

5.2.1. Instrumentos de investigação.....	64
5.3. População e Amostra	65
CAPÍTULO 6. ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	70
6. 1. Caracterização dos inquiridos.....	70
6.2. Dados sobre utilização de bibliotecas.....	78
6.3. A opinião dos inquiridos.....	85
6.4. Conclusão.....	96
PARTE 3 - DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO “LEITURAS SOBRE RODAS”	97
CAPÍTULO 7. INTRODUÇÃO.....	98
CAPÍTULO 8. ENTIDADES ENVOLVIDAS	100
8.1. Identificação da entidade promotora.....	100
8.2. Identificação da entidade executora	100
CAPÍTULO 9. INFORMAÇÕES DO PROJECTO	104
9.1. Identificação	104
9.2. Equipa	104
CAPÍTULO 10. MEMÓRIA DESCRITIVA	106
10.1. Fundamentação teórica	106
10.1. 1. Carácter inovador do projecto	108
10.2. Objectivos Globais.....	109
10.3. Área de aplicação do projecto.....	109
10.3.1. Itinerários e Calendário	110
10.4. Destinatários do projecto	115
10.5. Metodologia de implementação	115
CAPÍTULO 11. CRONOGRAMA E CALENDÁRIO.....	125

11.1. Cronograma do projecto por acções.....	125
11.2. Calendário das actividades.....	125
CAPÍTULO 12. ORÇAMENTAÇÃO	127
CAPÍTULO 13. RESULTADOS ESPERADOS	128
CONCLUSÕES GERAIS E PERSPECTIVAS DE TRABALHO FUTURO.....	134
1. Conclusão geral	134
2. Perspectivas de trabalho futuro.....	136
BIBLIOGRAFIA	137
ANEXO	143

Abreviaturas, siglas e acrónimos

AEC – Actividade extra-curricular

AMAT - Associação de Municípios do Alto Tâmega e Barroso

BMC - Biblioteca Municipal de Chaves

CDU – Classificação Decimal Universal

ENTITLE - Europe's new libraries together in transversal learning environments.

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

IFLA - *International Federation of Library Associations and Institutions*:

‘Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias’

IPLB- Instituto Português do Livro e das Bibliotecas

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

RBE - Rede de Bibliotecas Escolares

Opac – Online public Access catalog

Unesco – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization:

‘Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura’

Índice de figuras

Figura 1.1. Os quatro pilares da educação	20
Figura 1.2. O conceito da literacia da informação e a relação com outros conceitos.....	23
Figura 2.1. Uma das primeiras bibliotecas móveis, Washington County Free Library, Hagerstown (Maryland), 1905	30
Figura 2.2. Uma das primeiras bibliotecas móveis motorizadas (1912)	31
Figura 2.3. Imagens do filme "Meet the travelling tram library of Munich" de 1932	32
Figura 2.4. Primeira biblioteca móvel portuguesa -Tipo A.....	34
Figura 2.5. Bibliotecas fixas e móveis em 1962	36
Figura 2.6. Quénia: bibliocamelo.....	40
Figura 2.7. Zimbabwe: biblioteca puxada por burros	41
Figura 3.2. Antiga Biblioteca itinerante: segunda carinha a percorrer as ruas do concelho: A- em 1996, numa das suas paragens; B- estado actual	44
Figura 3.3. Imagens do interior da Biblioteca: A- antiga; B moderna	45
Figura 3.4. Edifício da Biblioteca Municipal de Chaves: A: antes das obras de requalificação; B - após as obras de requalificação.....	45
Figura 5.1. Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-acção	53
Figura 5.2. Espiral de ciclos da investigação-acção.....	54
Figura 5.3. Investigação para a acção	58
Figura 5.4. Investigação na/pela acção.....	59
Figura 6.1. Distribuição geográfica das unidades de análise	70
Figura 10.1. Mapa dos itinerários iniciais do projecto "Leituras sobre rodas" .	114

Índice de tabelas

Tabela 5.1. Constituição da amostra.....	69
Tabela 6.1. Distribuição por idade e habilitações literárias: Bobadela e Vilas Boas.....	74
Tabela 6.2. Distribuição por idade e habilitações literárias: Curalha e Ervededo	75
Tabela 6.3. Visitas à biblioteca e condições perante o trabalho: Bobadela e Vilas Boas	80
Tabela 6.4. Visitas à biblioteca e condições perante o trabalho: Curalha e Ervededo.....	81
Tabela 10.1. Matriz para o percurso inicial do projecto "Leituras sobre rodas"	111
Tabela 12.1. Previsão de custos.....	127

Índice de quadros

Quadro 5.1. Comparação das características da prática rotineira, investigação-acção e pesquisa científica	56
Quadro 5.2. Modalidades de investigação acção: técnica, prática e emancipadora	57
Quadro 9.1. Constituição da equipa.....	105

Índice de gráficos

Gráfico 6.1. Caracterização da amostra: Idade.....	71
Gráfico 6.2. Caracterização da amostra: sexo	72
Gráfico 6.3. Caracterização da amostra: Habilitações literárias.....	73
Gráfico 6.4. Condição dos inquiridos perante o trabalho	76
Gráfico 6.5. Utilização das diferentes bibliotecas.....	79

Gráfico 6.6. Utilização conjugada de diferentes tipos de bibliotecas.....	84
Gráfico 6.7. Avaliação da importância dos serviços: média geral e por unidades de amostra	86
Gráfico 6.8. Frequência de respostas: serviço de consulta local	87
Gráfico 6.9. Frequência de respostas: serviço de leitura de periódicos.....	88
Gráfico 6.10. Frequência de respostas: actividades de animação e promoção da leitura	89
Gráfico 6.11. Frequência de respostas: acções de formação	89
Gráfico 6.12. Frequência de respostas: consultas na internet	90
Gráfico 6.13. Frequência de respostas: recurso às novas tecnologias.....	91
Gráfico 6.14. Frequência de respostas: impressão de documentos	91
Gráfico 6.15. Frequência de respostas: empréstimo domiciliário.....	92
Gráfico 6.16. Frequência de respostas: utilidade de uma biblioteca móvel	94
Gráfico 6.17. Nome da biblioteca.....	95

1. Justificação, motivação e contributo do projecto

O projecto que se desenvolve neste trabalho tem como objectivo primordial a implementação dos serviços itinerantes no concelho de Chaves, contribuindo simultaneamente para a promoção da literacia, para a cooperação com vista a uma mais completa e eficaz aprendizagem ao longo da vida e, conseqüentemente, para o alargamento da população-alvo efectivamente servida pela Biblioteca Municipal.

Depois de proceder a uma revisão da literatura e de um breve estudo empírico, pretende-se elaborar um projecto pragmático, isto é, ambiciona-se apresentar um plano exequível, pronto para ser implementado no terreno. O contributo primeiro deste trabalho será o de fazer chegar os serviços da biblioteca pública, se não a todos, pelo menos à maior parte possível da população residente no concelho de Chaves.

De acordo com um estudo feito em 2007, no âmbito da Especialização em Ciências Documentais, conclui-se que, neste concelho apenas 6% da população total (44.277 habitantes, segundo os dados do INE referentes a 2006) é atingida pelos serviços da biblioteca, mas que, no entanto, esta consegue fidelizar os seus utilizadores (Santos, Ramos e Faria, 2007). No final de 2009 esse valor, calculado de acordo com a NP ISO 11620, com base nos registos do sistema informatizado de empréstimos, esse indicador situou-se nos 10%. Estes dados são, sem dúvida, um incentivo à continuação do trabalho desenvolvido pela biblioteca, à implementação de outros serviços, para conseguir chegar ao maior número de utilizadores possível, atendendo às características sócio-demográficas da região.

Deste modo, uma das justificações deste projecto será o de aumentar a percentagem da população atingida pelos serviços da Biblioteca Municipal, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, com especial

atenção àquelas que têm maior dificuldade em deslocar-se à sede do Concelho para usufruir do acesso à cultura, à informação, à educação informal e ao lazer que este organismo proporciona.

A motivação para a apresentação do trabalho é pessoal e profissional, como mais à frente se expressará. Uma motivação pessoal e profissional, de trabalhar para o bem da comunidade, no seio da qual nasceu e sempre viveu a proponente do projecto.

2. Plano de trabalho

Este trabalho desenvolve-se em três partes. Na primeira, é feito o enquadramento teórico do projecto a apresentar. Inicialmente, faz-se apelo a uma reflexão sobre algumas questões ligadas à educação e à literacia, centrando-se as mesmas na aprendizagem ao longo da vida (e da educação de adultos), o que constituirá o primeiro subcapítulo. Outro subcapítulo trata o conceito de literacia da informação e a relação com outros processos.

Uma segunda temática dentro deste enquadramento teórico diz respeito à biblioteca em si, ocupando o segundo capítulo, no qual se encaixam os seguintes subcapítulos: o papel da biblioteca pública na sociedade do conhecimento, secundado pelo conceito e história geral, as bibliotecas itinerantes em Portugal e ainda a importância das bibliotecas itinerantes no mundo contemporâneo. Num terceiro capítulo, terá lugar uma resenha sobre a história biblioteconómica no Município de Chaves.

A segunda parte deste trabalho centra-se no estudo empírico, preparatório do desenvolvimento do projecto em si. Esta parte é constituída pelos seguintes capítulos: a questão de investigação, delimitação e desenho de investigação e análise e interpretação dos resultados. A finalidade do estudo empírico é averiguar se a população está receptiva ao serviço de extensão bibliotecária, se o acha conveniente e, caso seja implementado, quais os serviços que são para ela os mais importantes.

Na terceira parte apresenta-se o projecto de criação de um serviço de biblioteca itinerante no Município de Chaves, propósito final deste estudo.

Finaliza-se com as conclusões do trabalho desenvolvido e a exposição de propostas para desenvolvimento futuro.

Finalmente, é apresentada a bibliografia, elaborada de acordo com as normas da APA (American Psychological Association), 6ª edição, e constituída por 31% de monografias, 18% de comunicações apresentadas em congressos, 16% de artigos em publicações periódicas, 21% de outros documentos, designadamente documentos de entidades governamentais, um trabalho académico e uma dissertação de mestrado. De entre os autores mais citados, destaca-se, na primeira parte, a Comissão Europeia (anteriormente Comissão das Comunidades Europeias), com 10 citações, num total de 63, extraídas de 4 referências. Na segunda parte, o autor mais citado é Esteves, com 9 citações do mesmo título. A terceira parte, constituída pela exposição do Projecto, é parca em citações, sendo o autor mais citado Soto Arranz.

Para a total compreensão do trabalho desenvolvido, será incluído um documento anexo, o inquérito em forma de questionário, realizado às populações das quatro freguesias que constituem a amostra deste trabalho.

**PARTE 1 –
ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

CAPÍTULO 1. EDUCAÇÃO E LITERACIA

1.1. A aprendizagem ao longo da vida e a educação de adultos

“Os próprios indivíduos são os actores principais das sociedades do conhecimento.”
(Comissão das Comunidades Europeias, 2000, p.8)

A aprendizagem é o “efeito do processo de aprender, o qual se define como uma transformação permanente e produzida no comportamento ou capacidades de um indivíduo graças à prática ou outras formas de experiência” (Shuell, 1986 cit. por Lau, 2008, p. 47). Assiduamente são apresentados como sinónimos deste conceito os termos educação e ensino. Assim, expressões como “educação ao longo da vida” e “aprendizagem ao longo da vida” são frequentes em estudos sobre esta temática.

Para a plena compreensão deste conceito na Europa contemporânea, recorre-se às definições e disposições da Comissão das Comunidades Europeias, actualmente designada Comissão Europeia, que parecem suficientemente esclarecedoras para o desenvolvimento da temática em apreço, supondo um ponto de vista institucional e político adequado à implementação de projectos de cariz municipal.

Aprendizagem ao longo da vida será então “toda a actividade de aprendizagem em qualquer momento da vida, com o objectivo de melhorar os conhecimentos, as aptidões e competências, no quadro de uma perspectiva pessoal, cívica, social e/ou relacionada com o emprego” (Comissão das Comunidades Europeias, 2001, p.10). “Dois objectivos se afiguram importantes para a aprendizagem ao longo da vida: promover a cidadania activa e fomentar a empregabilidade” (Comissão das Comunidades Europeias, 2000, p. 6) pois “empregabilidade e cidadania activa estão dependentes da existência de competências e conhecimentos adequados e actualizados indispensáveis à

participação na vida económica e social” (*idem, ibidem*). Este processo afigura-se importante não só porque proporciona a inclusão social, a participação na cidadania e o desenvolvimento pessoal, mas também estimula a competitividade e a empregabilidade (Comissão das Comunidades Europeias, 2006, p.2), assim como é também essencial para a concretização da igualdade de oportunidades (Comissão das Comunidades Europeias, 2000, p.7), o que justifica a atenção que lhe é dada já que é, sem dúvida, uma ferramenta essencial para o sucesso futuro.

Quando uma pessoa tem o desejo de aprender, deverá ter condições de fazê-lo, independentemente do tempo e do espaço em que tal se manifesta. É assim que se entende este processo de aprendizagem e, para que tal se torne possível, é fundamental a conjugação de três factores:

- que a pessoa tenha a predisposição para a aprendizagem, isto é, “as pessoas só planearão actividades de aprendizagem ao longo das suas vidas se quiserem aprender” (*idem, p.8*);
- que existam ambientes de aprendizagem, quer sejam centros, escolas, instituições culturais ou mesmo empresas, adequadamente organizados e que haja pessoas que possam auxiliar no processo de aprender, os designados agentes de aprendizagem;
- que esta aprendizagem vá ao encontro das necessidades do mercado de trabalho, já que “os sistemas de oportunidades de educação e formação deverão adaptar-se à aprendizagem, às necessidades e exigências individuais e não o contrário” (*idem, p.9*).

Este último factor remete para o princípio da responsabilidade do indivíduo pelo seu próprio percurso de aprendizagem, para o qual nos encaminha o conceito de “aprendizagem ao longo da vida” em detrimento do de “educação ao longo da vida”, que aponta preferencialmente para as políticas adoptadas.

Um marco importante para esta temática terá sido a Cimeira de Lisboa, no Conselho Europeu de Lisboa (23 e 24 de Março de 2000), na qual resultou uma recomendação que:

“concluiu que deveria ser criado um quadro europeu para definir as novas competências de base a adquirir através da aprendizagem ao longo da vida enquanto medida fundamental da resposta europeia à globalização e à transição para economias baseadas no conhecimento, e salientou que o maior trunfo da Europa são as pessoas.” (*idem, p.4*)

Esta recomendação aconselha os Estados-Membros que, entre outras coisas, se preocupem em fornecer aos jovens, através da reforma dos seus currículos, uma educação que lhes possibilite desenvolver as suas competências essenciais de tal forma que os prepare para a vida adulta, e que constitua igualmente uma base para a aprendizagem futura e para a vida profissional. Outra linha orientadora remete para a possibilidade dos adultos serem capazes de desenvolver e actualizar as suas competências essenciais ao longo da vida.

Neste sentido, o “Quadro de referências europeu” (Comissão Europeia, 2007) veio estabelecer aquilo que foram consideradas, na altura, as oito competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida. Entende-se por competências essenciais:

“uma combinação de conhecimentos, aptidões e atitudes adequadas ao contexto. As competências essenciais são aquelas que são necessárias a todas as pessoas para a realização e o desenvolvimento pessoais, para exercerem uma cidadania activa, para a inclusão social e para o emprego.” (Comissão Europeia, 2007, p.3).

Essas competências são: (1) comunicação na língua materna; (2) comunicação em línguas estrangeiras; (3) competência matemática e competências básicas em ciências e tecnologia; (4) competência digital; (5) aprender a aprender; (6) competências sociais e cívicas; (7) espírito de iniciativa e espírito empresarial; e (8) sensibilidade e expressão culturais.

Basicamente, pode dizer-se que, apesar de aspectos ou de designações diferentes que possam ser usadas por diferentes autores ou estudos, as competências essenciais que todos os indivíduos devem adquirir e desenvolver, a obter principalmente através da educação básica obrigatória, para poderem depois serem aprendidas ao longo da vida e se adaptarem às mudanças sociais, desenvolvem-se sempre em torno das mesmas competências.

Apesar destes documentos se referirem primordialmente a medidas a adoptar para a educação básica e/ou a nível de secundário, focando-se essencialmente na educação formal, há também orientações para aqueles que não tiveram oportunidade de frequentar a escola, o que conduz ao conceito de educação de adultos, muitas vezes confundido com o de aprendizagem ao longo da vida.

A metodologia por competências pode ser a mais capaz para traduzir o espírito das teorias construtivistas e, portanto, adequada para responder aos desafios da educação que tem por missão dar resposta às mudanças vividas pela sociedade, formando pessoas competentes, com capacidades para se adaptarem a um mundo marcado pelas mudanças, pela globalização, pela heterogeneidade, e capazes de contribuir para o sucesso individual e colectivo.

Anteriormente, no relatório “Educação: um tesouro a descobrir” (Delors et al., 1996) tinha-se feito um agrupamento diferente de tais competências, tendo sido abordadas de outra forma. Nesse documento destacavam-se quatro pilares como sendo as bases para a educação ao longo da vida e que deviam ser tidas como orientação para as instituições de ensino implementarem uma metodologia inovadora baseada no desenvolvimento de competências que privilegiavam um desenvolvimento integral da pessoa, capacitando-a para actuar de forma responsável e eficaz na sociedade. Tal propósito revê-se naquilo que foi estabelecido como sendo a definição de “aprendizagem ao longo da vida”.

A Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, chefiada por Delors, identificou, então, quatro aprendizagens fundamentais, que podemos chamar também de quatro competências gerais, em torno das quais a educação se deve organizar para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, e para que cada indivíduo possa ter uma bagagem que lhe sirva ao longo da vida para o seu sucesso e para o sucesso da sociedade. Esses pilares são:

“aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver em comum aprender a fazer, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as actividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes.” (Delors et al, 1996, p.77)

Graficamente, os quatro pilares podem ser representados como na figura 2.1 e assim se entende, de forma mais clara, que “estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contacto, de relacionamento e de permuta” (*idem, ibidem*).



Figura 1.1. Os quatro pilares da educação
(retirado de <http://asbelascoisasdaminhavida.blogspot.com/2009/10/httpwww.html>)

Aprender a conhecer supõe “aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento” (Delors et al., 1996, p. 79). Esta aprendizagem refere-se à aquisição dos “instrumentos do conhecimento”. Debruça-se sobre o raciocínio lógico, compreensão, dedução, memória, ou seja, sobre os processos cognitivos por excelência. Contudo, deve existir a preocupação de despertar no estudante, não só estes processos em si, como o desejo de os desenvolver, a vontade de aprender, de querer saber mais e melhor. O ideal será sempre que a educação seja encarada, não apenas como um meio para um fim mas também como um fim em si.

Pretende-se despertar em cada aluno a sede de conhecimento, a capacidade de aprender cada vez melhor, ajudando-o a desenvolver as armas e dispositivos intelectuais e cognitivos que lhe permita construir as suas próprias opiniões e o seu próprio pensamento crítico.

Indissociável do aprender a conhecer, que lhe confere as bases teóricas, o aprender a fazer refere-se essencialmente à formação técnico-profissional do educando. Consiste essencialmente em aplicar, na prática, os seus conhecimentos teóricos. Actualmente existe outro ponto essencial a focar nesta aprendizagem, referente à comunicação. É essencial que cada indivíduo saiba comunicar. Não apenas reter e transmitir informação mas também interpretar e seleccionar o manancial de informação, muitas vezes composto de informações contraditórias, com que se é bombardeado diariamente, analisar

diferentes perspectivas, e refazer as suas próprias opiniões mediante novos factos e informações. Aprender a fazer envolve uma série de técnicas a serem trabalhadas. Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.

Aprender a viver com os outros é, para esta Comissão Internacional, um dos maiores desafios da educação devido à violência que impera no mundo, principalmente visível no potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século XX. Assim, a Comissão propõe duas estratégias para, através da educação, criar nas pessoas o espírito de tolerância, cooperação e de não-violência: a descoberta progressiva do outro e a participação em projectos comuns. Este domínio da aprendizagem consiste num dos maiores desafios para os educadores, pois actua no campo das atitudes e valores.

Aprender a ser, segundo a mesma Comissão, supõe o desenvolvimento total da pessoa que deve ser preparada principalmente para elaborar pensamentos autónomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesma, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. Este tipo de aprendizagem depende directamente dos outros três. O desenvolvimento total do indivíduo, “espírito e corpo, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade” (idem, p.99) é considerado a finalidade da Educação.

1.2. Literacia e literacia da informação

Sobre o conceito de literacia, Benavente et al. (1996, p. 4), apresentam uma definição simples e clara. Dizem os autores que literacias são “as capacidades de processamento da informação escrita na vida quotidiana. Trata-se das capacidades de leitura, escrita e cálculo, com base em diversos materiais escritos (...), de uso corrente na vida quotidiana (social, profissional e pessoal)”. Estas capacidades dizem respeito a coisas essenciais como ler, escrever e contar. Capacidades presentes, como se lê na citação anterior, no

dia-a-dia. Gomes (2004, p.115) enuncia uma série de situações que deveriam ser de fácil resolução, tais como as legendas na televisão, compras e trocos ou apanhar um autocarro; contudo tais situações representam, para muitos, verdadeiros obstáculos, já que a sua resolução, exige, em parte, o domínio de competências de literacia.

Ora, estas capacidades são várias e estão ligadas entre si. Uma delas é constituída pelas competências que terá sido necessário desenvolver com o advento das tecnologias de informação e comunicação. Assim, o conceito de literacia da informação surge muitas vezes associado a essa área. A clarificação da relação entre conceitos à volta das literacias, um conceito abrangente, permite entender melhor de que competências se está a tratar.

Um aspecto importante que Calixto (2004, p. 2) assinala, referindo-se a um relatório da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) de 2000, alerta para uma realidade bastante concreta e que fundamenta, sem dúvida, os esforços para o combate a altas taxas de iliteracia: “níveis de literacia elevados são hoje associados à empregabilidade e à cidadania”. Aliás, o conceito de literacia associado à construção da cidadania é recorrente na literatura sobre o tema.

Tal depende-se claramente se se atentar na definição do conceito de *literacia da informação*, entendida como:

“o processo de aprendizagem pelo qual se identifica uma necessidade ou se define um problema; procura recursos eficazes; reúne e consome informação; analisa e interpreta a informação: sintetiza e comunica com eficácia a informação e avalia o processo.” (CTAP, citado por RBE, 2008)

Por outro lado, é possível, hoje em dia, falar-se de *literacias*, e não apenas de *literacia*, no singular, muitas vezes entendida redutoramente como sinónimo, ou de alfabetização pura e simples ou, numa perspectiva mais contemporânea, de *literacia da informação*. Assim, a promoção de competências de *literacia* assume um papel cada vez mais importante a desenvolver por instituições como as escolas e/ou as bibliotecas, até porque

“ser capaz de ler não define a literacia no complexo mundo de hoje. O conceito de literacia inclui a literacia informática, a literacia do consumidor, a literacia da informação e a literacia visual. Por outras palavras, os adultos letrados devem ser capazes de obter e perceber a informação em diferentes suportes. Além do mais, compreender é a chave. Literacia significa ser capaz de perceber bem ideias novas para as usar quando necessárias. Literacia significa saber como [aprender].” (Stripling, citado por RBE, 2008)

Como se vê, a *literacia da informação*, sendo um dos elementos constituintes do conceito de *literacia*, não é seu sinónimo exclusivo, embora seja a forma de literacia cuja promoção, naturalmente, mais preocupa as bibliotecas públicas. Assim, a literacia da informação é mais do que pesquisar através de catálogos, bases de dados, ou materiais de referência. Ela é uma meta para aqueles que querem estar preparados para aprender ao longo da vida. É também por essa razão que os tradicionais serviços de formação de utilizadores (no uso dos catálogos, localização de documentos, etc.) se fundem hoje em dia nas actividades mais amplas de promoção da literacia, que implicam uma atitude pró-activa da biblioteca na aprendizagem dos próprios utilizadores face ao complexo fenómeno da informação.

No documento da IFLA (International Federation of Library Associations and Institutions) intitulado *Guidelines on Information Literacy for Lifelong Learning* (traduzido como *Diretrizes sobre Desenvolvimento de Habilidades em Informação para a Aprendizagem Permanente*) é apresentado um esquema (Figura 1.2) que permite visualizar a relação entre conceitos (Lau, 2008, p 9).



Figura 1.2. O conceito da literacia da informação e a relação com outros conceitos (Lau, 2008, p. 9)

Nesta tradução brasileira, a terminologia adoptada é de “habilidades informacionais” (*information literacy*), um conceito normalmente usado neste país para identificar aquele que em Portugal é denominado como “literacia da informação”. Este surge numa posição central para onde convergem uma série de outras habilidades e/ou competências necessárias.

Neste documento, a literacia da informação é apresentada como a capacidade ou domínio da competência da informação. Ora, o conceito de competência pressupõe a aquisição de um conjunto de conhecimentos e de processos que conduzem à compreensão, interpretação e resolução de situações. A aquisição de conhecimentos está estreitamente relacionada com a formação de utilizadores (idem, p.8), mas resulta de um processo construtivista, já que a aprendizagem é feita na perspectiva da resolução de problemas, e não somente da memorização. Ao fazê-lo, o indivíduo está a criar um novo entendimento mediante a reflexão e a pesquisa activa. Esta perspectiva construtivista pressupõe a aquisição de competências básicas, como seja, localizar e aceder à informação para depois, de uma forma mais completa, desenvolver habilidades para a avaliar, interpretar e usar, transformando-a em conhecimento. O conceito de literacia funciona assim na dependência de outros conceitos para que os utilizadores “se transformem em aprendizes qualificados” (idem, p.9).

Como bem reconhece este documento, o bibliotecário tem neste contexto um papel essencial já que é sua função a:

“transformação num indivíduo ‘pedagogicamente sofisticado’, utilizando uma variedade de actividades apropriadas para possibilitar os resultados esperados de aprendizagem, capacitar os estudantes para realizarem a avaliação e reconhecerem tantos estilos de aprendizagem e recursos – de maneira real – quantos forem possíveis.” (idem, ibidem)

O papel das bibliotecas públicas, porém, não se esgota no apoio aos estudantes, pois é sua função apoiar e promover a aquisição de competências de literacia, necessárias à aprendizagem ao longo da vida e ao exercício de cidadania em toda a população de uma comunidade local. Este aspecto será desenvolvido no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2. A BIBLIOTECA PÚBLICA: ESTRATÉGIAS AO SERVIÇO DA COMUNIDADE

2.1. O papel da biblioteca pública na sociedade do conhecimento

Uma das doze missões delineadas pela IFLA no seu *Manifesto sobre as Bibliotecas Públicas* (1994) visa essencialmente a formação de utilizadores que, como já vimos, se traduz actualmente, quase 20 anos passados, pela promoção de competências em literacia da informação.

A biblioteca revela-se um instrumento importante para a igualdade de oportunidades, já que, para além de facultar o acesso aos seus próprios recursos, ela pode possibilitar o acesso aos recursos de outras bibliotecas e serviços de informação através da participação activa em redes electrónicas. Ela é, pois, o portal electrónico de acesso à informação na era digital, mantendo o seu papel de portal de acesso local à informação. Ela acompanha o desenvolvimento da sociedade da informação revelando-se como apta para o fazer.

Uma missão que lhe cabe nesta nova era será a de desempenhar a função de uma rede de segurança contra o risco que correm alguns sectores da sociedade, de exclusão dos avanços tecnológicos, aquilo que é conhecido como o fenómeno da info-exclusão social.

A biblioteca pública deve servir as pessoas de todas as idades e em todas as fases da vida, indivíduos e grupos com necessidades especiais, não só os portadores de deficiências, mas também os provenientes de culturas diferentes ou mesmo os impossibilitados de se deslocarem de suas casas, como idosos, hospitalizados, reclusos, entre outros, assim como os grupos-alvo potenciais, as instituições dentro da rede comunitária alargada, como empresas, escolas ou associações.

Um dos vários serviços a prestar pela biblioteca pública será o apoio à aprendizagem ao longo da vida, cooperando com escolas e outras instituições

educacionais no apoio à educação formal de estudantes de todas as idades. A biblioteca pode também desempenhar esta sua missão proporcionando o acesso a um leque de materiais sobre os mais variados temas, facilitando o acesso dos utilizadores a meios de exploração dos seus interesses e de apoio à sua educação formal ou informal, fornecendo materiais de apoio à alfabetização e ao desenvolvimento de competências básicas.

A biblioteca pública deve auxiliar os seus utilizadores no desenvolvimento de competências que lhe permitam tirar o máximo partido dos recursos e serviços de biblioteca, o que é o princípio da formação de utilizadores. À medida que as novas tecnologias se vão tornando cada vez mais disponíveis, o papel da biblioteca pública é de importância vital, tanto no fornecimento de acesso às referidas tecnologias, quanto no apoio à aprendizagem da sua utilização otimizada.

Os profissionais da biblioteca devem ser “assistentes de navegação”, contribuindo para que os utilizadores façam o melhor uso possível das tecnologias de informação e comunicação.

A biblioteca deve desenvolver programas de formação de utilizadores. Deve ainda, regularmente, realizar visitas guiadas de forma a proporcionar às pessoas a familiarização com as suas instalações, os seus serviços e recursos, bem como com o modo de utilização de instrumentos de trabalho, como, por exemplo, os catálogos.

Cada biblioteca tem um papel no desenvolvimento da literacia da informação e deve promover um programa de promoção, pois a biblioteca é:

- “- Repositório de conhecimento.
- Reserva de informação em múltiplos formatos.
- Centro com bibliotecários que são especialistas em informação.
- Departamento com espaço de aprendizagem.
- Lugar de interação com pares e equipas de aprendizagem.
- Espaço para socialização do conhecimento.
- Lugar com consultores de informação e especialistas em referência.
- Centro com acesso a computadores, processamento e comunicação do conhecimento.
- Portal de internet, mundo de informação” (Lau, 2008, p.14).

Estas características da biblioteca não se devem limitar ao seu espaço físico tradicional no edifício a ela destinado, mas devem também ser estendidas a espaços móveis, a serviços de itinerância, sem hipotecar a sua natural função e missão.

As directrizes internacionais da IFLA (Lau, 2008) que, regra geral, orientam estas instituições, estão organizadas de acordo com os três componentes básicos da literacia da informação, a saber: acesso (o utilizador consegue ter acesso à informação de um modo eficaz e eficiente); a avaliação (o utilizador avalia a informação de modo crítico e competente) e o uso da informação (o utilizador usa/aplica a informação com precisão e criatividade).

Assim, compete às instituições providenciarem políticas de forma a poder cumprir tais princípios, pois:

“Apenas podem ser prestados serviços de qualidade quando a biblioteca está sensibilizada para as necessidades dos seus utilizadores e adapta os seus serviços de forma a satisfazê-las. Um utilizador satisfeito é o melhor defensor do serviço de biblioteca.” (IFLA, 2003b)

O objectivo do Projecto da IFLA intitulado “The role of public libraries in lifelong learning” (2000) era o de explorar as possibilidades das bibliotecas públicas poderem desempenhar um papel mais activo na aprendizagem ao longo da vida e de estabelecerem instrumentos que permitam às mesmas e aos profissionais de informação tornarem-se parceiros activos nos sistemas educativos. Tal projecto consistia na recolha da informação e análise de boas práticas, visando identificar necessidades de mudanças com vista à construção de uma rede dentro da comunidade de bibliotecas, entre estas e a comunidade educativa, bem como entre as bibliotecas públicas e a sociedade. Tal projecto vem reforçar a importância das bibliotecas na aprendizagem ao longo da vida.

Mais recentemente, o Projecto ENTITLE III (Europe’s New libraries Together In Transversal Learning Environments), um programa comunitário, veio salientar, uma vez mais, o papel das bibliotecas públicas no contexto da aprendizagem ao longo da vida. Este projecto, composto por seis directrizes, visa essencialmente:

“- Identificar questões relacionadas com a política e as práticas que necessitam de ser trabalhadas, testemunhos de boas práticas nessas áreas, assim como serviços, ferramentas e abordagens específicas utilizadas para a aprendizagem no contexto das bibliotecas públicas.

- Apoiar o trabalho supra referido, através de recomendações aos estados membros e à UE, no sentido de apoiar e expandir o contributo desta parte do sector informal para as acções e políticas da aprendizagem ao longo da vida.” (ENTITLE, 2009)

Os destinatários das recomendações e directrizes citadas são vários. Entre eles estão os gestores das bibliotecas e os profissionais dos serviços de

aprendizagem, bem como professores e outros profissionais ao nível da escola, passando pelos decisores políticos e departamentos de ensino.

Realce-se o papel que é atribuído à biblioteca pública no âmbito da aprendizagem informal, combatendo a iliteracia digital e a exclusão social.

2.2. Os serviços de itinerância

2.2.1. Conceito e história geral

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (1991) a palavra itinerante tem a sua raiz na palavra latina *itinerare*, que significa deambular, sendo esta uma forma de participio, significando deambulante, aquele que anda sempre. Assim, a itinerância não será mais do que percorrer um roteiro, um caminho, e diz-se de alguém ou de alguma coisa que viaja de lugar em lugar. A itinerância é inerente à condição humana, pois o ser humano é um ser errante. Procurar a origem da itinerância é recuar até aos primórdios da humanidade onde encontramos os seres humanos agrupados em comunidades nómadas. Mais tarde, as sociedades evoluíram para hábitos sedentários, mas a propensão para a errância foi-se mantendo, pois ela é um elemento estruturante da vida social. À semelhança de itinerante, também a designação móvel (biblioteca móvel) tem a ideia de movimento.

De entre os serviços oferecidos à sociedade pela biblioteca, estão os de extensão bibliotecária e cultural, onde a biblioteca itinerante tem o seu encaixe perfeito.

As designações para este tipo de biblioteca são várias: biblioteca itinerante, biblioteca móvel, bibliobus, etc. Em Espanha, normalmente surge associado a este conceito, um outro, o de “biblioteca rural”. A ideia expressa sobretudo na literatura espanhola de “biblioteca rural” está relacionada com a sua origem, pois os primeiros serviços teriam servido as populações das zonas rurais. Contudo, esta visão está relativamente ultrapassada, já que actualmente este tipo de serviço chega também aos subúrbios das cidades, abordando utilizadores que por qualquer motivo não podem recorrer aos serviços fixos da biblioteca pública.

O conceito de biblioteca móvel, ou biblioteca itinerante, é no âmbito deste trabalho aquele que foi proposto por Henriques (2009, p. 32)

“um serviço de extensão bibliotecária da biblioteca pública, que é disponibilizado através de um qualquer meio de transporte (carro, barco, comboio, etc.) e por meio do qual são levados os serviços básicos de biblioteca até comunidades desfavorecidas pela sua localização geográfica (pequenas comunidades, áreas rurais, bairros periféricos de zonas urbanas) ou públicos específicos (prisões, lares de idosos ou escolas), e que a esses mesmos serviços não podem ter um fácil acesso.”

Obviamente que para desempenhar estas funções devem observar-se uma série de condições: estar integrada num sistema bibliotecário; dispor de um bom sistema de comunicações e de infra-estruturas; dispor de uma colecção informatizada e acessível electronicamente, complementada com o acesso à internet; identificar-se com o território e, condição fundamental, possuir pessoal capacitado, isto é, especializado/formado (Bailac, 2002).

Segundo Arroyo Ortega e Treviño Blasco (2005), o serviço de biblioteca itinerante celebrou recentemente o seu centenário. A primeira biblioteca móvel terá tido como promotora uma mulher de nome Mary Titcomb, personagem importante na área da biblioteconomia e ciências da informação. Esta senhora, depois da sua chegada a Maryland, em 1901, criou um serviço de depósito de caixas de livros, contudo, ainda não satisfeita com este préstimo, desenvolveu o projecto dando origem à primeira biblioteca móvel. Esta consistia numa carroça puxada por dois cavalos, equipada com prateleiras do lado exterior e com espaço no interior para armazenamento de cerca de 2560 volumes (Levinson, 1991). Ela chamou a esta sua biblioteca “book wagon”. O seu intuito seria o de fazer chegar os livros aos agricultores. Este mesmo primeiro serviço de biblioteca itinerante (Figura 2.1) começou a funcionar em 1905, nesse estado norte-americano, pela mão de Joshua Thomas, que ficou célebre não só por ter a seu cargo esta “biblioteca inusitada”, como também pela sua competência como animador do serviço, reconhecendo-se à época a sua capacidade de cativar o público com as histórias e narrações que fazia (Arroyo Ortega e Treviño Blasco, 2005; Arana Palacios e Olaso Val, 1996, p. 91). Joshua Thomas era um cidadão local, veterano de guerra, que depois do seu regresso percorria regularmente as estradas locais comprando produtos para o mercado de Hagerstown. Este facto conferia-lhe um conhecimento útil não só dos itinerários, como também uma proximidade às pessoas. Este vagão foi

destruído por um comboio enquanto atravessava uma linha férrea, depois de cinco anos a deslocar-se de quinta em quinta. Os cavalos e Thomas sobreviveram ao acidente, mas a carroça ficou totalmente destruída, o que obrigou a uma paragem de cerca de um ano deste serviço.

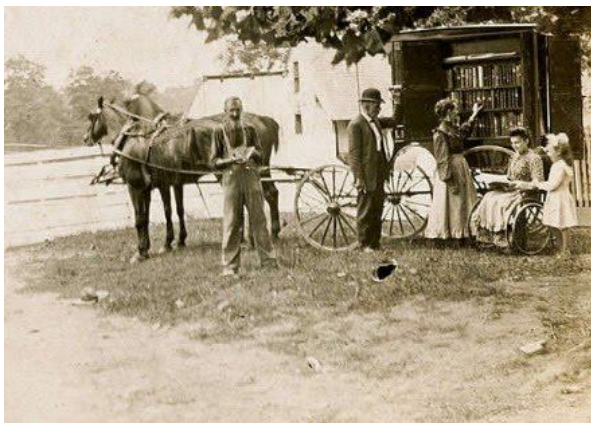


Figura 2.1. A primeira biblioteca móvel, Washington County Free Library, Hagerstown (Maryland), 1905 (Fonte: <http://www.appalachianhistory.net/2009/12/first-bookmobile-in-country.html>)

Na opinião de Arana Palacios e Olaso Val (1996, p 91), para se traçar a história das bibliotecas móveis é necessário, por um lado, ter em conta os esforços dos livreiros em fazer chegar as suas mercadorias até às zonas mais longínquas e, por outro, estudar o compromisso dos poderes públicos com a ideia da difusão da cultura. A história começa a traçar-se quando estes dois factores se encontram. Neste enfoque, é necessário recuar um pouco mais no tempo, embora não se pretenda fazer aqui uma explanação exaustiva da história das bibliotecas itinerantes.

A origem embrionária deste serviço situa-se na Inglaterra, no século XVIII onde se encontram registos de clubes do livro e de sociedades da leitura. É ainda neste país que há notícia, no século XIX, das “circulating libraries”, (‘bibliotecas circulantes’). Estas bibliotecas satisfaziam fins comerciais, já que para delas usufruir era necessário pagar uma cota mensal ou anual. Terá sido por intermédio deste género embrionário de biblioteca itinerante que a classe média em ascensão teve acesso a uma variada gama de documentos, especialmente de ficção.

Já no início do século XIX, na Escócia, Samuel Brown tem a ideia de criar uma biblioteca itinerante. Esta consistiria numa pequena quantidade de documentos, cerca de 50, que faria chegar às populações, onde se encontraria

uma pessoa responsável por esses livros. A ideia era, a cada dois anos, proceder-se à renovação dos documentos. O objectivo seria que cada um dos habitantes pudesse encontrar um livro a menos de 2,5 km da sua residência (Arana Palacios e Olaso Val, 1996, p 92).

Outro marco importante acontece na década de 90 do século XIX, quando Melvil Dewey, conhecido como o pai da biblioteconomia moderna, responsável pela criação da Classificação Decimal Dewey (CDD), teve permissão para testar um método, este sim, já de carácter meramente biblioteconómico, que consistia em enviar colecções itinerantes para todo o condado. O cerne principal para o desenvolvimento deste tipo de serviço rodava à volta da opinião de Dewey de que fazem muito mais por um cidadão muitas bibliotecas pequenas do que uma biblioteca grande. Assim faz todo o sentido fazer chegar às pessoas o maior número possível de livros (idem, ibidem). Este tipo de biblioteca, que se iniciou no estado de Nova Iorque, ficou conhecido como “traveling libraries”. Este sistema consistia numa pequena colecção circulante composta por 30 a 100 documentos. Estas caixas ficavam alojadas em lojas ou postos do correio onde existia uma espécie de “guardião” que se responsabilizava pela colecção.

A origem dos serviços data-se, então, de 1905, mas a história não para, a tecnologia evolui e, assim, por volta de 1912, utilizou-se pela primeira vez um veículo motorizado (Figura 2.2) para este serviço, nos Estados Unidos, e passados seis anos, o mesmo acontece na Grã-Bretanha (Kalus, 2009).



Figura 2.2. Uma das primeiras bibliotecas móveis motorizadas (1912) (Fonte: <http://www.wisconsinhistory.org/whi/fullimage.asp?id=28763>)

Os serviços móveis, como que se de uma moda contagiante se tratasse, foram-se estendendo pelo mundo. Assim, em 1925, um outro país, a

Alemanha, passa também a disponibilizar um serviço itinerante com um veículo motorizado. Tratava-se de um Ford, modelo T, que transportava 600 livros e que percorria 52 localidades. Este serviço durou somente três anos devido a problemas financeiros (idem, ibidem).

Sabe-se, contudo, que neste país circulavam já anteriormente as “traveling libraries” que inspiraram Augusto Ataíde para a implementação da primeira biblioteca móvel em Portugal (cf. Ataíde, 1915, p.90-91).

Em 1928, em Munique, aparece um novo tipo de biblioteca itinerante: a biblioteca num eléctrico (cf. Figura 2.3). Esta biblioteca tinha uma colecção de cerca de 3000 livros. Este serviço manteve-se em funcionamento durante quarenta e dois anos, apenas tendo sido interrompido no último ano da II Guerra Mundial.



Figura 2.3. Imagens do filme "Meet the travelling tram library of Munich" de 1932 (Fonte: <http://www.britishpathe.com/record.php?id=9003>)

Este serviço terá sido o primeiro a funcionar em meio cidadão. Num pequeno filme de 1932, com o título “a biblioteca viajante: conheça a biblioteca viajante do eléctrico de Munique, feita funcionar pelo Estado (e electricidade) faz circular a sua colecção pelas estradas dos centros de distribuição periférica. Um serviço muito útil,” pode ver-se a biblioteca a percorrer uma rua movimentada de Munique, os livros a serem recolhidos de um ponto fixo e a serem colocados no interior do carro. Apesar de as imagens serem bastante escuras, é possível identificar as estantes no interior da viatura. Um grande número de pessoas aguarda a paragem da biblioteca e, quando esta abre as suas portas, detectam-se pequenas lutas para entrar. Um filme interessante para constatar a adesão e importância do serviço.

Imagens de outras bibliotecas são conhecidas noutros pontos do globo, adoptando meios de transporte diversos, evoluindo mercê das vicissitudes dos tempos, mas mantendo a sua matriz essencial: aproximar os livros dos leitores.

2.2.2. A biblioteca itinerante em Portugal

Após a implementação da República, proclamava-se, de acordo com um decreto “com força de lei de 18 de Março de 1911” (Ataíde, 1915, p. 89), o propósito de as bibliotecas tornarem os livros úteis aos cidadãos, permitindo o acesso aos mesmos e à leitura domiciliária. A constatação da ausência de bibliotecas populares levou os Serviços de Inspeção das Bibliotecas Populares e Móveis, em 1914, a iniciar um processo centralizado de organização e distribuição de bibliotecas. Segundo Ataíde (1915, p. 90), as bibliotecas móveis propostas inspiravam-se nas pequenas “travelling libraries” instaladas em carros de rodas que acompanhavam os trabalhadores das florestas e dos caminhos-de-ferro à medida que os acampamentos se deslocavam. A versatilidade, a economia, o carácter prático e fácil destas bibliotecas explica a adesão a este tipo de biblioteca móvel em diferentes países, tais como a Alemanha, a Holanda, a Suécia, a Noruega ou ainda os Estados Unidos para a difusão da leitura em localidades distantes (*idem*, p. 90).

Assim, poderá dizer-se que a primeira biblioteca móvel a funcionar em Portugal terá sido a caixa-estante. O modelo proposto por Augusto Ataíde, funcionário dos Serviços de Bibliotecas da República, foi adoptado da congénere alemã, como o próprio refere, e registada em 1914 pela Inspeção das Bibliotecas e Arquivos. Esta diferia, contudo, do modelo alemão por ser uma “unidade completa de biblioteca” (*idem*, p. 91), uma vez que fora concebida como uma biblioteca autónoma, dado que integrava estantes, livros, catálogo e sistema de empréstimo. Foi também criada de modo a poder adaptar-se a todo o tipo de transportes, nomeadamente às carroças e às vias-férreas, “enquanto o automobilismo, revolucionando o serviço das bibliotecas ambulantes, as não fizer regressar ao primitivo tipo de instalação em carro, embora notavelmente aperfeiçoado” (*idem*, *ibidem*). Propunham-se então dois tipos de biblioteca-caixa que diferenciavam na sua capacidade: a biblioteca móvel tipo A, com capacidade para 400 livros e a de tipo B, para 200. A primeira destas bibliotecas terá começado o seu percurso em Alpiarça, e era uma biblioteca móvel tipo A (Figura 2.4).



Figura 2.4. Primeira biblioteca móvel portuguesa -Tipo A (Fonte Ataíde, 1915, p. 91)

Em termos práticos, estes bons princípios não tiveram o resultado que se almejava. Segundo Nunes (1998, p. 29) “em 1919 existiam 68 bibliotecas municipais, das quais 12 se encontravam em organização e 37 possuíam menos de dois mil volumes”.

Quanto às bibliotecas móveis constituídas em 1920, sabe-se que em 1922 funcionavam 22 e em 1926 apenas circulavam 19, com índices de utilização baixíssimos (idem, ibidem).

Estas bibliotecas do início do século estão na origem das bibliotecas-caixa actuais e uma das protagonistas dos serviços de extensão bibliotecária em funcionamento. Em geral, concebidas e coordenadas pelas bibliotecas públicas, as modernas bibliotecas-caixa compostas por uma colecção de livros renovados periodicamente são emprestados colectivamente a escolas, lares, hospitais, prisões, centros de dia ou ainda a outras instituições. Esta é pois, uma forma de itinerância. Existem também outras iniciativas, que, fora do âmbito das bibliotecas municipais são a continuidade desta mobilidade, como seja aquelas que o ex-Instituto Português do Livro e das Bibliotecas ofereceu a Timor e Moçambique, ou ainda, a iniciativa Biblioteca Móvel da Saúde, diligência da Ordem dos Enfermeiros e do Conselho Internacional dos Enfermeiros (Macedo et al., 2009).

Decorridos quarenta e nove anos, em 1953, uma carrinha devidamente apetrechada percorreu algumas estradas e lugares de Cascais, dando origem à primeira carrinha itinerante em Portugal, criada por Branquinho da Fonseca,

conservador-bibliotecário do Museu-Biblioteca Conde Castro Guimarães. Parece que esta não seria mais do que uma actualização dos primeiros bibliomóveis dos países saxónicos, tal como Augusto Ataíde preceituara em 1914. (cf. Ataíde, 1915, p. 92).

Ainda em 1958, baseado na experiência de Branquinho da Fonseca e sob a sua orientação, foi criado pela Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), instituição privada, o Serviço de Bibliotecas Itinerantes, com o intuito de tentar resolver um problema: o da educação pós-escolar dos cidadãos, “e na sua expressão mais moderna, as bibliotecas itinerantes são a demonstração das possibilidades e das necessidades actuais de informação em todos os países civilizados” (FCG, 1962, p.236).

Esta iniciativa da FCG veio contribuir para um melhoramento do plano de leitura nacional, apesar de a legislação criada pela ditadura afirmar pretender lançar no país uma vasta rede de leitura e cultura popular, centrada na Biblioteca Pública de Lisboa, já que se reconhecia que as bibliotecas podiam ajudar a combater as elevadas taxas de analfabetismo nacional. A verdade, porém, é que as políticas e as práticas de censura e restrição à liberdade de pensamento e de expressão condicionaram a concretização desta medida. Assim, a FCG, e apesar dos condicionalismos a que estava sujeita, permitia que, pela primeira vez, os livros chegassem massiva e livremente a grande parte do território nacional.

As bibliotecas itinerantes ou carros-biblioteca, cujo serviço arrancou com quinze unidades, levavam a bordo cerca de dois mil volumes arrumados nas estantes. Os livros eram organizados de forma pré-determinada. Nas prateleiras inferiores, encontravam-se os livros para crianças, nas do meio a literatura de ficção, de viagem e biografias e, por fim, nas superiores, os livros menos procurados, de filosofia, poesia, ciências e técnica.

Em 1962, quatro anos após o seu arranque, existiam 47 bibliotecas itinerantes, o número de leitores rondava os trezentos mil e os livros emprestados atingiam os 3 milhões (FCG, 1962, p. 204).

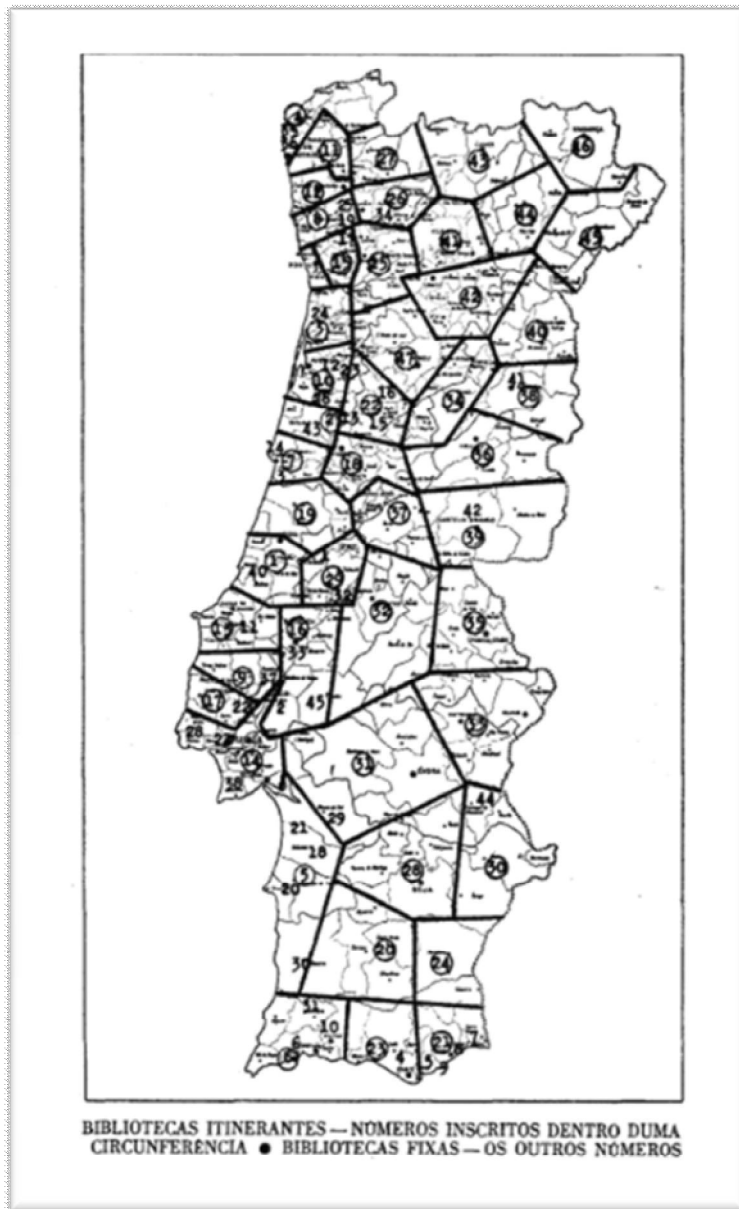


Figura 2.5. Bibliotecas fixas e móveis em 1962 (FCG, 1962)

O grande número de bibliotecas itinerantes, em 1966, deve-se fundamentalmente à mecenática função da Fundação Calouste Gulbenkian, mas também às Câmaras Municipais de Lisboa e Porto.

Muitas outras câmaras, em colaboração com a Fundação, organizaram, no final da década de 60 do século XX, bibliotecas fixas, “solicitadas pelos interesses e necessidades das populações locais” (FCG, 1966, p 143).

Após a Revolução do 25 de Abril de 1974 e com a instalação da democracia em Portugal, a FCG continuou a assegurar a disponibilização de livros e a proporcionar a prática da leitura até ao início da primeira década do século XXI.

A questão das bibliotecas não foi uma preocupação imediatamente prioritária na pós-revolução, pois só em 1987 se deu início à prática do Programa Nacional de Leitura Pública (PNLP) que emanava de uma estratégia claramente definida, explicitada no relatório “Leitura pública: rede de bibliotecas municipais”, da então Secretaria de Estado da Cultura, de dotar o território continental português com modernas bibliotecas públicas.

Em 1985, um inquérito revelou que, dos 275 municípios que constituem o território nacional, apenas cerca de 90 dispunha de biblioteca e só metade cumpriria as funções consagradas no Manifesto da Unesco (Nunes, 1998, p. 32).

Em 1996, após um período de desinvestimento nas bibliotecas itinerantes, desenvolveram-se esforços para fazer ressurgir modernas bibliotecas móveis.

Na viragem do século, a FCG propõe a transição das bibliotecas para as autarquias, as quais, em parceria com a administração central através do programa da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, foram progressivamente assumindo a gestão e o desenvolvimento das bibliotecas municipais e conseqüentemente, dos serviços de extensão bibliotecária. O serviço de bibliotecas fixas da FCG foi extinto em 2002.

“Nos últimos anos, cada vez mais autarquias e bibliotecas municipais têm vindo a dar-se conta das grandes potencialidades das bibliotecas itinerantes na promoção a leitura e da cidadania no nosso país, tornando-as de novo evidentes com o desenvolvimento pelas cerca de 50 bibliomóveis que actualmente circulam no nosso país”. (Macedo, *et al.*, 2009, s. p.)

As bibliotecas itinerantes acompanharam os tempos, adaptaram-se e modernizaram-se, tecendo sólidas redes de leituras e de afectos nos mais distantes e isolados concelhos portugueses. Na sua maioria são de pequena dimensão, o que lhes traz duas vantagens: percorrerem as mais isoladas estradas do país e serem conduzidas por qualquer pessoa com carta de ligeiros. Na generalidade, os chamados bibliomóveis transportam mais de mil itens, entre livros, revistas, cd’s e dvd’s, e acesso à internet.

2.2.3. A importância das bibliotecas itinerantes no mundo contemporâneo

Para entender a importância das bibliotecas itinerantes é preciso, em primeira instância, reflectir sobre as suas funções. Comalat e Reyes (2001, p. 74-75) apresentam cinco funções para um serviço de biblioteca itinerante:

- “- Potenciar o uso e o conhecimento dos serviços e da estrutura bibliotecária (...);
- Ser um ponto de encontro cultural que favoreça a comunicação intergeracional, mas também dos sectores da população distante (...);
- Mediador para a informação individual e colectiva (...);
- Tornar a leitura mais uma possibilidade de ócio e de conhecimento (...);
- Ser uma ferramenta para a criação de uma identidade local (...).”¹

Já no âmbito das tecnologias da informação, Bailac (2002, p. 6) enumera quatro funções que podem e devem ser desenvolvidas neste tipo de serviço:

- “- Facilitar o acesso aos recursos informativos próprios e do sistema da biblioteca de que está dependente (coleções documentais e recursos electrónicos) através de um serviço de informação e de empréstimo e empréstimo interbibliotecário;
- Facilitar a formação (oficinas a realizar na biblioteca itinerante e/ou em salas de apoio);
- Construir conteúdos (página Web);
- Incrementar a comunicação, a informação e a participação dos utilizadores (por meio do correio electrónico, telefone, Web interactiva ou boletim electrónico).”²

Nestas funções está inerente a importância da biblioteca itinerante. Ao colocar em funcionamento um serviço deste tipo só se pode chegar à mesma conclusão que Bailac (2002):

“El bibliobús, con los mismos servicios que una biblioteca estable (incluido el servicio de internet), significa la posibilidad de rentabilizar al máximo una inversión, ya que los recursos pasan de ser utilizados únicamente por un municipio a ser utilizados por más de 10.”

Esta importância torna-se muito acentuada em zonas rurais. Arroyo Ortega (2005) reconhece a diferença de recursos que existem entre os maiores centros urbanos e os mais pequenos, em termos de disponibilidade de recursos. Assim, se os meios pequenos têm na sua sede importantes equipamentos culturais e desportivos como piscinas, pavilhões e mesmo bibliotecas, tal facto não significa que esses serviços cheguem a toda a população. Reconhece ainda que nestes meios essencialmente rurais, existe

¹ Tradução livre da autora deste trabalho.

² Tradução livre da autora deste trabalho.

uma grande falta de actividades culturais e de alternativas para ocupar os tempos livres. Neste contexto, a utilização de serviços itinerantes é uma alternativa viável para combater esta desigualdade no acesso à informação. Como reconhece este autor, a cultura e a educação deveriam ser um direito de todos os cidadãos, independentemente do meio onde vivem. Os serviços bibliotecários móveis vêm contribuir para a universalização do acesso aos serviços públicos da biblioteca com uma qualidade comparável à biblioteca fixa. É sobejamente reconhecido o papel da biblioteca como “a porta local de acesso ao conhecimento” (IFLA/UNESCO, 1994). Ora, neste contexto da sociedade de informação, a biblioteca, saindo de portas e oferecendo aos seus potenciais utilizadores serviços de proximidade, indubitavelmente, potencia esse seu papel.

A biblioteca itinerante tem também um papel importante de integração social, como mostrou Gual Boronat no 4º Congreso de Bibliotecas Móviles, realizado em León em 2009, dando o seu exemplo na Bibliobus da cidade de Gandia. Este serviço de extensão bibliotecária serve os bairros periféricos com alta densidade populacional e não localizados nas imediações de qualquer uma das seis bibliotecas públicas existentes na cidade.

A IFLA, aliás, procedeu à avaliação deste tipo de bibliotecas com o objectivo de aprender com as suas experiências para as aplicar noutras regiões do globo. Nos documentos desta organização destacam-se alguns exemplos que a seguir se enumeram, sem pretender fazer uma exposição exaustiva de todos eles ou pormenorizar cada uma das situações.

Em países como o Quénia, onde os recursos financeiros não são abundantes, os livros são transportados por camelos até regiões como Garissa, um distrito do nordeste, que faz fronteira com a Somália. Esta região é uma das menos desenvolvidas do mundo e tinha uma taxa de analfabetismo, em 2002, de 85% (IFLA, 2002a).

Nesta área, os camelos são o meio mais eficaz de transporte (Figura 2.6). Este serviço, que se iniciou em 1996, com três animais, passou a dispor de seis até 2001, abrangendo um raio de 20 km e tem como objectivos e público-alvo prioritários os pastores, as escolas, a alfabetização de adultos e os campos de refugiados somalis.



Figura 2.6. Quênia: bibliocamelo (fonte: <http://www.boingboing.net/2007/02/20/kenya-help-the-camel.html>)

Masha Hamilton, uma jornalista e escritora norte-americana, autora de *The Camel Bookmobile* foi uma impulsionadora deste projecto, pois enquanto escrevia uma das suas obras conseguiu angariar sete mil livros para este projecto com uma campanha de doação. Desta forma, as crianças e adultos pobres passaram a ter acesso à educação e a poder sonhar com um futuro melhor. Numa foto-reportagem da BBC (disponível em http://news.bbc.co.uk/2/shared/spl/hi/picture_gallery/05/africa_kenyan_camel_library/html/8.stm) pode compreender-se o impacto deste serviço e constatar também que o mesmo serve de apoio às escolas, tendo já sido registados resultados positivos pois os níveis de educação melhoraram e, segundo Rashid Farah, o bibliotecário, ouvido nessa reportagem, os alunos locais tiveram bons resultados nos exames nacionais. De acordo com a mesma reportagem, este serviço tem a adesão da população servida, contando à data da sua realização, com 3.500 utilizadores. As causas apontadas para as altas taxas de iliteracia locais, e que esta forma de biblioteca móvel tem de ter em conta, são várias, nomeadamente, o modo de vida semi-nómada, a “pobreza crónica”, a seca e a fome.

Outro exemplo que se pode apontar é o caso do Zimbabwe. Neste país, os livros chegam às populações isoladas de Nkayi por meio de burros, estimando-se uma taxa local de analfabetismo de 86%. Este serviço, além dos documentos em suporte papel leva até às populações um verdadeiro “centro de comunicações” com rádio, telefone, fax e internet, pois a carroça está equipada com um painel solar instalado na parte superior da mesma, possuindo uma

bateria que é alimentada por esse painel solar que fornece a energia eléctrica necessária aos aparelhos audiovisuais que transporta (IFLA, 2002b). Estas são apenas algumas características destas unidades móveis de biblioteca.



Figura 2.7. Zimbabwe: biblioteca puxada por burros (Fonte: <http://archive.ifla.org/V/press/pr0225-02.htm>)

A importância deste serviço reside na oferta dos serviços da biblioteca fixa a comunidades remotas ou residentes em áreas quase inacessíveis, devido a infra-estruturas rodoviárias insuficientes, ou quase inexistentes, destacando-se que esta unidade móvel oferece já o acesso às tecnologias da Informação e comunicação.

Outros exemplos de bibliotecas móveis utilizando animais podem ser apontados, como é o caso da Venezuela, em que os livros são transportados sobre mulas.

Utilizando animais, barcos, autocarros, os mais variados meios de transporte servem, em todo o globo, para levar livros e informação às populações mais isoladas. Seja qual for o seu meio de transporte, os serviços móveis de bibliotecas exercem demasiada importância, como bem concluiu Arroyo Ortega e Treviño Blasco (2005):

“La biblioteca móvil no es un instrumento de extensión bibliotecaria del pasado. En el siglo XXI conserva una vigencia total y es el mejor, y quizá el único, modo que existe en estos momentos de ofrecer un buen servicio de biblioteca pública a las zonas rurales.”

CAPÍTULO 3. A HISTÓRIA LIVRESCA E BIBLIOTECONÓMICA DE CHAVES

“As bibliotecas não se fazem, crescem”.³
Augustine Birrell

A cidade de Chaves, desde tempos imemoriais que se afirma como uma terra de altos símbolos culturais. Muitos motivos dão força a esta tese, desde os tempos dos romanos, com muitos e ricos vestígios a atestarem essa importância, até ao quotidiano.

Com a queda do império romano, o Bispo Idácio, também cronista, narrador dos factos de então, deixou-nos o seu “Cronicão” antes de ser preso pelos Suevos na sua igreja de Aquae Flaviae.

A Idade Média, considerada de tempo das trevas, foi fértil na cultura livresca. Chaves é prova disso, pois foi palco da impressão dos dois primeiros livros em língua portuguesa, “*O Sacramental*”, em 1487 e o “*Tratado de Confissão*”, em 1488.

Tudo leva a crer que a primeira biblioteca pública de Chaves foi fundada no último quartel do século XIX, em data que não se pode precisar, pelo então Presidente da Câmara, José Homem de Sousa Pizarro, tendo funcionado nos baixos do edifício camarário durante cerca de 25 anos. Depois, sob pretexto de mudança de local, o seu espólio é disperso e saqueado, permanecendo nesta situação durante mais de 30 anos. Em 1929, a vereação que dirigia as actividades municipais, decidiu formar uma comissão que reorganizasse “... por necessidade imperiosa, a Biblioteca Municipal e bem assim a instalação em Chaves de um Museu Arqueológico e Regional” (Barros, 1960).

Após um período algo conturbado, marcado por sucessivas transferências do fundo documental, ora instalado no Liceu de Chaves, ora no edifício da Câmara, a Biblioteca é finalmente instalada na antiga Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Passada uma década regressa ao antigo Liceu

³ Retirado de *Serviço de bibliotecas e apoio à leitura*, da Fundação Calouste Gulbenkian (1994), p. 46

e em 1960, por motivos de venda do edifício onde se encontrava, é instalada no antigo edifício das Paços do Duque de Bragança.

Na década de 70, na recentemente implantada democracia e na tentativa de popularizar a cultura, a autarquia manteve e reforçou a sua biblioteca. Instalada no 1º andar dos Paços do Duque de Bragança (no rés-do-chão encontra-se ainda o Museu da Região Flaviense) passou a usufruir de uma sala autónoma, com luz, estanteamento e mobiliário adequados para a função da biblioteca.

Estava-se ainda longe de um verdadeiro serviço público. A biblioteca era assumida mais como um repositório do saber, com um espólio com objectivos mais bibliófilos e menos bibliográficos (a conservação superava a difusão). O ideal será conciliar estas duas perspectivas, pois a missão da Biblioteca é também proteger para preservar: aí reside a memória da comunidade, mas essa memória tem que estar em pleno ao serviço do leitor. Concorda-se com Eco (1998, p. 42) quando diz que se deve saber “...se queremos proteger os livros ou dá-los a ler. Não estou a dizer que é preciso optar por dá-los a ler sem os proteger, mas também não se deve optar por protegê-los sem os dar a ler”.

A leitura era apenas de presença. À luz de tais objectivos de preservação, não se admitia a hipótese de algum dos seus documentos poder integrar o serviço de empréstimo domiciliário.

A partir desse exíguo espaço, a Biblioteca foi ampliando a sua influência, tornando-se necessária à comunidade. Assim, estendeu-se a outros espaços, acontecimento que foi conseguido no ano de 1993, com a doação de um significativo espólio por parte da Fundação Calouste Gulbenkian. Afirma-se com propriedade que aqui começou um conjunto de acções em prol do livro e da leitura.

Seguidamente foi conseguido um espaço infanto-juvenil, uma nova sala de leitura e uma zona de depósitos, pois, a Fundação Gulbenkian além de reforçar os fundos bibliográficos, passou também a apoiar acções de animação do livro e da leitura. Foi adquirido mobiliário adequado, atraente e funcional. A Biblioteca teve o seu primeiro computador e dava os primeiros passos na sua informatização com o programa PORBASE. A sala infanto-juvenil era equipada com um kit áudio vídeo (aparelhagem de som, leitor de cassetes vídeo e televisor)

Com estes requisitos, estava a biblioteca em condições de provocar uma pequena revolução na sociedade flaviense. Novos serviços foram implementados: o livre acesso às estantes, o empréstimo domiciliário, o serviço de reprografia, a leitura de periódicos, a referência bibliográfica e a animação no espaço destinado às crianças.

Entretanto, a biblioteca, a par do seu catálogo automatizado, entrou na era global. Dois computadores foram disponibilizados ao público, com acesso à Internet, de forma gratuita.

Paralelamente, a biblioteca realizou diversas acções fomentando o livro e a leitura, junto da comunidade e em especial nas escolas.

A viatura “*Biblioteca Itinerante*”, nº 43, da Fundação Gulbenkian que começara a funcionar em Chaves em 1962, como foram dando conta as notícias publicadas nos jornais locais, serviço que abrangia também os concelhos de Boticas, Montalegre e Vinhais, manteve-se até à década de 80. Após uma interrupção, foi reactivada na década de 90, quando foram ampliados os serviços da biblioteca.

Nesta altura, confinada ao concelho de Chaves, continuou a percorrer as 149 aldeias, serviço que perdurou até ao ano de 2003, altura em que a viatura se tornou obsoleta, não sendo entretanto substituída. Por outro lado, os serviços que proporcionava, muito reduzidos, incidentes apenas no livro, já não satisfazia as necessidades dos utilizadores, sendo também esta uma das razões da sua paragem.

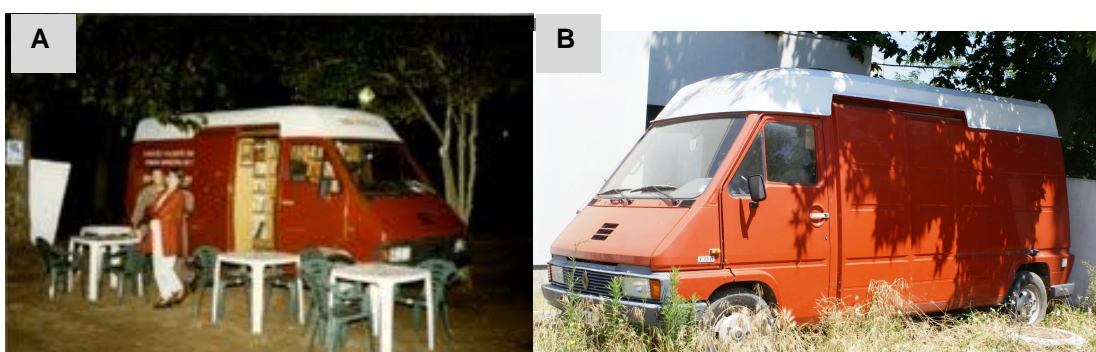


Figura 3.1. Antiga Biblioteca itinerante: segunda carinha a percorrer as ruas do concelho: A- em 1996, numa das suas paragens; B- estado actual

Com esta progressiva afirmação na comunidade, a biblioteca padecia ainda de muitas valências capazes de a tornar um equipamento de extensão bibliotecária e cultural à medida de uma cidade/concelho como Chaves. Com contactos cada vez mais estreitos entre autarquia e IPLB, a integração efectiva

da Biblioteca Municipal de Chaves na Rede de Bibliotecas de Leitura Pública foi uma realidade em 15 de Julho de 2006. A partir daí, uma nova era cultural se iniciou em Chaves no plano da leitura, com a biblioteca a ocupar um novo espaço, com mais de 1400 m². (Figura 3.2).



Figura 3.2. Imagens do interior da Biblioteca: A- antiga; B- moderna

3.1. A Biblioteca Municipal de Chaves

A Biblioteca Municipal de Chaves pela sua história e importância cultural no meio, constitui um aliciante motivo para que seja objecto de estudo. Fazer a apresentação da Biblioteca Municipal de Chaves (BMC) é fazer, de certo modo, a antítese temporal entre o espaço físico e os serviços prestados entre uma “velha” biblioteca, num edifício secular, cinzento e a “novíssima” biblioteca, bem situada no coração da cidade, num elegante edifício, restaurado a preceito, para acolher o novo templo da cultura (Figura 3.3), pois o edifício, quer pela sua situação, quer pelo seu aspecto, pode fazer publicidade à biblioteca. Aliás, como afirma Gascuel (1986, p. 16) “o aspecto exterior da biblioteca confere-lhe uma imagem de marca: a biblioteca pode convidar a entrar, passar despercebida, ou afastar um público pouco motivado.”



Figura 3.3. Edifício da Biblioteca Municipal de Chaves: A: antes das obras de requalificação; B - após as obras de requalificação

A localização da biblioteca é fundamental para o seu sucesso. O centro das localidades ainda é o privilegiado. É no centro que a vida das localidades gravita e tudo se concentra, se bem que hoje, com a saturação, a limitação da mobilidade e a ausência de transportes, as cidades tendem a expandir-se para os arrabaldes e aí novas dinâmicas se criam, inclusive ao nível dos serviços. É frequente que ao lado da filial de um banco ou da estação dos correios haja também um anexo da biblioteca municipal.

A Biblioteca tem que acompanhar a vida quotidiana que a rodeia, pois ela integra a comunidade no seu todo. O leitor que vai à biblioteca é o mesmo que vai tomar um café ao lado ou fazer uma compra numa loja comercial. Se esse leitor exige simpatia e conforto na sua vida de cidadão consumidor, vai reclamar idênticas condições na biblioteca. Esta tem que ser sedutora, cativante, convidar a entrar e, portas dentro, proporcionar a qualidade de vida que o cidadão julga merecer.

Amplas janelas, cores alegres, mobiliário e equipamento moderno, recursos humanos bem formados e uma colecção documental rica, actualizada e diversificada em suportes, são ingredientes que não podem faltar para que a biblioteca se afirme como um forte elo cultural na comunidade, complementando outros equipamentos, como os auditórios, as salas de exposições, os museus, etc.

No caso concreto da Biblioteca Municipal de Chaves (BMC), quanto ao antigo edifício, apenas a fachada principal se manteve. De resto, o seu projecto obedeceu aos requisitos impostos pelo IPLB.

Mediante estas directrizes, a biblioteca assume-se hoje como um conjunto dinâmico de serviços que acompanham o ritmo da evolução em quase todos os aspectos e que tentam corresponder às expectativas cada vez mais elevadas da comunidade, pois é em função dos utilizadores que as bibliotecas se modernizam, acompanhando essa catadupa de inovações, muito em especial no que diz respeito às ferramentas que lidam com as tecnologias da informação.

“As bibliotecas municipais preocupam-se em conhecer os interesses da comunidade, em satisfazer as necessidades dos seus utilizadores, oferecendo gratuitamente os seus serviços e colecções a toda a população, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social.” (Nunes, 1998, p. 34)

Respeitando as directivas propostas pela IFLA, a missão da BMC, tem sido a de satisfazer as necessidades ou expectativas dos utilizadores, colocando um cada vez maior número possível de recursos disponíveis, proporcionando-lhes, num ambiente harmonioso e agradável, um melhor acesso à informação, contribuindo para o desenvolvimento do nível sócio-cultural da população para que esta acompanhe as mutações da sociedade do conhecimento e dotando-a de competências individuais com vista à autonomia e participação social.

Os objectivos da instituição encontram-se já devidamente estabelecidos e constam no seu Regulamento, a saber:

“promover e fomentar o gosto pelo livro e pela leitura (...); assumir-se como proposta para a ocupação de tempos livres e estimular a reflexão, o debate, a crítica e o convívio entre criadores e público em geral; promover e divulgar o património cultural local e nacional em todas as suas vertentes; apoiar e incentivar a educação individual, a autoformação, bem como a educação formal a todos os níveis; proporcionar e fomentar o desenvolvimento da capacidade de utilização das tecnologias da informação e da comunicação; contribuir para a descentralização da leitura a nível concelhio e do desenvolvimento de uma Rede Local de Leitura Pública.” (2006).

Em suma, a meta da Biblioteca é servir com qualidade, eficácia e eficiência toda a população do concelho de Chaves, uma vez que são estes os principais destinatários dos serviços e materiais disponibilizados por aquela. Para isso, conta como áreas funcionais: átrio; recepção, que inclui o balcão de atendimento e a reprografia; sala polivalente; área de serviços técnicos; sala de consulta e leitura geral. Sala de empréstimo domiciliário; leitura de publicações periódicas; fundo local e regional; espaço de audiovisuais e multimédia; espaço de auto-formação e internet; sala de reservados; sector infanto-juvenil; sala da hora do conto e sala de expressão. Quanto aos serviços que disponibiliza, destaca-se: consulta local, consulta do catálogo, presencial e em linha, consulta na internet, empréstimo domiciliário, promoção do livro e da leitura, animação do livro e da leitura, serviço de referência, leitura de periódicos e reservados. Relativamente aos serviços, durante o ano de 2009 foram registados 7.388 sessões de acesso à internet. A percentagem de volumes físicos registados no OPAC em relação ao total de volumes físicos existentes na colecção é de 93%.

A Biblioteca Municipal de Chaves tinha, em 31 de Dezembro de 2009, 7.951 utilizadores inscritos, sendo que 682 registaram a inscrição durante esse

mesmo ano. Desses utilizadores, 52% são adultos e os restantes são menores de 16 anos. Em ambos os casos registou-se um maior número de utilizadores do sexo feminino. No total, a biblioteca registou no ano em questão 84.201 visitas, o que significa, 2 visitas à biblioteca *per capita*. Este número é especialmente significativo se se tiver em conta que a percentagem da população alvo atingida nesse período foi de apenas 10%.

O fundo documental é composto por 46.188 monografias, sendo que destas, 791 compõem o fundo local, e 763 são livro antigo. A biblioteca possui ainda 1.505 outros documentos, dos quais, 596 são documentos sonoros, 808 documentos audiovisuais e 107, documentos electrónicos. A biblioteca possui ainda diversos recursos contínuos.

Relativamente aos recursos tecnológicos, a biblioteca tem 44 computadores, sendo que 21 deles estão disponíveis ao público. Todos os postos disponibilizam o OPAC, o acesso à internet e o acesso a produtos multimédia.

Para além da biblioteca central, existe um pólo na freguesia de Vidago.

Relativamente aos recursos humanos da Biblioteca Municipal, para a prossecução dos seus objectivos, fundamentalmente para a promoção do livro e da leitura, tendo em conta a quantidade de serviços e o horário que pratica (segunda a sexta-feira das 9h às 19h), dispõe de um quadro de pessoal composto por vinte e um colaboradores, (um no pólo de Vidago), desempenhando as mais variadas funções, desde a coordenação, atendimento, empréstimo, animação, tratamento documental, serviços administrativos, até à encadernação, conservação e restauro, enquadrando-se segundo as áreas orgânico – funcionais da mesma, como a seguir se discriminam por categorias funcionais: um Director de Departamento com curso de Técnico Superior de BAD; nove assistentes técnicos, tendo sete formação de BAD (um deles desempenhando as funções de coordenação), um técnico de informática; onze assistentes operacionais (um encadernador e três que exercem a actividade de limpeza).

PARTE 2 – ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO 4. A QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO

A lacuna detectada e que se pretende trabalhar é de natureza empírica, consistindo esta na ausência de um serviço que assegure o uso dos préstimos da biblioteca pública por toda a população-alvo, neste caso da Biblioteca Municipal de Chaves.

Como vimos nos capítulos anteriores, a ideia e a prática da biblioteca itinerante têm origem no séc. XIX e encontramos este tipo de serviços um pouco por todo o mundo, adaptados às mais diversas formas de mobilidade; contudo, em Portugal, a partir dos anos 90 do século passado, este tipo de serviço, que era promovido sobretudo pelo serviço de bibliotecas itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, foi-se perdendo até quase desaparecer na sequência da extinção daquele serviço. Existe, no entanto, uma tentativa de o reabilitar, sendo agora suportado pelas Câmaras Municipais, nomeadamente aquelas cujas bibliotecas estão inseridas na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: “a consciência da necessidade e do dever de disponibilizar recursos às comunidades afastadas da biblioteca central, desenvolve-se no seio do poder local” (Neves, 2009).

Numa comunicação apresentada ao 1.º Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes, Neves (2009) propõe uma série de acções, entre as quais a elaboração de instrumentos de planeamento e a implementação e desenvolvimento de bibliotecas móveis.

Este projecto, como que bebendo aí inspiração, porque há pontos convergentes, integra-se nessa sugestão de acções a desenvolver, de forma a colmatar uma lacuna existente a nível concelhio.

Assim, a questão de investigação tem a sua génese no trabalho desenvolvido pela investigadora ao longo da sua vida profissional, ao serviço da Biblioteca Municipal de Chaves, e a vivência das dificuldades sentidas pela população, enquanto conterrânea.

A grande questão de partida que se pretende ver respondida é: que práticas deve adoptar a Biblioteca Municipal para implementar os seus serviços

através de um empréstimo itinerante, de forma a contribuir para um nível mais elevado de literacia na região?

Para responder a esta questão central será necessário, primeiro ver respondidas outras questões paralelas e correlacionadas:

- Os flavienses estão receptivos aos serviços de uma biblioteca itinerante?
- Que tipo de serviços consideram ser mais importantes?
- Na população residente actualmente na região existe ainda um grande número de antigos utilizadores da Biblioteca Itinerante nº43, da Fundação Calouste Gulbenkian?
- Que marcas deixou a antiga Biblioteca itinerante?
- Quais são os hábitos de frequência de instituições biblioteconómicas revelados pela população?

O objectivo principal do estudo empírico é conhecer os utilizadores e as avaliações que eles fazem dos serviços, para desta forma, garantir escolhas e estratégias adequadas a desenvolver na concretização do projecto, procurando, assim, responder de forma competente aos objectivos traçados, dos quais se destacam:

- Criar, fomentar e fortalecer hábitos de leitura;
- Promover a biblioteca enquanto agente privilegiado para a promoção da literacia da informação, junto da comunidade local;
- Permitir e promover a igualdade de acesso de todos os cidadãos do concelho aos serviços de extensão cultural;
- Contribuir para a aprendizagem ao longo da vida dos habitantes do concelho.

CAPÍTULO 5. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

5.1. Tipo de pesquisa

O intuito desta dissertação é apresentar um projecto de intervenção, pensado e elaborado em função das necessidades do meio, que serão não só as necessidades de índole cultural, de acesso aos serviços da biblioteca, mas também de índole educacional, essencialmente traduzidas no combate aos níveis elevados de iliteracia e de prolongamento das funções da escola, para a faixa da população mais jovem, durante o tempo de férias escolares. Para tal, considerou-se que a estratégia de investigação mais adequada seria a investigação-acção.

Almeida e Freire (2008, p.28) apresentam a investigação-acção como:

“o estudo de uma situação social com o fim de melhorar a qualidade da acção dentro da mesma. A partir das acções, sua discussão, compreensão e alteração, esperam-se modificações, em consonância, nas situações. Destes aspectos de participação e mudança associados à ‘investigação-acção’ decorre a tomada desta como ciência crítica ou, se quisermos, uma decisão política na medida em que envolve mudanças das pessoas e instituições, a busca de melhores condições de vida e, inclusive, a participação democrática de todos (por vezes fala-se em investigação-acção participativa). Citando Simões, “ o resultado deverá ser um triplo objectivo: produzir conhecimento, modificar a realidade e transformar os actores”.

Como bem menciona Sanches (2005, p. 128), a mudança, apesar de ter como objectivo a melhoria de vida dos participantes, poderá estar a entrar em conflito com as suas crenças, estilos de vida ou mesmo comportamentos, o que implica que os intervenientes estejam dispostos a aceitá-la e, para tal é necessário compreender como vivem, como vivenciam a sua situação e implicá-los nesse processo de mudança.

Associada ao conceito investigação-acção surgem uma série de designações: pesquisa-acção, investigação participativa, investigação colaborativa, investigação democrática, investigação crítica, investigação para a acção, investigação na/pela acção, são apenas algumas dessas designações.

Seymour-Rolls e Hughes (2000) falam da investigação-acção participativa como um dos poucos métodos de pesquisa que concilia os

princípios de participação, reflexão, *empowerment*⁴ e emancipação de grupos, com o intuito de melhorar as suas condições de vida. Aliás é uma das suas características ser desenvolvida com recurso a processos colaborativos ligando os vários intervenientes e, obviamente, é também participativa.

Tripp (2005, p 446) apresenta em diagrama (Figura 5.1) as quatro fases básicas da investigação-acção e que se resumem à identificação do problema, planeamento de uma solução, implementação, monitorização e avaliação da situação decorrente de forma cíclica e em espiral, balanceando-se entre a acção e a investigação.

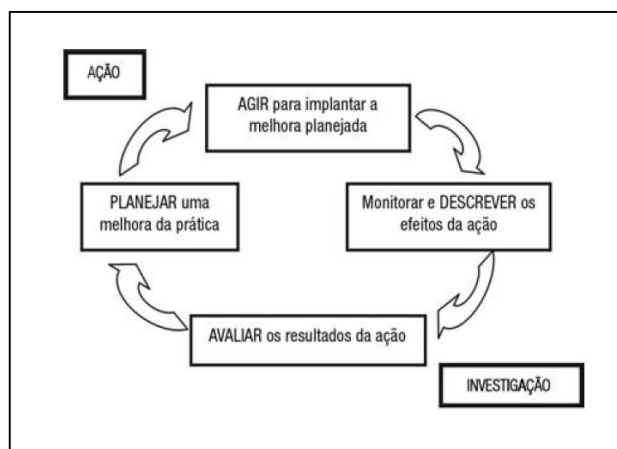


Figura 5.1. Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-acção (Tripp, 2005, p. 446)

Ora, como afirmam Almeida e Freire (2008, p. 29) “a metodologia da investigação-acção caracteriza-se por uma atitude contínua de fases de planificação, acção, observação e reflexão, e onde se pondera sempre o feedback entre elas”, portanto, pode dizer-se que o processo da investigação-acção alterna ciclicamente entre a acção e a reflexão crítica que, de um modo contínuo, apura os seus métodos, na recolha de informação e na interpretação que se vai desenvolvendo à luz da compreensão da situação em causa. Para Lessard-Hébert (1996) “o termo ciclo é utilizado no sentido de um conjunto ordenado de fases que, uma vez completadas, podem ser retomadas para servirem de estrutura à planificação, à realização e à validação de um segundo projecto e assim sucessivamente”.

⁴ Por *empowerment* entende-se o dinamismo para incrementar a força espiritual, política, social ou económica, quer a nível do indivíduo, quer a nível da comunidade. Esta força, por vezes, inclui a confiança em poder desenvolver as suas próprias capacidades. Manteve-se a palavra no original inglês, por não existir na língua portuguesa um termo que traduza de forma satisfatória o conceito.

O ciclo da investigação-acção será necessariamente infundável - a acção alternando com a reflexão - em ciclos dentro de ciclos, em espiral. Mas é esta situação sempre inacabada que permite agir com a flexibilidade necessária para melhor enfrentar a complexidade de sistemas que implicam grupos de pessoas ou sistemas sociais, sistemas de actividade humana. A sua natureza cíclica é a principal qualidade da investigação-acção. Os ciclos obrigam a investigação-acção a ser flexível e rigorosa. Cada ciclo da acção implicando uma reflexão crítica, consistindo cada ciclo num planeamento e uma consequente acção, portanto, existirá sempre documentação que fundamenta e auxilia o processo (Figura 5.2).

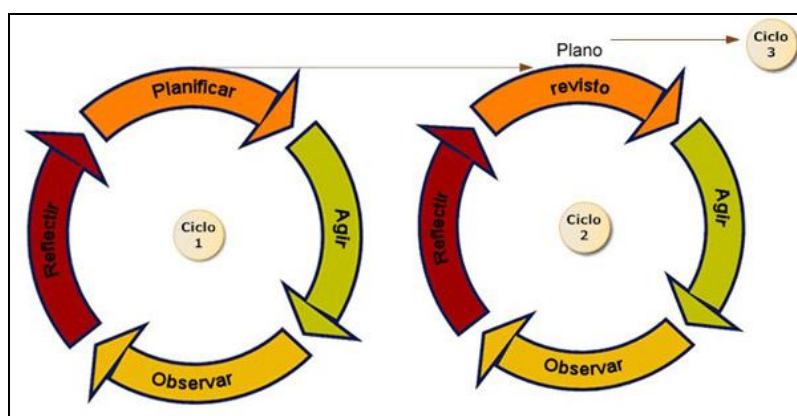


Figura 5.2. Espiral de ciclos da investigação-acção (Coutinho, 2009, p. 366)

Tripp (2005, p. 448) caracteriza este método como sendo um processo contínuo e não repetitivo com vista à melhoria da prática. De facto, a sua estrutura em espiral introspectiva é composta por vários ciclos, com várias fases: planificação, acção, observação sistemática e reflexão, em que estes ciclos visam resolver o problema, avançando para um novo ciclo depois de reflectir sobre as acções desenvolvidas no ciclo anterior e depois de identificados novos problemas, ou antigos que não ficaram totalmente resolvidos ou cuja solução não foi a adequada.

A compreensão do problema que se pretende resolver cresce à medida que se avança no processo e constrói-se com a experiência ganha nas situações cíclicas de acção e reflexão crítica, o que permite concluir que a investigação-acção se caracteriza por ser pró-activa estrategicamente, pois permite reagir eficaz e imediatamente ao evento no momento em que este

ocorre, porque é baseada na compreensão dos problemas por meio da análise e interpretação de dados.

A interpretação dos dados é fundamental para conduzir o processo tanto no que respeita a reduzir omissões ou a evitar uma compreensão errada do problema, como a corrigir a implementação do projecto. As interpretações que se desenvolvem a partir dos dados dos informantes visam clarificar a compreensão possível do objecto da investigação e, se a mudança acontecer tanto melhor, pois é o que se deseja. Um aspecto que não se deve descuidar é que nem sempre se consegue chegar à mudança, sendo necessário, então, desenvolver novos ciclos de investigação. Tanto quanto possível é de todo o interesse procurar envolver os informantes nas interpretações e encorajá-los a sugerir exemplos de resolução.

A teoria e o projecto são desenvolvidos a partir da experiência, apresentando um conjunto de questões que ajudam a preparar a acção e depois um outro conjunto para analisar o que aconteceu. A recolha e o tratamento dos dados é um momento de extrema importância, pois vai permitir fundamentar a reflexão e encetar um novo ciclo de acção.

A investigação-acção é uma metodologia de pesquisa assente em fundamentos pós-positivistas que descobre na acção uma intenção de mudança e na investigação um processo de compreensão. Assim, “o saber (novo conhecimento) e a própria mudança social podem construir-se em paralelo” (Almeida e Freire, 2008, p. 28). A mudança é não só uma parte integrante deste tipo de investigação, como uma das suas características fundamentais.

O processo ajusta-se às exigências da situação em toda a sua complexidade. A sua atitude de abertura ao conhecimento permite à investigação-acção proporcionar uma efectiva mudança, a qual, por sua vez, estimula uma mais efectiva compreensão do problema. É, assim, mais intervencionista do que experimental. Há nesta metodologia um incontornável cariz pragmático, em sentido construtivista. Intenta-se ajudar as pessoas a mudar uma situação concreta, a resolver-se numa nova situação, em suma, a compreender e a mudar. Assim, a investigação-acção visa dar contributos práticos e científicos na busca de soluções inovadoras para os problemas.

Aliás, é mais importante a obtenção de conhecimentos práticos apoiados numa base teórica do que um conjunto de conhecimentos teóricos generalizáveis.

Tripp (2005, p. 447) sistematiza num quadro (Quadro 5.1) as características da investigação-acção, designada neste trabalho por pesquisa-acção, estabelecendo uma certa comparação nessa mesma tabela entre aquilo que aparece mencionado como prática rotineira e pesquisa científica, apresentadas como pólos de um *continuum* de práticas investigativas, e esclarece “*que não são categorias ‘puras’, mas oposições mistas*” (idem, p. 448) pois:

“a prática rotineira é apresentada como habitual, embora o que se tornou hábito foi anteriormente tanto inovador quanto original sob certos aspectos. Analogamente, há muita coisa na pesquisa científica que é rotineira, particularmente num período daquilo a que Kuhn (1970) se refere como ciência ‘normal’.” (idem, ibidem)

Onze características da investigação-acção			
Linha	Prática rotineira	Investigação-acção	Pesquisa científica
1	Habitual	Inovadora	Original/financiada
2	Repetida	Contínua	Ocasional
3	Reactiva contingência	Pro-activa estrategicamente	Metodologicamente conduzida
4	Individual	Participativa	Colaborativa/colegial
5	Naturalista	Intervencionista	Experimental
6	Não questionada	Problematizada	Contratual (negociada)
7	Com base na experiência	Deliberada	Discutida
8	Não articulada	Documentada	Revista pelos pares
9	Pragmática	Compreendida	Explicada/teorizada
10	Específica do contexto		Generalizada
11	Privada	Disseminada	Publicada

Quadro 5.1. Comparação das características da prática rotineira, investigação-acção e pesquisa científica (adaptado de Tripp, 2005, p. 447)

Várias são as modalidades de investigação-acção que foram surgindo ao longo dos tempos. É comum na literatura encontrarem-se três modalidades de investigação-acção: técnica, prática e emancipadora/crítica.

Na sua vertente técnica, assente num paradigma positivista, a investigação-acção acontece quando é desenhada para tornar uma situação existente o mais eficiente e o mais eficaz através de um investigador externo (facilitador). A investigação decorre numa lógica de processo-produto. Esta modalidade é a mais adequada para uma fase inicial de aprendizagem da investigação. Este processo deverá ser conduzido por uma pessoa (ou um grupo de pessoas) que, pela sua experiência ou qualificação, será tido como

um perito e desempenhará uma figura de autoridade. Esta abordagem é essencialmente dedutiva, pois o seu principal objectivo é a validação e o refinamento das teorias existentes.

Na investigação-acção prática, o investigador e o profissional reúnem-se para identificar o(s) problema(s) e potenciais intervenções, portanto, assenta numa relação de cooperação entre estes dois elementos. Neste processo, seguindo uma perspectiva interpretativista, o problema é definido após o diálogo com o investigador e o profissional por um acordo mútuo. Assim, é possível melhorar a prática com o contributo dos conhecimentos dos participantes. O facilitador assume um papel socrático, desenvolve um método maiêutico, promovendo a participação e a reflexão, já que tal método de aprendizagem consiste em levar ou induzir o outro por si, pelo seu raciocínio e conhecimento, à solução do problema ou da dúvida levantada.

“A pesquisa-ação prática é diferente da técnica pelo fato de que o pesquisador escolhe ou projeta as mudanças feitas. Nesse caso, as duas características distintivas são: primeiro, é mais como a prática de um ofício – o artífice pode receber uma ordem, mas o modo como alcança o resultado desejado fica mais por sua conta de sua experiência e de suas idéias –; e segundo, porque o tipo de decisões que ele toma sobre o quê, como e quando fazer são informadas pelas concepções profissionais que tem sobre o que será melhor para seu grupo. Os artífices estabelecem seus próprios critérios para qualidade, beleza, eficácia, durabilidade e assim por diante.” (idem, p. 457)

Seguindo uma perspectiva sócio-crítica, a investigação-acção crítica ou emancipadora vai para além da prática, intervindo na transformação do próprio sistema. A identificação e explicação dos problemas são colectivas. Nesta situação, caso exista um facilitador externo, ele deverá assumir um papel de moderador, ajudando na problematização e na alteração.

Os critérios que distinguem estas três modalidades são vários e Coutinho et al. (2009, p. 364) sistematizaram-nos da seguinte forma:

Modalidades	Objectivos	Papel do investigador	Tipo de conhecimento que geram	Formas de acção	Nível de participação
Técnica	Melhoras as acções e eficácia do sistema	Especialista externo	Técnico/ explicativo	Sobre a acção	Cooptação
Prática	Compreender a realidade	Papel Socrático (favorecer a participação e auto-reflexão)	Prático	Para a acção	Cooperação
Emancipadora (crítica)	Participar na transformação social	Moderador do processo	Emancipatório	Pela acção	Colaboração

Quadro 5.2. Modalidades de investigação acção: técnica, prática e emancipadora (Coutinho et al., 2009, p. 364)

Por outro lado, Esteves (1990, p. 266) apresenta duas modalidades de investigação-acção: a investigação-para-a-acção e a investigação-na/pela-acção, baseando-se nas ligações entre as operações de investigação e as operações de intervenção para tal distinção, apresentando a primeira como a “versão fraca da investigação-acção” e a segunda como a “versão forte”.

Segundo este autor, a investigação-para-a-acção (Figura 5.3) será a modalidade que mais se aproxima da investigação tradicional. A superioridade desta modalidade consiste no facto de “ser desencadeada por alguém que tem necessidade de informação/conhecimento de uma situação/problema a fim de agir sobre ela e dar-lhe solução.” (idem, ibidem). Na maioria dos casos, é, pois, desencadeada por uma fonte externa (cliente) e está delimitada pelo seu campo de acção, já que “as margens de autonomia de tal trabalho científico correm riscos de limitação e subordinação que podem ultrapassar as próprias relações contratuais a estabelecer entre as duas partes” (idem, ibidem). O modo como a informação é gerida pelo cliente depois de terminada a investigação e a aplicação ou não das propostas de intervenção não é da responsabilidade do investigador. Torna-se, então, fundamental uma caracterização inicial do próprio cliente para que, depois o investigador se posicione da melhor forma.

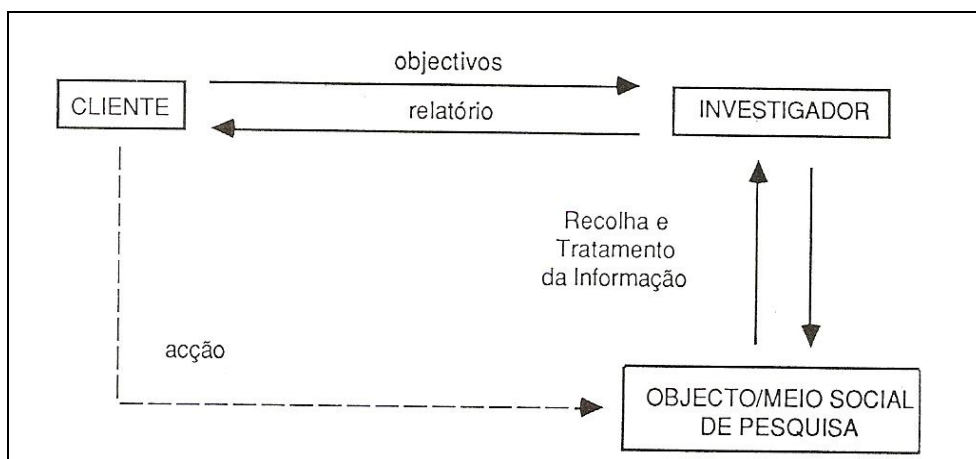


Figura 5.3. Investigação para a acção (Esteves, 1990, p. 267)

As características desta modalidade de investigação são três, a saber: separação total entre processo de investigação, investigador e a acção propriamente dita; detenção exclusiva da capacidade de recolha de informação pelo investigado, seja individual, seja colectivo, embora se reconheça que

existe uma margem de autonomia relativa pois este poderá sofrer limitações como se referiu anteriormente, e, em terceiro lugar, a exclusão do objecto/meio social de pesquisa, pois é entendido como um elemento passivo, ou seja o meio social é reduzido a um estatuto de “reservatório de informações” (Esteves, 1990, p. 267).

Quanto à investigação-na/pela-acção, também designada de “investigação-acção-participativa” (idem, p. 269) é esquematizada assim (Figura 5.4):

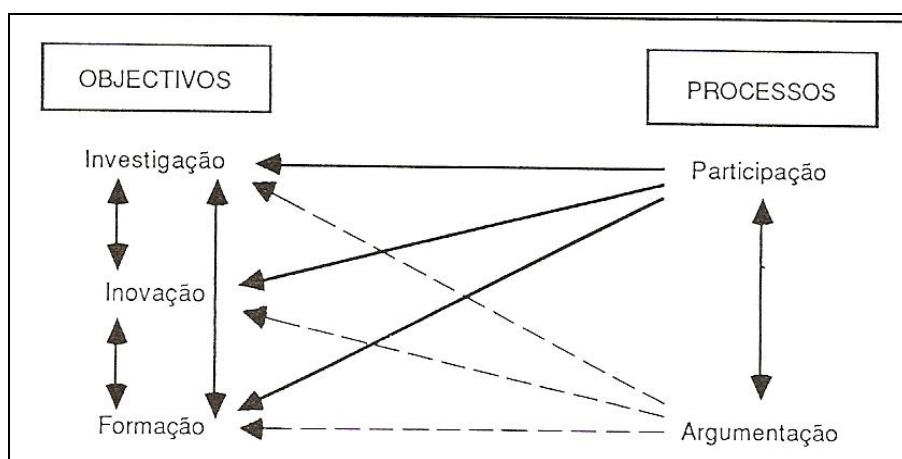


Figura 5.4. Investigação na/pela acção (Esteves, 1990, p.273)

Quando se experimenta uma investigação nesta modalidade, pretende-se introduzir mudanças no objecto em análise, isto é, levar a cabo um efeito de alteração a curto ou médio prazo, por via da própria intervenção. Pretende-se também, introduzir mudanças (objectivo de mudança), apresentando-se soluções para o problema inicialmente identificado. Pretende-se, ainda, que este seja um processo de aprendizagem social (objectivo de formação) que envolva todos os agentes, incluindo o público-alvo, a várias escalas: física, ideológica, social, de cidadania e de participação cívica (idem, p. 271). Em suma, são então três os tipos de objectivos desta investigação: os necessários objectivos de investigação, os objectivos de inovação e os objectivos de formação de competências. Ora são exactamente estes conjuntos de objectos que a tornam um processo complexo, uma das suas especificidades. O autor reconhece ainda que estes três objectivos não são, só por si, exclusivos desta modalidade.

Além desta complexidade de processo, caracteriza ainda este tipo de investigação o facto de ser um processo colectivo, o que exige a participação da maior diversidade e do maior número possível de actores sociais, representativos do próprio tecido social. A estrutura colectiva do projecto é sempre composta pelo sistema de actores no mesmo e pelo sistema de investigadores, ou seja, por um sistema interno e externo, respectivamente. Esta estrutura colectiva só é accionada pela equipa de investigadores se a rede de actores sociais assim o permite, isto é, se é possível desenvolver parcerias (participação conjunta). Tal é um processo de longa duração, o que exige muito tempo. A maior diversidade a este objectivo é o conjunto de resistências que advêm da grande diversidade de papéis sociais dos actores em questão.

Um outro processo associado a este é o de participação em conjunto. É a argumentação (processo argumentativo) e que “reside basicamente na criação de representações e esquemas de avaliação a que um público, porventura diferenciado, presta adesão por motivos que não são do domínio lógico-formal mas que dão garantias de verosimilhança e plausibilidade” (idem, p. 272). Ora, este processo argumentativo é ainda atravessado pela formação/aprendizagem social.

Esteves defende que a investigação acção na/pela acção se desenrola em três fases, de modo a planear a acção, a saber:

- 1ª Fase, que se poderá designar como fase exploratória. Consiste num período mais ou menos alargado no tempo, envolvendo algumas actividades, tais como a constituição da estrutura colectiva de investigação e acção com a qual se vai levar avante o processo, a entrada em contacto directo com os actores sociais que farão parte do processo, trabalho num diagnóstico preliminar ou estudo exploratório, concepção do projecto, preparação da metodologia, programação e previsão de todas as tarefas e actividades a realizar, formas de acompanhamento e avaliação do projecto, tendo em conta que este não é fechado nem irreversível (idem, p. 275);
- 2ª Fase, a fase intermédia. Está mais centrada na elaboração do plano de intervenção, na execução, no acompanhamento, na avaliação e reformulação. Contudo, não há uma sequência

cronológica das fases, mas sim uma sequência lógica e plausível dos actos executados. (idem, p. 277);

- 3ª Fase, fase final. É o período de conclusões, acertos finais, avaliação do processo e redacção do relatório final. (idem, ibidem).

O autor termina dizendo que “tudo isto é apenas um intervalo de sociologia histórica, entre um processo complexo desencadeado num espaço social delimitado e a sua multiplicação noutros espaços” (idem, ibidem).

Marques e Sarment reflectem sobre o papel da investigação-acção na construção da cidadania, baseando-se também na questão da participação. Associam a necessidade e justificam a evolução deste método às alterações provocadas pelos processos de industrialização e numa perspectiva das ideias democráticas visto ser necessário a criação de condições para que se verifique uma efectiva participação activa das pessoas na melhoria das suas condições de vida. (Marques e Sarment, 2007, p. 89).

Das várias conclusões que os autores tiraram da análise de três projectos em pesquisa, há uma que se destaca, de forma clara: a importância deste método de investigação para a construção da cidadania - “a investigação-acção é promotora de mudanças nas formas de colaboração inter-pessoal, é motor de cidadania de cada actor social, na re-construção de novas formas de solidariedade social e educativa” (idem, p. 101).

Embora este tipo de pesquisa seja aplicável a várias áreas, há dois pormenores que se devem ter sempre em conta, independentemente do campo:

- Disponibilidade dos actores sociais para participarem no projecto e assumirem a mudança. Consoante os contextos sociais, a disponibilidade é diferenciada;
- Se a mudança é o objectivo primordial, há que ponderar a melhor forma de esta ser levada a cabo. Tal implica sempre um trabalho de diagnóstico por parte de quem concebe a investigação-acção.

A acção que se pretende colocar no terreno com esta investigação enquadra-se numa lógica de investigação na/pela acção por todas as características que atrás ficaram expostas, realçando-se que o projecto

pretende introduzir uma mudança no meio, levando a cabo uma alteração a médio prazo, apresentando soluções para um problema que foi previamente identificado, por via da intervenção a concretizar no terreno, distanciando-se da investigação para a acção pois não se verifica uma separação entre o processo de investigação, o investigador e a acção, assim como o meio social não é, para esta investigação um mero “repositório de informação”.

5.2. Desenho da investigação

Freixo (2009, p.181) define o desenho de investigação como:

“o plano lógico elaborado e utilizado pelo investigador para obter respostas às questões de investigação, especificando qual o tipo de investigação que utilizará e como as variáveis serão controladas. Naturalmente que a opção por este ou por aquele procedimento ou desenho depende do problema em concreto e dos conhecimentos à volta desse mesmo problema.”

Tendo em conta o que diz este autor, estabeleceu-se como desenho da investigação aquele que a seguir se apresenta.

O objecto do estudo desta investigação tem a sua génese no interesse pessoal da investigadora. Por um lado, o facto de ter vivenciado na infância, longe do centro da cidade, uma experiência bastante positiva como leitora assídua da antiga Biblioteca Itinerante e fez prevalecer o interesse e o reconhecimento do contributo de tal serviço; por outro, como funcionária da Biblioteca Municipal, atenta aos seus utilizadores e às suas necessidades, e o constatar agora uma realidade social diferente, embora da vivida anteriormente, mas onde se denota a carência sentida sobretudo pelas crianças durante o período de férias, bem como uma nova realidade emergente resultante do isolamento e envelhecimento da população, remetida a Lares e Centros de Dia. Com a falta de espaços, como a biblioteca, para combater o isolamento, seleccionaram-se aleatoriamente quatro freguesias onde se pediu a colaboração dos residentes locais para compreender se haveria ou não a necessidade de fazer ressurgir o serviço de itinerância.

Assim, o interesse desta investigação reside na colmatação de uma lacuna cultural-educativa na minimização das iliteracias no concelho.

O pedido de colaboração com os residentes consistiu em contactos informais, primeiramente com os respectivos presidentes das juntas de

freguesia e posteriormente com toda a população, potenciais utilizadores dos serviços.

A pesquisa empírica que se afigura como necessária, nesta fase exploratória, teve como objectivo principal conhecer os utilizadores e as suas avaliações dos serviços biblioteconómicos, de maneira a serem adoptados os serviços mais eficazes para atrair os utilizadores para o uso desses serviços e garantir a satisfação das suas necessidades de informação, bem como para criar, fomentar ou fortalecer hábitos de leitura. Os objectivos secundários que se pretendem alcançar com tal estudo é o de identificar os utilizadores (idade, sexo, habilitações literárias e condição perante o trabalho); identificar os hábitos biblioteconómicos desses utilizadores, concretizados em dois aspectos: que tipo de biblioteca frequenta ou já frequentou e identificar antigos utilizadores do extinto serviço itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian. Pretende-se ainda identificar os serviços que motivam o uso da biblioteca itinerante, isto é, a partir da avaliação feita por cada utilizador, relativa aos préstimos bibliotecários, qual ou quais consideram mais importantes, logo aqueles que à partida procurarão mais. Mas esta questão não será levantada apenas relativamente aos serviços mas também à utilidade da carrinha móvel em geral.

Para concretizar tais objectivos, serão utilizados dados primários e dados secundários. Dentro dos dados secundários procura-se recuperar os antigos dados da Biblioteca Itinerante nº 43 da Gulbenkian, bem como se utilizarão também dados estatísticos oficiais, sempre que estes se mostrem convenientes e complementados com os dados primários gerados no âmbito desta investigação, já que tais dados secundários não se mostram suficientes para a tomada de decisão em relação à implementação do serviço tal como se pretende. Em relação aos dados oficiais existe uma desvantagem que será tida em conta aquando do seu uso, e que se prende com a actualização dos mesmos, para não se mencionar que se utilizam sempre fontes oficiais.

Quanto ao método, trata-se de uma pesquisa de base quantitativa já que este é o processo mais apropriado para medir opiniões, atitudes e/ou preferências e também para medir o tamanho e a importância de “segmentos de mercado”, ou seja, dos diferentes tipos de públicos. No entanto, foram também utilizadas ferramentas qualitativas, como o diário de bordo, de modo a

aprofundar os dados brutos obtidos pelas respostas ao questionário e a melhor caracterizar a população inquirida através das suas opiniões.

Depois de analisada a situação sob o ponto de vista dos índices de não utilizadores de bibliotecas, de taxas de analfabetismo, abandono escolar e constatada a taxa de iliteracia local, procede-se à elaboração de um projecto destinado às freguesias piloto, a apresentar à Câmara Municipal para posterior implementação no terreno sobre o retorno dos serviços perdidos, há quase dez anos.

Apresenta-se ainda neste projecto a preparação para a observação da realidade e a recolha de informação durante a intervenção no contexto, isto é, a intervenção dentro de uma lógica de investigação na/pela acção, registando-se os dados em suporte adequado para se proceder, no final, a uma avaliação deste que se pretende seja o primeiro ciclo da investigação-acção para depois se iniciar um segundo ciclo.

5.2.1. Instrumentos de investigação

Na investigação-acção reconhece-se a necessidade de se ser rigoroso e sistemático na recolha de dados. Dentro dos instrumentos de recolha de dados que se poderia utilizar, optou-se pelo uso de questionários e o diário de bordo, por serem aqueles que satisfazem o objectivo do presente trabalho.

O instrumento de investigação principal é o inquérito por questionário (Anexo 1).

No momento da elaboração do questionário estiveram presentes alguns cuidados, desde logo a elaboração de perguntas não muito longas e de fácil entendimento, redigidas de forma clara, simples e objectiva, evitando o uso de termos demasiado técnicos. Outra preocupação foi a de não incluir no questionário perguntas desnecessárias, isto é, não incluir no instrumento de investigação questões que não respondam aos objectivos da pesquisa, evitando um questionário longo que desmotive ao seu preenchimento. Uma outra preocupação foi o aspecto gráfico relativo ao questionário, procurando torná-lo agradável e amigável.

O questionário é composto maioritariamente por questões fechadas, apresentado apenas uma questão aberta, onde os entrevistados poderiam deixar sugestões ou comentários.

Um dos aspectos fundamentais na construção dos questionários reside na formulação das questões. Segundo Ghiglione e Matalon (1997) qualquer erro ou ambiguidade, associados à elaboração dos mesmos, levará a óbvias conclusões erradas. Assim, as questões devem ser formuladas de modo a que sejam perfeitamente entendidas pelo público-alvo. Desta forma e apesar de se pretender manter o rigor científico, teve-se o cuidado de formular as questões mais facilmente inteligíveis, o que se crê ter sido conseguido uma vez que se verificou uma percentagem relativamente baixa de não respostas, ainda mesmo na fase de pré-teste.

A opção por questões fechadas permite uma análise estatística de dados recolhidos. Por outro lado, as questões abertas implicam uma análise de conteúdos, traduzindo-se numa tarefa mais problemática em termos de trabalho efectivo, mas mais produtiva em termos da profundidade dos dados recolhidos. Nesse sentido, entendeu-se necessário a inclusão de uma pergunta desse tipo.

Os questionários foram aplicados pessoalmente pela investigadora, que assim recolheu comentários informais dos respondentes. Os comentários foram anotados por escrito e registados num diário de bordo. Foi assim possível aliar o rigor dos dados quantitativos obtidos pela aplicação de um inquérito por questionário, cujas perguntas eram maioritariamente fechadas, à compreensão mais aprofundada das respostas, permitida pelo registo das opiniões e comentários conseguido através do método de aplicação acompanhada do questionário.

5.3. População e Amostra

No que diz respeito à população e amostra, Frota (1998) aponta quatro unidades de análise no quadro das ciências da informação, a saber: profissionais, instituições, suportes e utilizadores. Em relação aos utilizadores, a autora aponta como linhas de pesquisa as necessidades destes e as suas

demandas, análise relativa ao uso e acesso à informação, dando como exemplos: a qualidade das informações utilizadas, restrições para utilização e dificuldades de acesso à mesma. As unidades de observação são, segundo Siglenton (1988, cit. por Frota, 1998, s. p.) “os objectos ou eventos aos quais as pesquisas sociais se referem, o que ou quem será descrito, analisado ou comparado.” Assim, as unidades de observação são, nesta perspectiva, os utilizadores.

Como já se deixou transparecer, o estudo empírico delimita-se ao Município de Chaves. Assim, a população-alvo do projecto define-se como sendo os residentes numa parcela deste município transmontano.

Chaves é uma cidade do Norte de Portugal, do distrito de Vila Real. Constitui um dos seis concelhos da região do Alto Tâmega. A sede de Concelho é a cidade de Chaves, a qual dista cerca de 60 km da capital de distrito, Vila Real e fica a 8 km da fronteira com a Espanha. É delimitado a Norte pela Galiza - Espanha, a Este pelos concelhos de Vinhais e Valpaços, a Sul pelo concelho de Vila Pouca de Aguiar e a Oeste pelos concelhos de Montalegre e Boticas.

O Concelho abrange uma área de 600,12 Km², composto por 51 freguesias com cerca de 44.039⁵ habitantes concentrados, fundamentalmente, na cidade e nas aldeias limítrofes. A partir dos anos 50, do século XX, assistiu-se a uma saída dos residentes nas aldeias de montanha para o centro urbano e para outros países, principalmente europeus (França, Alemanha, Suíça, etc.). Nos campos ficaram os mais idosos, dificultando o rejuvenescimento da população. Na década de 90 desse mesmo século, deu-se a quebra do ciclo da emigração, sobretudo europeia, verificando-se desde então um aumento da população concelhia.

Segundo os dados do INE referentes a 2008, o concelho possui uma densidade populacional de 74,7 hab/m², referentes a 2004. Segundo estudos realizados, existe uma percentagem (cerca de 2%) da população que reside em localidades isoladas, com dificuldades de se deslocarem à sede de concelho. Não fugindo às características de um concelho do interior, com a

⁵ Dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) referentes a 2008 das Estimativas Anuais da População Residente (actualizado em 18 de Março de 2010)

desertificação a deixar marcas relevantes e crescentes, existem bastantes freguesias com menos de 200 habitantes, e outras, as mais próximas da sede do concelho, com uma população residente que se situa entre os 200 e os 500 habitantes. Poucas são as que ultrapassam o milhar de habitantes.

O ciclo de vida mais representativo em termos gerais é dos 25 aos 64 anos, portanto aquele que é considerado o período de vida activa.

A taxa de analfabetismo era na região, em 2001, de 12%, segundo os dados da mesma fonte.

Estes dados do INE devem ser entendidos com algumas reservas já que podem não traduzir a realidade actual, uma vez que são dados censitários, realizados com uma periodicidade decenal, o que equivale dizer que os próximos censos ocorrem em breve, ou seja, em 2011, focalizando os dados disponíveis longe no tempo, o que coloca a questão de não traduzir a realidade graças à evolução natural da sociedade e não traduzindo o resultado das iniciativas locais relativas ao combate ao analfabetismo que tiveram como ponto de partida estes mesmos dados.

Em termos educativos e da necessidade de qualificar os jovens, criou-se uma diversidade de níveis de ensino, com vocação regional, no sentido de se inverter o fenómeno de uma integração precoce de jovens no mercado de trabalho sem qualificação profissional. Enquadram-se nesta perspectiva o Centro de Formação Profissional, a Escola Profissional de Chaves, a Escola de Enfermagem e o Pólo Universitário de Chaves da UTAD. No concelho existem actualmente, do ensino oficial público, 24 jardins-de-infância, 20 escolas do 1º Ciclo e 6 escolas EB2,3 e secundárias. Apenas três escolas secundárias são escolas não agrupadas, as restantes repartem-se por três agrupamentos⁶. As três escolas não agrupadas pertencem à Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), das restantes, segundo a lista da RBE, actualizada em 12 de Abril de 2010, apenas sete pertencem à Rede.

O município tem como pólos culturais, para além da Biblioteca, o Museu da Região Flaviense, e o Centro Cultural – Escola de Artes e Ofícios, todos localizados na sede do concelho.

⁶ Segundo legislação saída recentemente, está em curso a estratégia dos mega-agrupamentos, com a junção, no presente ano lectivo, do Agrupamento Vertical de Vidago com a Escola Secundária Dr. Júlio Martins. O cenário proposto para o concelho de Chaves será completo com a junção do Agrupamento Nadir Afonso com a Escola Secundária Fernão de Magalhães e do Agrupamento Vertical Dr. Francisco Gonçalves Carneiro com a Escola Secundária Dr. António Granjo.

A técnica de amostragem escolhida para a realização do estudo foi a amostragem multi-etapas. O processo realizou-se em dois períodos. Uma vez que a população-alvo se encontra dividida em grupos, neste caso concreto, em freguesias, contou-se numa primeira fase, cada freguesia como uma unidade. Assim, das 51 freguesias do concelho, seleccionaram-se 4, o que corresponde a 8% da população. Este passo concretizou-se da seguinte forma: foram escritos o nome de todas as freguesias do concelho em pequenos papéis, todos iguais e colocados numa urna, de onde, depois de misturados, foram retirados os quatro pretendidos.

Este tipo de amostra apresenta-se adequado já que este primeiro passo é semelhante à amostragem por clusters (ou grupos) que é particularmente útil quando a população se encontra dividida em grupos caracterizados por terem uma dispersão idêntica à da população total.

No passo seguinte, também os elementos do grupo são escolhidos aleatoriamente. Contrariamente à amostragem por clusters no qual a segunda etapa consiste na inquirição de todos os elementos do grupo. Esta segunda escolha processou-se, como já se disse, aleatoriamente, dos inquiridos que frequentaram diversos locais das freguesias, tais como: igrejas, farmácia, cafés, largos centrais, em diferentes dias da semana, a diferentes horas, de forma a obter uma amostra representativa de cada localidade.

A escolha de um processo de amostragem aleatório deve-se ao facto de esta apresentar como principal vantagem poder ser evitado qualquer enviesamento provocado por uma escolha dirigida, pessoal e subjectiva, uma vez que o processo de selecção é casual e mecânico, tendo todos os indivíduos igual oportunidade de fazer parte da amostra, sendo o critério de selecção da amostra apenas o da localização geográfica, isto é, residir na freguesia de recolha dos dados. Por outro lado, as limitações de uma investigação conduzida por uma única investigadora num período de tempo limitado tornaram impossível a utilização de uma amostra mais alongada e eventualmente mais representativa da população.

A amostra é constituída conforme expresso na Tabela 5.1, calculada de acordo com a tabela proposta por Huot (Freixo, 2009, p.187).

Freguesia	Número de habitantes	Número de inquiridos
Bobadela	124	94
Curalha	518	221
Ervededo	740	254
Vilas Boas	218	140

Tabela 5.1. Constituição da amostra

A base de dados e o tratamento estatístico foram realizados no programa Microsoft Office Excel 2007.

No próximo capítulo procede-se ao tratamento e análise dos dados recolhidos através dos questionários, fazendo acompanhar a interpretação dos resultados obtidos pela transcrição dos comentários recolhidos e registados no diário da investigação.

CAPÍTULO 6. ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6. 1. Caracterização dos inquiridos

Os inquéritos, num total de 709 questionários, foram distribuídos pelas quatro freguesias que constituíam as unidades de análise, a saber: Bobadela, Curalha, Ervededo e Vilas Boas (Figura 6.1).

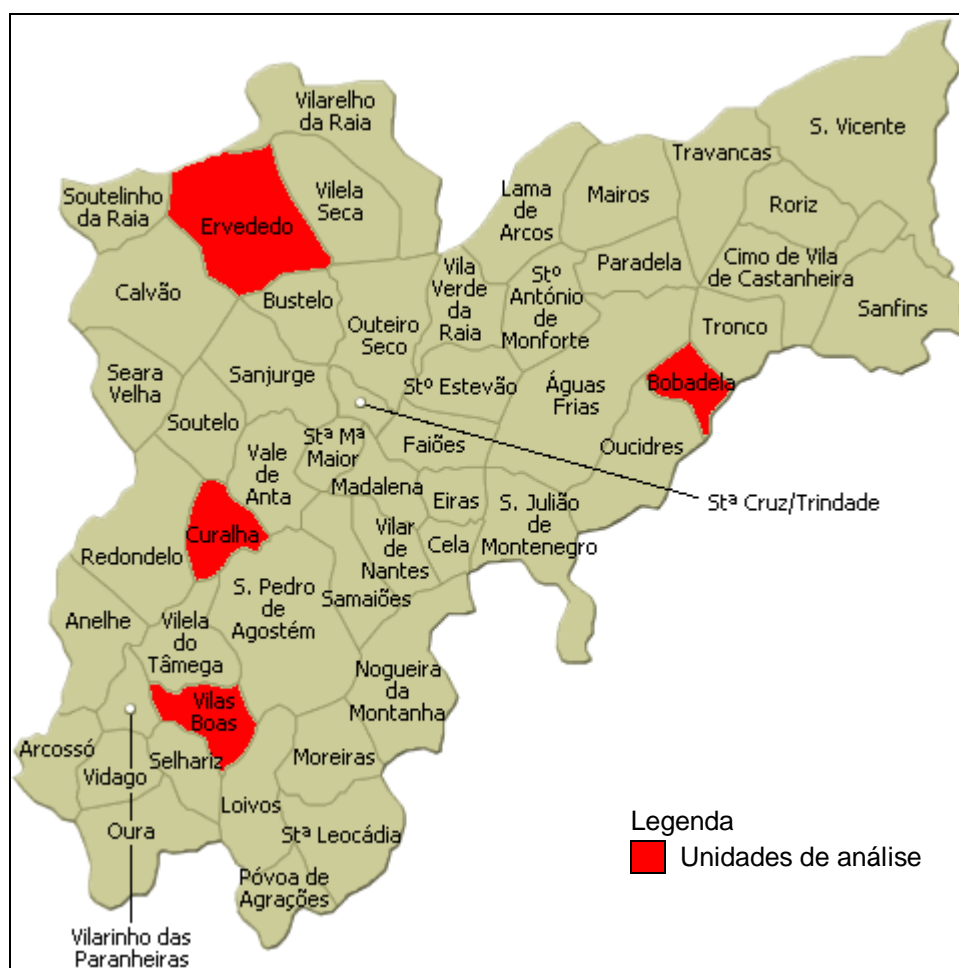


Figura 6.1. Distribuição geográfica das unidades de análise

A razão de questionários válidos obtidos foi de 100%. Os valores de não-respostas ou de respostas inválidas variaram relativamente à questão colocada e, dentro destas, de freguesia para freguesia, conforme se constatará

na análise de cada questão em particular. Desde já se pode adiantar que as taxas de resposta a cada questão variaram entre os 90% e os 100%. Exclui-se desta análise a última questão colocada, que apresenta valores e natureza bem distintos, como adiante se demonstrará.

Relativamente à idade, registou-se que em todas as freguesias, a população adulta e em idade activa (dos 25 aos 64 anos) representa 50% ou mais da população residente, à excepção de Ervededo, onde essa faixa constitui apenas 46,5% da população. É nesta mesma freguesia que a percentagem de população com mais de 65 anos é mais elevada (32,3%).

De acordo com a divisão etária feita (Gráfico 6.1), as faixas etárias mais representadas são:

- 65 ou mais anos, em Ervededo (32,3%).
- Dos 46 aos 64 anos, em Bobadela (35,1%) e Vilas Boas (31,4%).
- Dos 25 aos 45 anos, em Curalha (35,3%).

As menos representadas são:

- Dos 0 aos 14 anos, em Vilas Boas (7,2%) e Ervededo (9,9%).
- Dos 15 aos 24 anos, em Bobadela (5,4%).
- 65 ou mais anos, em Curalha (11,3%).

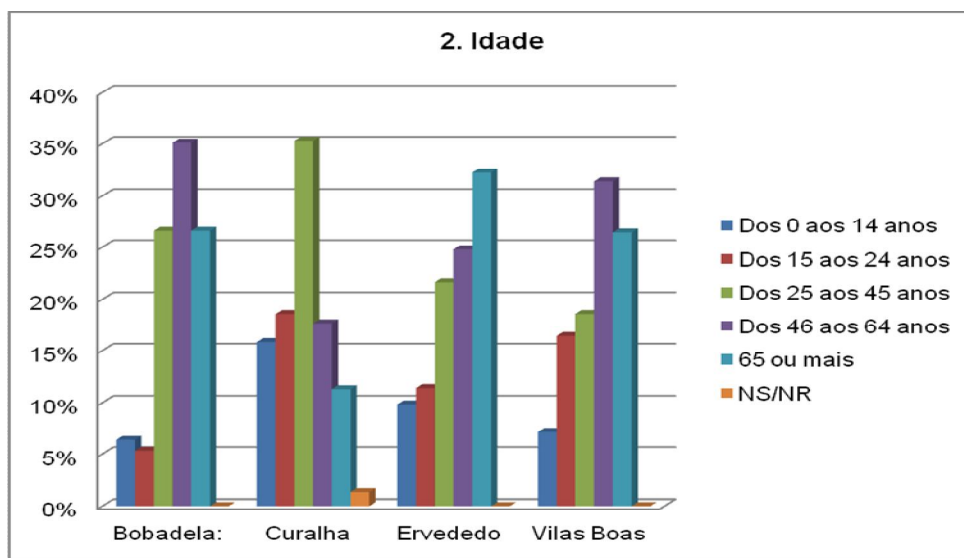


Gráfico 6.1. Caracterização da amostra: Idade

As percentagens de crianças, jovens e adultos-jovens (até aos 24 anos), curiosamente, apresentam valores mais elevados na freguesia mais próxima da sede de concelho, o que poderá revelar a tendência sócio-cultural da actualidade, e que se traduz na concentração da população nas periferias dos

centros urbanos e um abandono das zonas mais isoladas e distantes. Aliás, este sentimento foi transmitido durante o trabalho de campo e registado no diário da investigadora, como aquele que foi averbado em Ervededo e que dizia: “Ai! menina, para mim já não faz falta, mas os pequenos é que precisam, para ver se ficam por cá. Noutros tempos estava aqui o largo cheio de gente e agora só os ‘velhos ‘ como eu...”

Assim, ponderou-se que a média etária dos respondentes residentes em Bobadela é de 50 anos, a mais alta, enquanto que em Curalha é de 35,3 anos, a mais baixa. Vilas Boas apresenta uma média etária dos respondentes de 47,8 e Ervededo de 48,7.

Neste ponto registaram-se níveis baixos de não resposta: 1,4% em Curalha e 0,4% em Ervededo.

A amostra é maioritariamente feminina (Gráfico 6.2), salvo o caso de Bobadela, onde se regista uma ligeira diferença entre sexo masculino e sexo feminino, com vantagem para o primeiro.

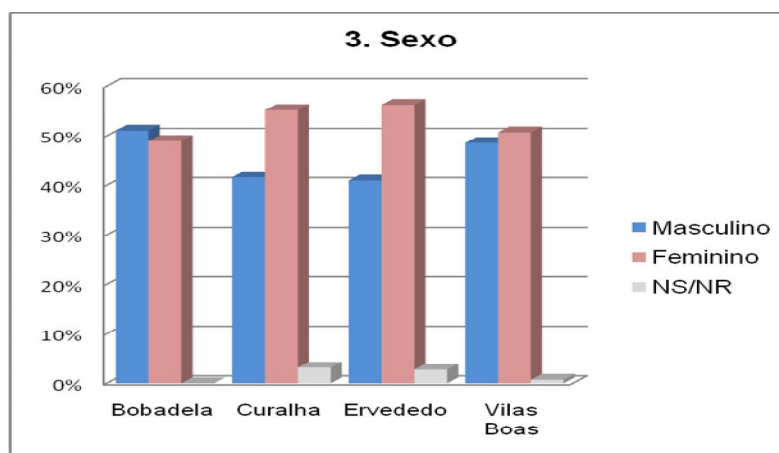


Gráfico 6.2. Caracterização da amostra: sexo

No sentido de conhecer e de melhor apreender as necessidades dos potenciais utilizadores, considerou-se importante saber do seu grau de ensino, permitindo posteriormente associar as suas necessidades ao seu nível académico, com o intuito de considerar tal aspecto no planeamento dos serviços a prestar pelo serviço de extensão cultural que se pretende implementar. Este aspecto deverá, no momento do planeamento, ser conjugado com outros factores igualmente importantes. Como mostra o Gráfico 6.3, mais uma vez, os níveis de ensino diminuem quando se verifica um maior afastamento e dificuldade de acesso ao centro do concelho.

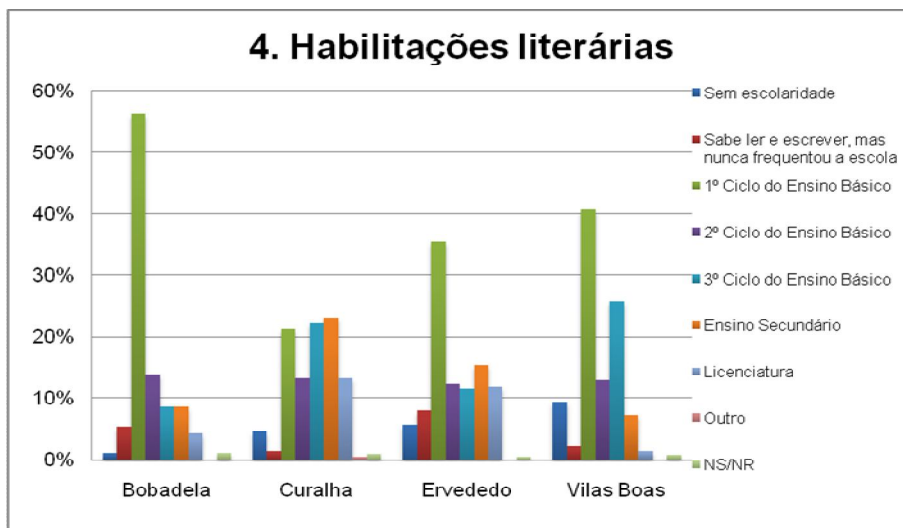


Gráfico 6.3. Caracterização da amostra: Habilitações literárias

É na freguesia de Vilas Boas que se regista uma percentagem mais alta de população analfabeta (9%); mais de metade da população de Bobadela possui apenas habilitação equivalente ao primeiro ciclo. Em Curalha, 23% da população afirma ser detentora de habilitação correspondente ao ensino secundário, seguida, muito de perto (22%), por aquela que diz ser detentora do 3º ciclo do ensino básico. Para tal contribuirá o facto de a faixa de população com mais de 65 anos residente nesta freguesia ser de apenas 11% e de apresentar a mais alta percentagem de jovens e jovens adultos, entre os 15 e os 24 anos. A percentagem mais alta de licenciaturas na população residente é igualmente em Curalha (13%), seguida de Ervededo (12%), Bobadela (4%) e Vilas Boas (1%).

Além desta análise, revelou-se importante fazer um cruzamento dos dados entre as diferentes faixas etárias e os níveis de escolaridade (Tabela 6.1 e Tabela 6.2).

Nas freguesias de Bobadela e Vilas Boas, existe uma grande percentagem dos respondentes entre os 46 e os 64 anos que responderam possuir apenas o primeiro ciclo do ensino básico. Estes níveis podem ser aceites se foram analisados numa perspectiva de escolaridade obrigatória à época, contudo, na sociedade contemporânea tal facto poderá ser uma enorme desvantagem no mundo do trabalho. Em Bobadela, 5% dos respondentes sabe ler e escrever, mas nunca frequentou a escola.

NÍVEIS DE ESCOLARIDADE POR IDADES: Bobadela e Vilas Boas

Idade \ Habilitações		Bobadela					Vilas Boas				
		NS/NR- 1%									
		Dos 6 aos 14 anos	Dos 15 aos 24 anos	Dos 25 aos 45 anos	Dos 46 aos 64 anos	65 ou mais anos	Dos 6 aos 14 anos	Dos 15 aos 24 anos	Dos 25 aos 45 anos	Dos 46 aos 64 anos	65 ou mais anos
		16%	19%	35%	18%	11%	10%	11%	22%	25%	32%
Não sabe ler nem escrever	Perc	0%	0%	0%	0%	1%	0%	0%	0%	1%	9%
	Nº R	0	0	0	0	1	0	0	0	1	12
Sabe ler e escrever, mas nunca frequentou a escola	Perc	0%	0%	0%	0%	5%	0%	0%	0%	0%	2%
	Nº R	0	0	0	0	5	0	0	0	0	3
1º Ciclo do ensino Básico	Perc	2%	0%	1%	33%	20%	0%	0%	0%	28%	13%
	Nº R	2	0	1	31	19	0	0	0	39	18
2º Ciclo do ensino Básico	Perc	1%	0%	8%	5%	0%	1%	1%	8%	1%	2%
	Nº R	1	0	8	5	0	2	1	11	1	3
3º Ciclo do ensino Básico	Perc	2%	0%	5%	1%	0%	6%	10%	8%	2%	0%
	Nº R	2	0	5	1	0	8	14	11	3	0
Ensino secundário	Perc	-	4%	4%	0%	0%	-	6%	1%	0%	0%
	Nº R	-	4	4	0	0	-	8	2	0	0
Licenciatura	Perc	-	1%	3%	0%	0%	-	0%	1%	0%	0%
	Nº R	-	1	3	0	0	-	0	2	0	0

Legenda:

Nº R. – Número de respostas

Perc - Percentagem

Tabela 6.1. Distribuição por idade e habilitações literárias: Bobadela e Vilas Boas

A percentagem dos respondentes entre os 15 e os 45 anos com níveis de escolaridade são mais altos em Bobadela.

Observa-se ainda que nestas duas freguesias nenhum dos habitantes com 65 ou mais anos possui mais do que o equivalente ao 2º ciclo do ensino básico e que no grupo etário anterior (dos 46 aos 64) apenas 1% e 2%, respectivamente em Bobadela e Vilas Boas detêm habilitações correspondentes ao 3º ciclo, não se registando nenhuma resposta em qualquer dos níveis de escolaridade seguintes.

No caso das outras duas freguesias, Curalha e Ervededo (Tabela 6.2), constatou-se que os respondentes com idades entre os 46 e os 64 anos apresentam valores mais altos nos níveis superiores de escolaridade.

NÍVEIS DE ESCOLARIDADE POR IDADES: Curalha e Ervededo											
Habilitações \ Idade		Curalha					Ervededo				
		Dos 6 aos 14 anos	Dos 15 aos 24 anos	Dos 25 aos 45 anos	Dos 46 aos 64 anos	65 ou mais anos	Dos 6 aos 14 anos	Dos 15 aos 24 anos	Dos 25 aos 45 anos	Dos 46 aos 64 anos	65 ou mais anos
		16%	19%	35%	18%	11%	10%	11%	22%	25%	32%
Não sabe ler nem escrever	Perc	0%	0%	0%	1%	3%	0%	0%	0%	0%	5%
	Nº R	0	0	0	3	7	0	0	0	1	13
Sabe ler e escrever, mas nunca frequentou a escola	Perc	0%	0%	0%	0%	1%	0%	0%	0%	0%	8%
	Nº R	0	0	0	1	2	0	0	0	1	19
1º Ciclo do ensino Básico	Perc	4%	0%	1%	10%	6%	4%	0%	2%	12%	19%
	Nº R	8	0	3	22	12	10	0	4	29	47
2º Ciclo do ensino Básico	Perc	5%	0%	6%	2%	0%	3%	0%	3%	5%	1%
	Nº R	10	1	11	7	0	8	0	8	13	2
3º Ciclo do ensino Básico	Perc	8%	7%	5%	3%	0%	3%	4%	2%	3%	0%
	Nº R	17	14	10	7	0	7	10	4	8	0
Ensino secundário	Perc	-	9%	11%	2%	1%	-	7%	6%	4%	0%
	Nº R	-	20	23	5	3	-	17	14	11	1
Licenciatura	Perc	-	2%	9%	2%	0%	-	1%	6%	5%	0%
	Nº R	-	5	20	4	0	-	2	16	12	0

Legenda:
 Nº R. – Número de respostas
 Perc - Percentagem

Tabela 6.2. Distribuição por idade e habilitações literárias: Curalha e Ervededo

Enquanto em Bobadela e Vilas Boas as taxas relativas de respondentes desta faixa etária registam elevados níveis de detentores de apenas o 1º ciclo do ensino básico, 88,6% e 87,5%, apenas 44,4% dos respondentes entre os 46 e os 64 anos de Curalha possuem habilitação correspondente ao 1º ciclo do ensino básico. Esta percentagem é de 40% em Ervededo.

Assim, no que diz respeito aos níveis habilitacionais podem ser tiradas as seguintes ilações:

- As respostas reflectem, em grande medida, a condições sócio-demográficas das populações residentes;

- Registrou-se uma baixa taxa de não-respostas a esta questão (máximo de 1,06% em Bobadela);
- A taxa de analfabetismo é maior em Vilas Boas (9%);
- 56,4% dos respondentes em Bobadela não possuem mais do que o correspondente ao 1º ciclo do ensino básico, apesar de a taxa de respondentes com idade entre os 6 e os 14 ser de apenas 6% e com mais de 65 ser de 27%;
- Encontra-se uma maior percentagem de respondentes com licenciatura em Curalha, logo seguida de Ervededo;
- A população que apresenta maiores níveis de escolaridade é aquela que tem uma média etária inferior;
- É nas freguesias mais próximas, ou com melhor acesso à sede do concelho, que os respondentes mais velhos têm, em termos relativos, níveis habilitacionais mais elevados.

Os resultados obtidos não só encorajam e legitimam a importância do papel da biblioteca no sentido da educação de adultos e da aprendizagem ao longo da vida, como também deixam antever a necessidade de se conciliarem esforços com outras entidades educativas e culturais, no sentido de fazer chegar aos mais isolados a informação.

Igualmente importante para o objectivo a atingir com o projecto que se pretende realizar é conhecer a condição dos inquiridos perante o trabalho, pois este deverá ser um factor a ter em conta no momento da elaboração do projecto, como forma de garantir que o serviço chega ao maior número possível da população-alvo da Biblioteca Municipal.

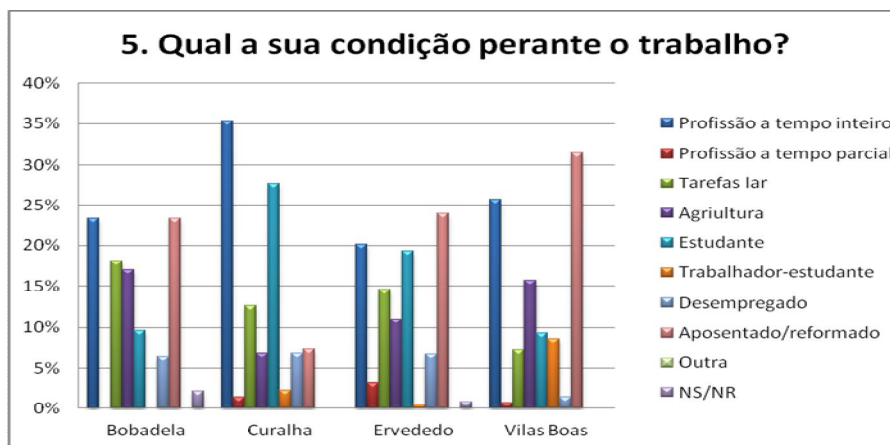


Gráfico 6.4. Condição dos inquiridos perante o trabalho

Assim, constatou-se (Gráfico 6.4.) que a percentagem da população que à partida terá maior disponibilidade para frequentar os possíveis serviços de uma biblioteca itinerante é de 56% nas freguesias de Ervededo e Vilas Boas e de 65% na de Bobadela, já que se encontram em situação de desemprego, ocupam-se de actividades agrícolas ou em situação de aposentação/reforma. Em Curalha, 35% dos respondentes exerce uma profissão a tempo inteiro e 28% é estudante, o que em termos práticos se deverá traduzir num reforço e uma atenção maior nos serviços a prestar durante o tempo de férias escolares, nesta freguesia.

Esta questão da disponibilidade de tempo, levou a que fossem assinaladas duas opções como resposta à solicitação, já que não foi imposto um limite de escolhas. A maior parte destes casos relaciona-se com igual peso dado às tarefas do lar e aos trabalhos agrícolas. Enumerando as situações:

- Curalha: um único caso com as hipóteses assinaladas de “ocupa-se das tarefas do lar” e “vive da agricultura”;
- Bobadela: quatro casos, todos eles com a opção “ocupa-se das tarefas do lar” e “vive da agricultura” (duas situações), “desempregado” ou “exerce uma profissão a tempo parcial”;
- Ervededo: quinze casos. Em catorze situações, surge a opção “ocupa-se das tarefas do lar” associado a “vive da agricultura” (onze casos) e a “aposentado /reformado”, a “desempregado” e a “exerce uma profissão a tempo parcial”, cada uma destas opções com um caso cada. Verificou-se ainda um caso onde foram assinaladas as opções “vive da agricultura” e “aposentado/reformado”;
- Em Vilas Boas não se registou nenhum caso de resposta múltipla à questão.

Aliás, esta questão de considerar duas das opções apresentadas, bem como do tempo que se dispõe para a leitura, foi expresso num dos comentários anotados: “ ... o dia de ir trocar os livros ou dizer que não tive tempo de acabar de ler, pois quando havia muito trabalho no campo e a lida de casa não deixava tempo para as leituras, mas gostava sempre de ler quando podia, lá se arranjava um bocadito! ...”

Além dos aspectos subjacentes neste comentário, podem servir para ilustrar a manifestação do resultado de se criarem hábitos de leitura, o que transparece também em comentários como estes:

- “A minha avó requisitava sempre muitos livros e conseguiu transmitir-me esse gosto, ainda hoje leio muito”;
- “Sempre me considerei um poeta, talvez como o poeta Aleixo! Quem sabe! Escrevi sempre muito, ora no campo quando ia com as crias [i.e. animais] ora durante a sesta nos meses de Verão. primeiro botava uma soneca, depois ia para a rua, sentava-me ali [*aponta para o banco em granito que está junto do chafariz*] e ia lendo para a minha mulher e vizinhas os meus escritos e também algumas passagens do romance que andava a ler e que era emprestado pela carrinha.”

6.2. Dados sobre utilização de bibliotecas

Um outro aspecto que se procurou abordar com o questionário foi o da utilização da biblioteca pelos habitantes flavienses. Igualmente essencial foi avaliar o impacto que teve a Biblioteca Itinerante nº 43 da Gulbenkian, na região, bem como os hábitos referentes ao uso conjugado de diferentes tipos de bibliotecas.

Em relação aos hábitos de frequência de bibliotecas (Gráfico 6.5.), verifica-se uma grande disparidade entre as unidades de amostra em análise. Enquanto em Bobadela uma percentagem considerável de respondentes, cerca de 69,1%, respondeu que nunca utilizou uma biblioteca, em contrapartida, em Curalha, 66,1% dos respondentes afirma utilizar ou já ter utilizado a biblioteca municipal, o que se crê comprovar a desigualdade de acesso aos serviços prestados pela Biblioteca Municipal. Registam-se ainda percentagens elevadas de não utilização de uma biblioteca, já que esta foi a resposta escolhida por 50,7% dos respondentes de Vilas Boas e 31,1% em Ervededo.

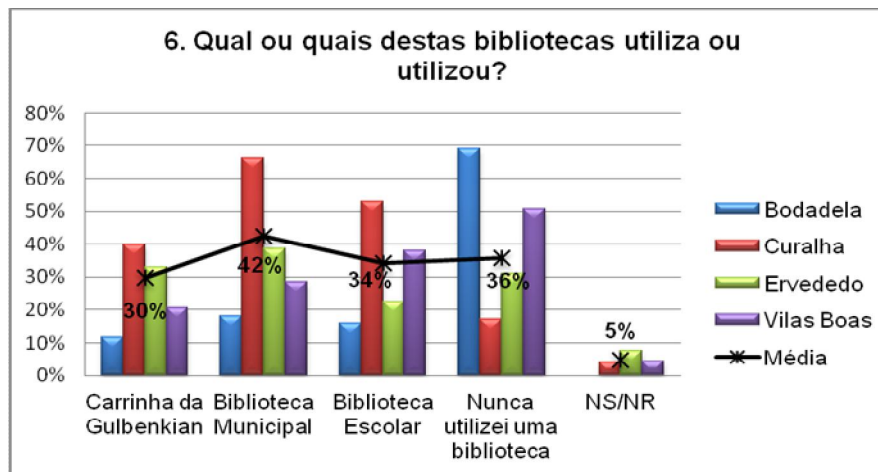


Gráfico 6.5. Utilização das diferentes bibliotecas

Em termos médios gerais, calculados com base na totalidade dos inquéritos é a biblioteca municipal que obtém maior número de utilizações (42,5%), seguido da não utilização de qualquer biblioteca (35,7%), uma percentagem geral significativa, ainda mais preocupante quando se analisam zonas geográficas de maior isolamento, o que faz pensar na questão da infoexclusão. Neste cenário da não utilização de qualquer biblioteca, destaca-se o caso de Bobadela, que fica mais distante da sede de concelho e que apresenta mais dificuldades de acesso ao centro, por força da rede viária que a serve e dos meios de transporte públicos disponíveis. Apresenta uma percentagem elevadíssima dos respondentes que não têm hábitos de frequentar uma biblioteca, como já se referiu anteriormente; no entanto, quando questionados sobre a importância de tal serviço, parece que não há dúvidas em considerá-lo importante.

Quando se analisam os hábitos de visitas a bibliotecas com a sua condição perante o trabalho, obtêm-se os resultados apresentados na Tabela 6.2 e na Tabela 6.3.

Nas quatro freguesias estudadas, aqueles que exercem actualmente uma profissão a tempo inteiro compõem a maior percentagem dos utilizadores da antiga carrinha. Quanto a visitas à Biblioteca Municipal, na freguesia de Bobadela e Ervededo são os estudantes que apresentam uma percentagem relativa mais alta, enquanto nas freguesias de Curalha e Vilas Boas a visita à biblioteca pública é mais frequente entre aqueles que têm uma profissão a tempo inteiro. Este facto poderá estar relacionado com a deslocação

necessária à sede do concelho, quer seja para ir à escola, quer seja para trabalhar.

Visitas à biblioteca e condição perante o trabalho: Bobadela e Vilas Boas									
Condição perante o trabalho		Bobadela				Vilas Boas			
		Tipo de biblioteca				Tipo de biblioteca			
		Carrinha da Gulbenkian	Biblioteca Municipal	Biblioteca escolar	Nenhuma biblioteca	Carrinha da Gulbenkian	Biblioteca Municipal	Biblioteca escolar	Nenhuma biblioteca
		Percentagem de respondentes				Percentagem de respondentes			
		12%	17%	16%	69%	21%	29%	38%	51%
Exerce uma profissão a tempo inteiro	Perc	4%	6%	7%	11%	10%	11%	18%	4%
	Nº R	4	7	7	10	14	16	25	6
Exerce uma profissão a tempo parcial	Perc	0%	0%	0%	0%	1%	1%	1%	0%
	Nº R	0	0	0	0	1	1	1	0
Ocupa-se das tarefas do lar	Perc	1%	0%	1%	16%	2%	0%	2%	4%
	Nº R	1	0	0	15	3	0	3	6
Vive da agricultura	Perc	1%	0%	1%	15%	1%	0%	0%	15%
	Nº R	1	0	0	14	1	0	0	21
Estudante	Perc	2%	9%	4%	1%	2%	7%	9%	0%
	Nº R	2	8	8	1	3	10	12	0
Estudante/ trabalhador	Perc	0%	0%	0%	0%	2%	5%	5%	1%
	Nº R	0	0	0	0	3	7	7	1
Desempregado	Perc	1%	2%	2%	4%	1%	1%	1%	0%
	Nº R	1	2	2	3	1	1	2	0
Aposentado/ reformado	Perc	1%	0%	0%	22%	2%	4%	2%	26%
	Nº R	1	0	0	21	3	5	3	37
Outra	Perc	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Nº R	0	0	0	0	0	0	0	0
Não responde	Perc	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Nº R	1	0	0	0	0	0	0	0

Tabela 6.3. Visitas à biblioteca e condições perante o trabalho: Bobadela e Vilas Boas

Os hábitos de frequência da biblioteca devem ser sempre entendidos tendo em conta a caracterização etária da população. Assim, a população de Bobadela, que apresenta uma percentagem de jovens até aos 14 anos de 6% e de 5% dos 15 aos 24, apresenta taxas relativas de frequência de bibliotecas boas, no entanto, não se deve deixar de notar que entre os estudantes,

registou-se uma percentagem de apenas 1% de respondentes que afirma não frequentar nenhuma biblioteca, não se verificando o mesmo em qualquer outra das restantes freguesias estudadas. Ainda nesta freguesia de Bobadela, verificou-se que aquelas pessoas que têm, à partida, ocupações que impliquem menos deslocações para a sede do concelho apresentam as percentagens mais elevadas de não frequência de qualquer biblioteca. É o caso dos reformados (22%), daqueles que vivem da agricultura (16%) e de quem se ocupa das tarefas do lar (15%). Aliás, de um modo geral, são estas as três ocupações que mais contribuem para a falta de hábito de frequência de bibliotecas.

Tipo de biblioteca		Curalha				Ervededo			
		Carrinha da Gulbenkian	Biblioteca Municipal	Biblioteca escolar	Nenhuma biblioteca	Carrinha da Gulbenkian	Biblioteca Municipal	Biblioteca escolar	Nenhuma biblioteca
		Percentagem de respondentes				Percentagem de respondentes			
Condição perante o trabalho		40%	66%	53%	17%	33%	39%	22%	31%
Exerce uma profissão a tempo inteiro	Perc	21%	28%	25%	2%	12%	12%	7%	3%
	Nº R	47	62	56	5	30	38	17	7
Exerce uma profissão a tempo parcial	Perc	1%	1%	1%	0%	3%	2%	1%	0%
	Nº R	3	2	2	0	7	5	2	0
Ocupa-se das tarefas do lar	Perc	5%	4%	2%	6%	8%	1%	1%	3%
	Nº R	11	8	4	13	21	2	3	8
Vive da agricultura	Perc	1%	0%	0%	5%	3%	0%	0%	6%
	Nº R	2	0	0	12	8	1	0	16
Estudante	Perc	5%	24%	21%	0%	1%	18%	12%	0%
	Nº R	12	52	46	0	2	52	30	1
Estudante/ trabalhador	Perc	0%	2%	1%	0%	0%	0%	0%	0%
	Nº R	0	4	2	0	0	6	0	0
Desempregado	Perc	4%	5%	3%	0%	2%	5%	1%	1%
	Nº R	9	12	7	0	5	12	3	3
Aposentado/ reformado	Perc	2%	3%	0%	4%	4%	0%	1%	17%
	Nº R	4	6	0	0	11	4	2	43
Outra	Perc	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Nº R	0	0	0	0	0	0	0	0
Não responde	Perc	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Nº R	0	0	0	0	0	0	0	1

Tabela 6.4. Visitas à biblioteca e condições perante o trabalho: Curalha e Ervededo

Já as freguesias de Curalha e Ervededo, apresentam taxas mais baixas de ausência de hábitos de visita a bibliotecas, variando a ausência destes hábitos entre aqueles que vivem da agricultura, os aposentados ou reformados e aqueles que se ocupam das tarefas do lar.

A grande conclusão que se retira desta análise é a de que a Biblioteca Municipal ainda não atingiu uma grande percentagem da sua população-alvo, acentuando a necessidade que esta tem em desenvolver serviços para fazer cumprir, de uma forma mais eficaz, a missão que lhe incumbe e que passará, entre outras linhas de acção, por sair de portas e ir de encontro ao seu público, já que 36% do total dos respondentes assinalaram como opção que não utilizam ou nunca utilizaram uma biblioteca, o que é uma percentagem considerável.

Registe-se que a percentagem média de respondentes que foram utilizadores da antiga carrinha da Gulbenkian se situa nos cerca de 30 pontos percentuais.

Uma questão se coloca agora: quem eram estes utilizadores? Que faixa etária acorria aos serviços da antiga biblioteca itinerante? Qual a sua situação perante o trabalho?

Os inquiridos dizem que aqueles que se identificaram como antigos utilizadores da carrinha, 30% da amostra global, presentemente têm entre 25 e 45 anos (45%)⁷; o grupo etário com menos utilizadores (4%) corresponde aos indivíduos com idade inferior a 15 anos, o que é facilmente compreensível, visto o tempo que decorreu já desde a última passagem da carrinha. O segundo grupo mais representado (28%) é o que tem entre 45 e 64 anos. Estes utilizadores são maioritariamente mulheres (58% dos utilizadores). Relativamente à sua profissão, 45% afirma exercer uma actividade profissional a tempo inteiro, 17% ocupa-se das tarefas do lar, 9% dos antigos utilizadores é estudante e igual percentagem é reformado.

Do trabalho de campo, deduziu-se que a Biblioteca Itinerante nº43 teve um papel muito importante para as populações que serviu, não só no que diz respeito à missão biblioteconómica propriamente dita, mas também teve um papel social notável na quebra do isolamento vivido neste tipo de comunidade

⁷ Recorde-se que a Biblioteca Itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian circulou em Chaves entre 1962 e 2003.

mais afastada dos grandes aglomerados populacionais. Tal decorre da análise dos comentários recolhidos pela investigadora, como é o caso dos que se seguem, por exemplo: “Sê me lembro! O Senhor (Oh! Esqueci o nome) até nos trazia os remédios da farmácia, porque ir à cidade acarretava muitos gastos e viver da lavoura não dava para tudo...” A presença da carrinha era um acontecimento que reunia a povoação e que servia de pretexto para dois dedos de conversa; dizia um inquirido de Ervededo: “Na tarde que a carrinha estava no largo da capela até parecia domingo, eram novos e velhos a ir dar uma espreitadela, uns a levar livros, outros à procura do novo Boletim, outros davam a vida para conversar com o funcionário...”. “Pode crer que sinto saudades de quando ia até à eira onde parava a carrinha, e claro dávamos um dedo de conversa, agora passamos dias em que pouco ou nada se conversa. Aqui no meu bairro só estou eu a minha [mulher] e a tia Maria, do resto como pode ver, as casas estão fechadas, não há alma que aqui passe, só no mês de Agosto é que é uma alegria...”, comentava um outro inquirido de Vilas Boas.

Esta questão esperava um tipo de respostas com várias opções assinaladas, referentes à utilização conjugada de diferentes tipos de biblioteca, tendo-se apurado os dados constantes no Gráfico 6.6. Da análise desse mesmo gráfico, pode verificar-se que a antiga carrinha da Gulbenkian teve uma grande importância no acesso aos serviços de biblioteca para a população residente em Ervededo. Importa salientar que, para cerca de 20% dos residentes nesta freguesia, a biblioteca itinerante da Gulbenkian representou o único acesso a serviços biblioteconómicos. Já em Bobadela, aquele equipamento representou a segunda opção, em termos percentuais, de resposta possível, a par da utilização exclusiva da biblioteca escolar, ambas com 8,5% das respostas.

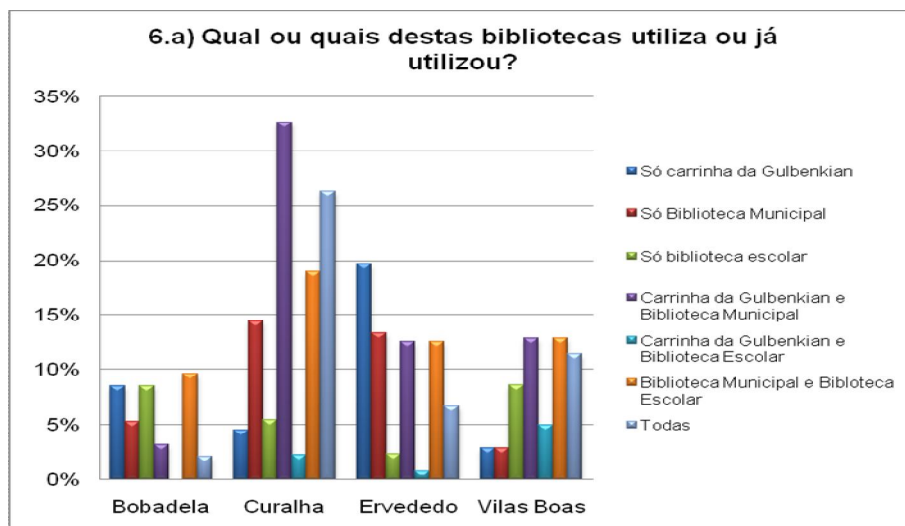


Gráfico 6.6. Utilização conjugada de diferentes tipos de bibliotecas

Interessante é também apurar que tipo de uso se faz, ou fez, das diferentes bibliotecas, pelo que, após a análise dos dados constatou-se que os habitantes usam ou já usaram todos os tipos de bibliotecas em percentagem bastante diferente. Assim, verifica-se quase sempre uma grande disparidade entre Curalha e Bobadela no que se refere ao uso de instituições ou serviços bibliotecários. Em Bobadela nenhum utilizador da antiga carrinha da Gulbenkian refere utilizar ou ter utilizado a biblioteca escolar.

Aliás, com excepção de Vilas Boas, as taxas de utilizadores quer da antiga biblioteca itinerante quer da biblioteca escolar⁸ são as mais baixas. A isto não é alheio o facto de a carrinha já ter deixado de percorrer as estradas há sete anos. Em Curalha, que regista a mais baixa percentagem de não utilização de qualquer tipo de biblioteca, a percentagem dos respondentes que assinalaram as três opções é a mais elevada (26%), enquanto aqueles que responderam utilizar a biblioteca municipal e a antiga biblioteca itinerante é de 32,6%. Em Ervededo, a Biblioteca Itinerante nº 43 foi o único meio de aceder aos serviços de uma biblioteca (19,6%). Em Vilas Boas, as opções Biblioteca Escolar e Biblioteca Municipal e antiga carrinha e biblioteca municipal são as respostas mais frequentes, ambas com 13%.

⁸ Os alunos do primeiro ciclo do ensino básico, residentes na freguesia de Bobadela, frequentam a escola de Águas Frias, que não possui uma biblioteca escolar. Os alunos de Vilas Boas frequentam o agrupamento de escolas de Vidago até ao 9º ano, que está equipado com biblioteca. Estes alunos prosseguem os estudos nas escolas na sede do concelho, nomeadamente: Escola EB23, Dr. Francisco Gonçalves Carneiro, Escola EB23, Nadir Afonso, Escola Secundária Dr. Júlio Martins, Escola Secundária Fernão de Magalhães e Escola Secundária Dr. António Granjo. Todos estes estabelecimentos de ensino possuem biblioteca e estão integradas na Rede de Bibliotecas Escolares.

O serviço que se pretende implementar tem como objectivo atingir toda a população alvo da Biblioteca Municipal, mas pretende estabelecer como alvos principais as crianças e jovens, bem como as pessoas idosas, já que, como os próprios desabafam "... os jovens nas férias só [têm] o trabalho no campo ou jogar à bola para passar os dias...", nestes locais a solidão é sentida, principalmente, pelo mais velhos, "... noutros tempos estava aqui o largo cheio de gente e agora só os 'velhos' como eu..." desafogava um inquirido; o serviço de biblioteca itinerante será importante até mesmo para promover o encontro intergeracional tão gratificante "... a minha avó requisitava sempre muitos livros e conseguiu transmitir-me esse gosto..." diz ainda outro respondente. Importa focar a atenção nestes dois grupos no que se refere aos hábitos de aproveitamento de instituições desta natureza.

6.3.A opinião dos inquiridos

Nas duas questões relativas à medição da opinião dos inquiridos foi utilizada a escala de Likert composta por cinco posições. Para a questão 7 a escala tinha as seguintes posições: sem importância, pouco importante, nem muito nem pouco importante/não sei, com alguma importância e muito importante. Foi efectuada uma cotação das respostas que variam de modo consecutivo entre o 1 (sem importância) e o 5 (muito importante). A questão 8 obedeceu ao mesmo princípio, mas a escala tinha outras designações mais concernentes com a questão: "qual considera ser o grau de utilidade de uma biblioteca móvel?". Como resposta, os inquiridos teriam de escolher entre o 1 (sem interesse algum) e o 5 (extremamente útil), passando pelo com algum interesse (2), nem útil, nem inútil; nunca pensei nisso (nível 3) e com algum interesse (4). Estas escalas foram acompanhadas de símbolos que, para além de darem um aspecto mais amigável ao inquirido, tornou-o mais perceptível e ajudou na sua organização gráfica.

O grau de importância, em média, atribuído a cada um dos serviços sobre os quais foi solicitada a opinião do inquirido apresenta a distribuição constante no Gráfico 6.7.

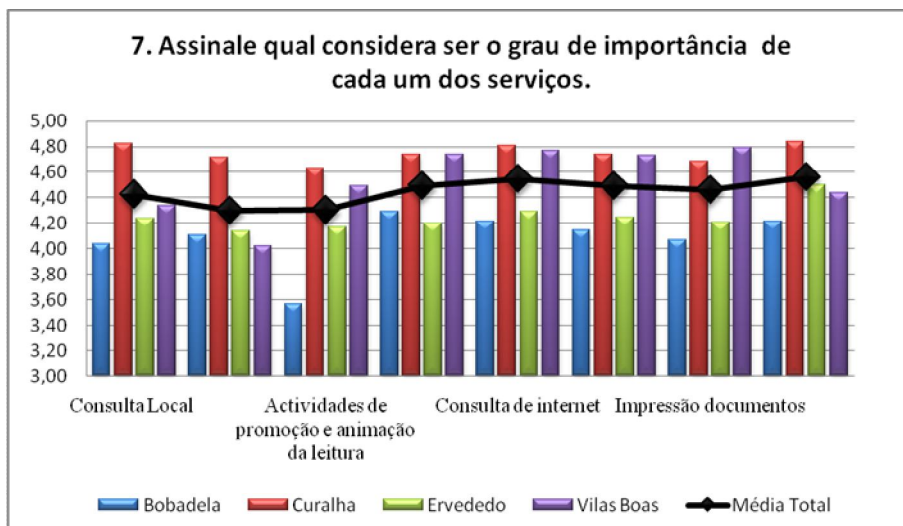


Gráfico 6.7. Avaliação da importância dos serviços: média geral e por unidades de amostra

A nível de avaliação geral da importância, a média não varia significativamente, sendo a mais alta 4,56 para o empréstimo domiciliário, logo seguida das consultas na internet com uma classificação de 4,55. O valor médio mais baixo (4,3) regista-se nas actividades de promoção e animação da leitura e também na leitura de periódicos. Daqui se deduz que no conjunto das quatro freguesias, todos os serviços foram avaliados com um grau que se pode designar como “com alguma importância”, alguns mesmo, a nível de freguesia, com valores próximos do nível máximo. Assim, quando se analisam os resultados por freguesias, verificam-se valores desiguais quer no que respeita às médias, como se pode constatar da leitura do Gráfico 6.7, quer na distribuição das frequências de respostas em cada um dos níveis.

O primeiro serviço apresentado foi o de consulta local (Gráfico 6.8), incluindo aí a utilização de vários suportes. Neste préstimo obtiveram-se médias que variam entre 4,03 em Bobadela e 4,82 em Curalha. A média obtida nesta última freguesia é, aliás, a segunda melhor a nível de unidade de amostra, por serviço.

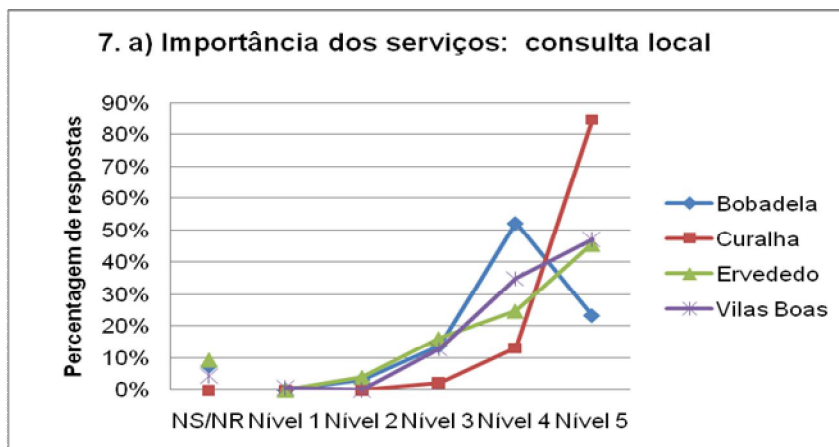


Gráfico 6.8. Frequência de respostas: serviço de consulta local

A taxa de resposta registada para a avaliação deste serviço foi de 100% em Curalha, 96% em Vilas Boas, 93% em Bobadela e 91% em Ervededo. Salienta-se ainda a inexistência de qualquer avaliação de nível mais baixo e de poucas avaliações no segundo nível, sendo mesmo ausentes em Curalha e Vilas Boas. O pico de resposta é muito significativo em Curalha (85% de resposta) no nível 5 e em Bobadela no nível 4, com 52% de respostas. As duas restantes freguesias apresentam um pico de resposta no nível 5, embora não tão acentuado como em Curalha, e que são de 46% em Ervededo e 47% em Vilas Boas.

Quanto à leitura de periódicos (Gráfico 6.9), Curalha mostra a mesma tendência de classificação que em relação à consulta local, embora se verifique um aumento de classificações de nível 5 (mais 7% dos respondentes) e um decréscimo de nível 4 (cerca de 5% menos de respostas), o que em termos médios representa uma classificação de 4,10. De salientar que, tal como aconteceu no serviço anteriormente analisado, esta freguesia não registou nenhum inquérito que não tivesse sido respondido.

Ainda em Curalha, registou-se que 77% dos respondentes classificou o serviço como de importância de nível 5 (muito importante), de que resulta consequentemente uma percentagem muito baixa de classificações noutros níveis, tais como 18% para o nível 4. Assim, em termos médios, o serviço de leitura de periódicos obtém em Curalha uma avaliação média de 4,71.

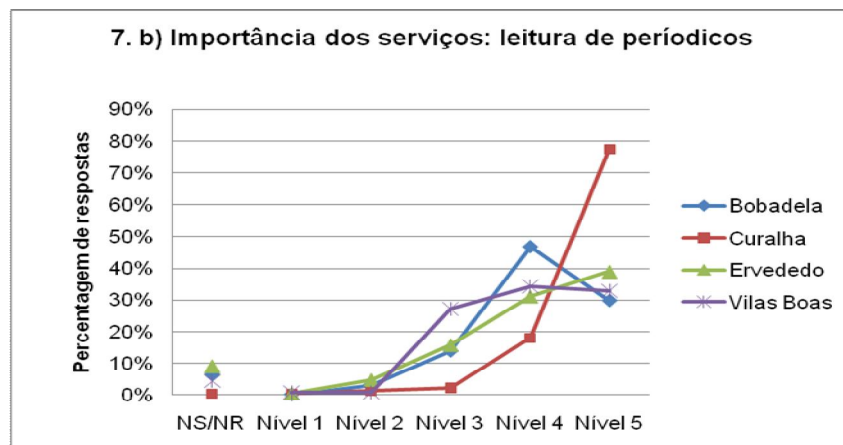


Gráfico 6.9. Frequência de respostas: serviço de leitura de periódicos

Em Ervededo, regista-se uma avaliação no nível 2 de cerca de 4% dos respondentes, sendo esta a freguesia que regista um maior número de respostas neste nível. Na classificação mais elevada, a frequência de respostas é de 39%. A média de avaliação situa-se nos 4,14.

Vilas Boas apresenta valores de frequência entre os níveis 4 e 5, separados apenas por um ponto percentual, contudo as classificações de nível 3 de importância, apresentado como “nem útil nem inútil, nunca pensei nisso”, correspondem a uma posição neutra, apresentando valores consideravelmente mais altos do que em qualquer uma das outras freguesias, o que em termos médios corresponde a uma avaliação média de 4,02 resultando assim uma certa distribuição equitativa nas avaliações, não se registando manifestos picos de resposta.

O serviço que obteve uma classificação relativa à sua importância mais baixo é o das actividades de promoção e animação da leitura na freguesia de Bobadela. Há a salientar que o pico de resposta se situa no nível 4, com 39% das respostas a atribuir essa avaliação. A segunda maior taxa de resposta é no nível 3, com 31% das respostas. Consta-se ainda que a taxa de respostas no nível 2 não dista muito daquela que é registada no nível 5.

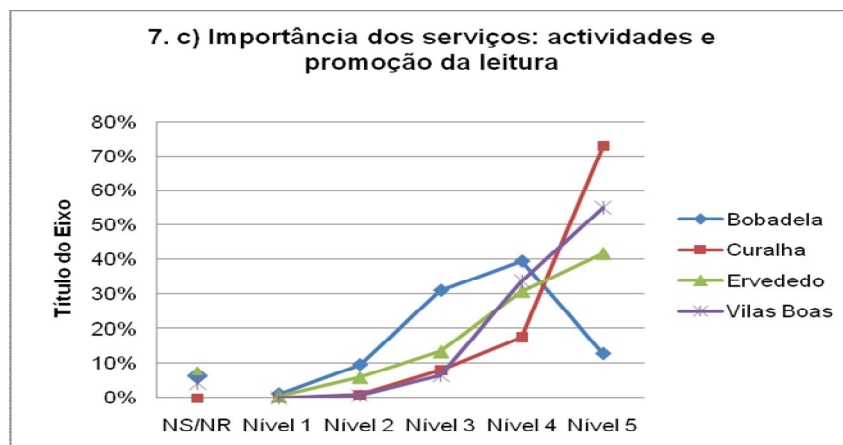


Gráfico 6.10. Frequência de respostas: actividades de animação e promoção da leitura

Em contrapartida, a avaliação deste mesmo serviço nas outras freguesias apresenta distribuições divergentes. Ao contrário de Bobadela, todas as restantes freguesias apresentam como pico de resposta a classificação de 5, sendo que Curalha apresenta mesmo uma percentagem de resposta nesse nível bastante considerável, a saber, 73%, o que confere neste tipo de serviço disponibilizado uma classificação média de 4,63.

No que concerne às acções de formação (Gráfico 6.11), pensadas aqui como acções a desenvolver mais centradas na aquisição de competências no âmbito das literacias, registaram-se as seguintes classificações médias por freguesia:

- 4,74 em Curalha e Vilas Boas;
- 4,29 em Bobadela;
- 4,19 em Ervededo.

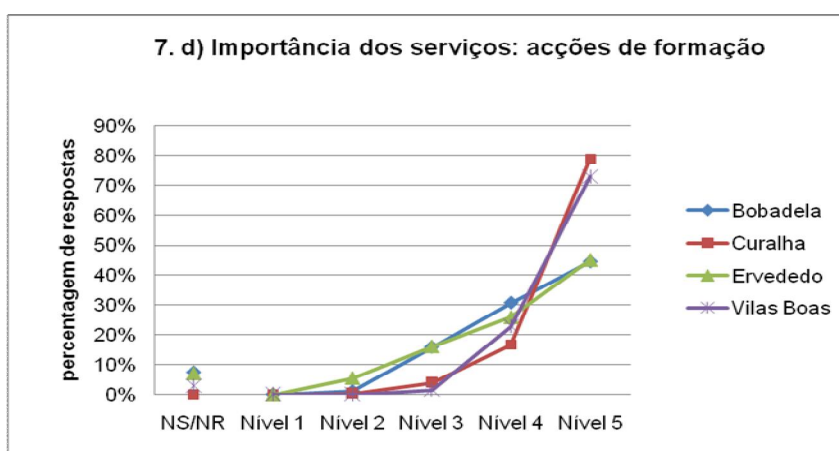


Gráfico 6.11. Frequência de respostas: acções de formação

A frequência mais alta nas quatro unidades de amostra é o nível 5. As avaliações, neste tipo de préstimo podem ser agrupadas em dois grupos com distribuições semelhantes entre si. Em Bobadela e Ervededo registaram-se valores percentuais de respostas assinaladas no nível 3, na ordem dos 16%. Na freguesia de Ervededo, 6% das respostas classificam o serviço de importância nível 2, enquanto apenas 1% dos inquiridos em Bobadela lhe atribuem essa classificação. A frequência varia também em relação ao nível 4: 17% em Curalha; 26% em Ervededo; 23% em Vilas Boas e 31% em Bobadela.

Em relação à utilização de terminais informáticos para consultas na internet (Gráfico 6.12), verificam-se mais uma vez as médias mais baixas em Curalha (4,22) e Ervededo (4,29). Os picos de resposta situam-se novamente no nível 5, embora em Bobadela a diferença entre esse nível e o imediatamente anterior seja de apenas 5%. A freguesia de Curalha é a que apresenta melhor média (4,81), o que é facilmente compreensível, verificando-se a percentagem de respostas no nível máximo (87%). É relativamente baixa a taxa de respostas em qualquer um dos outros níveis. Em Vilas Boas a média é de 4,77 e a percentagem de respostas de nível 5 é de 75% e no nível 4 é de 19%.

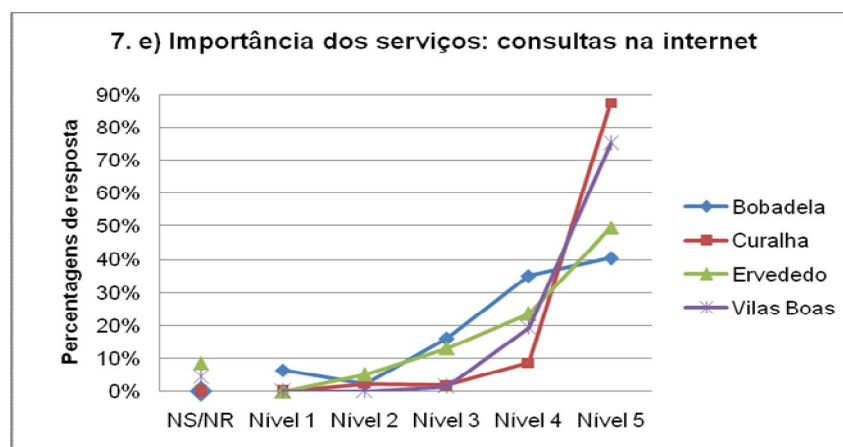


Gráfico 6.12. Frequência de respostas: consultas na internet

A tendência até agora verificada não é muito diferente quando se trata da disponibilização de recursos das designadas novas tecnologias, como, por exemplo, o uso de computadores para processamento de texto ou outros fins que não exclusivamente a internet. Bobadela e Ervededo apresentam as médias mais baixas (4,14 e 4,25, respectivamente), verificando-se, no entanto,

agora que o pico de resposta em Bobadela se centra no nível 4, embora com pequena diferença em relação ao nível 5. Ainda a salientar que 6% dos respondentes de Ervededo consideraram-no como de “pouco importante” (nível 2).

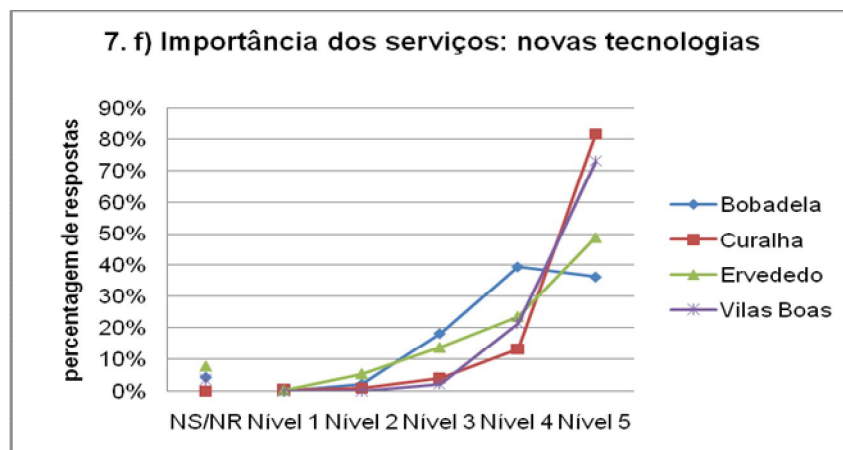


Gráfico 6.13. Frequência de respostas: recurso às novas tecnologias

Em Ervededo a taxa de resposta situou-se nos 92%.

Mais uma vez, Bobadela não regista o seu pico de respostas no nível 5, ao contrário das restantes unidades de amostra. Não foi registada qualquer avaliação no nível 1.

Num serviço de impressão de documentos verifica-se uma grande consonância entre as populações de Curalha e Vilas Boas, registando-se picos de resposta consideráveis no nível 5, com percentagens de 75% e 77%, e uma frequência de respostas no nível 4, de 20% e 17% respectivamente, o que lhe dá uma média de classificação de 4,79, em Vilas Boas e de 4,69 em Curalha.

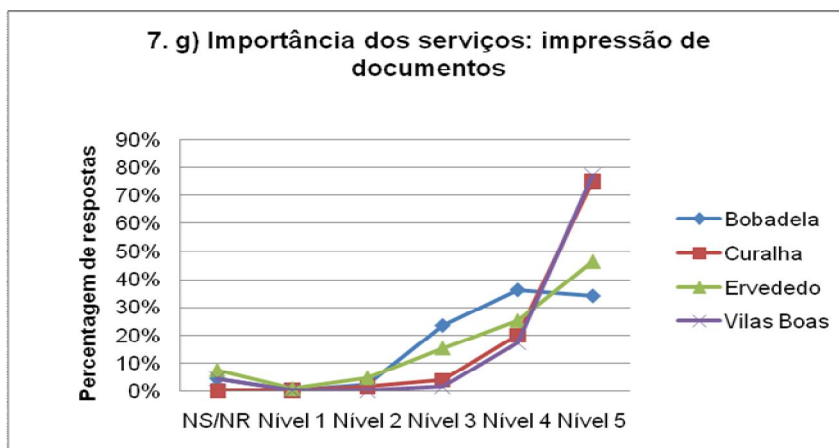


Gráfico 6.14. Frequência de respostas: impressão de documentos

As outras duas freguesias apresentam tendências diversas. Enquanto em Bobadela o pico de resposta é repetidamente o nível 4, embora não muito distante da frequência de resposta no nível 5, uma diferença de apenas 2%, já Ervededo apresenta um pico de resposta no nível 5, de 46%. Regista ainda uma frequência de repostas no nível 4 de 25%. Tais factos justificam as avaliações médias obtidas nestas freguesias: 4,07 em Bobadela e 4,21 em Ervededo.

Em relação ao empréstimo domiciliário, Curalha, mais uma vez, assinala um pico de resposta muito elevado com 85% das respostas para o nível 5, registando-se depois 14% de respostas no nível 4 e 1% no nível 3, o que confere ao serviço uma classificação de 4,84, já muito próxima do nível máximo.

A excepção é Bobadela, onde mais uma vez o pico de respostas não se situa no nível máximo. Esta localidade tem uma frequência de resposta de nível 4, de 50%. É, aliás, nesta freguesia que a média é mais baixa (4,22). Já Ervededo e Vilas Boas apresentam médias próximas (4,44 e 4,50 respectivamente), embora com distribuição por níveis diferentes.

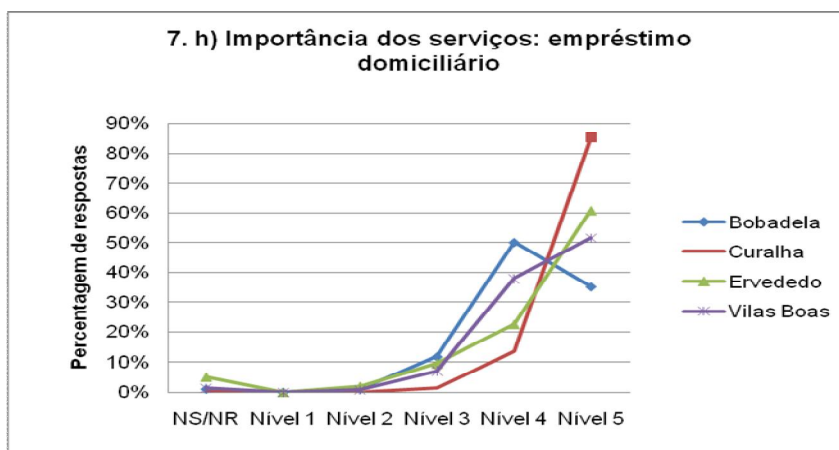


Gráfico 6.15. Frequência de respostas: empréstimo domiciliário

Este é de todos o que regista menor percentagem de não-resposta de forma geral, contudo, registaram-se respostas inválidas, uma vez que três inquéritos apresentam dois níveis de importância assinalados, e portanto, contabilizados como não resposta.

Os valores obtidos podem ser justificados por ser este o serviço tradicionalmente mais associado às bibliotecas.

Os picos de resposta, à excepção de Bobadela, situam-se todos no nível 5, o que em termos de classificação dá valores de 4,84 em Curalha, já próximo do nível 5; 4,50 em Ervededo, 4,44 em Vilas Boas e apenas 4,22 em Bobadela.

Em suma, pode dizer-se que o serviço com pior classificação média é o das actividades de animação e promoção da leitura em Bobadela e em Ervededo, mas para a população residente em Curalha é a consulta local, e em Vilas Boas é a leitura de periódicos.

Todos os serviços têm médias de avaliação de importância entre os 4 (“com alguma importância”) e o 5 (“muito importante”), com excepção das actividades de animação e promoção da leitura para os habitantes de Bobadela, que não atinge uma classificação de nível 4.

Curalha é a que apresenta as médias mais constantes e, com excepção da impressão dos documentos, as mais altas em relação às restantes localidades. A tal facto não é alheia a sua maior proximidade da sede do concelho e maior facilidade de acesso e transportes, revelando a média etária mais baixa (35,3 anos), os maiores níveis de habilitações académicas e a maior percentagem de população que exerce uma profissão a tempo inteiro, sendo que uma parte representativa desta exerce essa mesma actividade na cidade de Chaves.

Em termos gerais, a freguesia de Bobadela é a que apresenta médias de avaliação mais baixas, e que serão, também elas, reflexo da sua caracterização: é a localidade mais afastada da sede do concelho e com maior dificuldade de acesso e transportes, apresenta uma média etária alta (50 anos); os níveis de habilitações literárias são baixos, com 51% da população com apenas o primeiro ciclo do ensino básico, quanto à sua ocupação profissional, 23% da população é aposentada, 18% ocupa-se das tarefas do lar e 17% dedica-se à agricultura. O único serviço que não regista uma média mais baixa do que qualquer uma das freguesias é o da leitura de periódicos, o que não deixa de ser também uma consequência do seu isolamento, uma vez que sendo uma localidade, que à partida tem menos possibilidades de acesso à informação, espelha uma maior necessidade da mesma, transmitida também ela, pelos recursos contínuos.

Quando questionados sobre o grau de utilidade de uma biblioteca móvel (questão 8), os inquiridos responderam da seguinte forma:

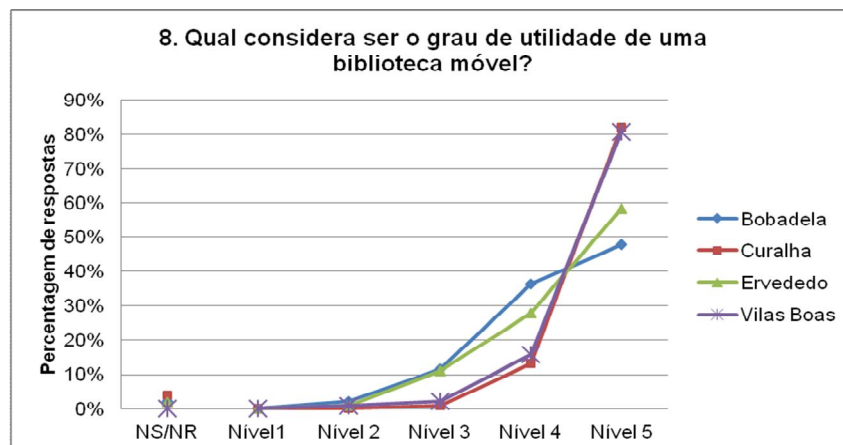


Gráfico 6.16. Frequência de respostas: utilidade de uma biblioteca móvel

Os valores obtidos para cada hipótese de respostas são praticamente sobreponíveis nas freguesias de Curalha e Vilas Boas, onde se registaram respostas para a classificação do serviço de extremamente útil, ligeiramente acima dos 80%. A freguesia que mais uma vez regista uma classificação mais baixa é Bobadela, com uma média de 4,33, seguida de Ervededo (4,47), Vilas Boas (4,78) e Curalha (4,84).

A taxa de resposta desta questão variou entre os 95,9% em Curalha e os 99,3% em Vilas Boas, sendo os valores intermédios de 97,9% em Bobadela e 98% em Ervededo.

Note-se a ausência de qualquer resposta no nível 1 de utilidade, a baixa percentagem de respostas no nível 2, e uma percentagem de resposta no nível 3, inferiores a 15%.

As diferenças de classificação podem ser justificadas por um sentimento de que a concretização do projecto será uma coisa para demorar e que, portanto, já não serão eles a usufruir deste serviço, como se depreende de comentários como: "...para mim já não faz falta, mas os pequenos é que precisam..." ou "agora depois de certa idade é que ia ler?" mas logo acrescenta: "ai se lessem para mim, isso até gostava". Mais concretamente sobre o projecto e a sua utilidade, afirmou um inquirido de Curalha: "... sem dúvida que a biblioteca itinerante será uma mais-valia para a população que está mais distante da cidade, poderá ser o elo de ligação ao mundo da informação que para muitos ainda é escasso. Bem-haja, a quem teve a ideia de vir ao terreno e sentir as nossas angústias!"

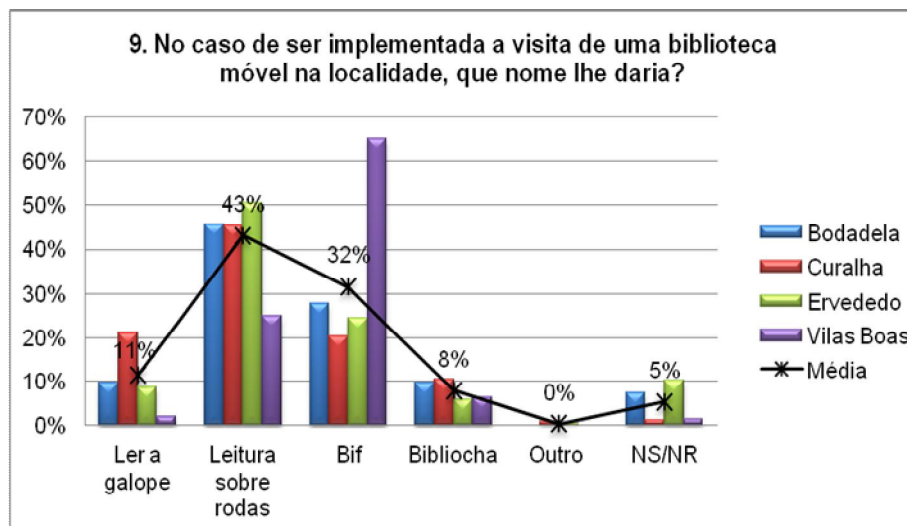


Gráfico 6.17. Nome da biblioteca

Constata-se, pela análise, que não se verificou um consenso em relação à escolha do nome.

Quanto à opção “outros” apenas foi registado um número muito baixo de respostas. As alternativas apresentadas foram: Bibliochoas, Flaviteca móvel e uma resposta onde foi assinalada a hipótese “outro”, mas sem qualquer sugestão.

É de notar a percentagem de não-respostas desta questão com a da questão anterior e ainda com a opção de nível 3 ou inferior nessa mesma pergunta. O que aparentemente poderia ser tido como um desinteresse, corrobora mais uma vez o facto de os respondentes acreditarem ser um projecto que poderá demorar bastante tempo e que, portanto, não serão eles a beneficiar do serviço, mas acabarem por lhes reconhecer importância para futuro, tal com demonstraram nos comentários que fizeram quando lhes foi solicitado o preenchimento dos inquéritos e que expressavam de formas variadas, tais como: “isso já não é para mim, mas se é para o bem daqui da terra...” ou “se for para nos tirar deste isolamento...”.

Quando convidados a deixar sugestões ou comentários sobre a biblioteca móvel, a taxa de resposta desta questão foi de apenas 3,22%, distribuído pelas freguesias da seguinte forma:

- Bobadela: 0 respostas;
- Curalha: 3 respostas;
- Ervededo: 18 respostas;

- Vilas Boas: 2 respostas.

Quanto aos assuntos abordados, registam-se o desejo e o interesse no regresso da biblioteca itinerante, recordações da carrinha antiga, o gosto pela leitura, a referência à importância dos recursos humanos afectos, quer os passados, quer os futuros, o incentivo à continuidade do projecto ou à importância, na opinião do inquirido, do desenvolvimento do projecto.

6.4. Conclusão

Em jeito de conclusão, cumpre dizer que todas as unidades de análise se mostraram receptivas quer à realização do inquérito quer ao acolhimento do projecto em si.

Relativamente aos dados de caracterização da amostra, como espectável, estes reflectem não só a caracterização das populações, mas também o envelhecimento das mesmas nas freguesias mais remotas, fruto da desertificação a partir do êxodo para a cidade ou sua periferia, o que facilmente se comprova quer pelas médias etárias distintas, quer pelos níveis de escolaridade.

O trabalho empírico mostrou as desigualdades de acesso aos serviços biblioteconómicos manifestados na ausência ou presença de hábitos de leitura. Recorde-se, por exemplo, o caso de Bobadela, onde cerca de 69% dos respondentes afirmam nunca terem utilizado uma biblioteca ao passo que em Curalha, apenas 17% nunca o fez. No comportamento sociológico, há uma explicação linear. Bobadela situa-se longe da sede de concelho, na montanha, enquanto que Curalha, a apenas 6 Kms, é um dormitório da própria sede de concelho, com muitos dos seus residentes a terem aí a sua ocupação profissional.

Assim, facilmente, se infere que a população com actividades profissionais de características mais urbanas frequenta mais as bibliotecas.

Regista-se que há receptividade para o serviço. A biblioteca itinerante a ser criada deverá reflectir o seu papel enquanto agente da aprendizagem ao longo da vida e da educação de adultos, sobretudo nas aldeias mais distantes da sede de concelho, onde deverá reforçar o seu papel.

**PARTE 3 -
DESENVOLVIMENTO DO
PROJECTO “LEITURAS SOBRE
RODAS”**

CAPÍTULO 7. INTRODUÇÃO

“Quantos homens têm datado o início de uma nova era das suas vidas a partir da leitura de um livro!”

Henry David Thoreau⁹

“A *Biblioteca Municipal de Chaves é um serviço aberto a toda a população*” (Regulamento, art.º 10º). Ao sugerir um projecto de implementação de serviços itinerantes para o concelho, a Biblioteca Municipal estará a propor-se fazer cumprir a sua missão, de uma forma mais alargada do que aquela que tem mantido até agora com o seu trabalho dentro de portas, indo ao encontro do seu público-alvo que a ela não pode aceder, aventurando-se, assim, a ser ela a deslocar os seus serviços onde estão os utilizadores, criando um espaço móvel novo, aliás dando cumprimento ao estabelecido no seu *Regulamento*, no artigo 8º, aprovado em 27 de Setembro de 2006, e alterado em 25 de Fevereiro de 2009.

Para além deste interesse legítimo coincidente em larga medida com a missão da Biblioteca Municipal, interessa também a esta instituição dar o seu contributo, em termos mais concretos, para a melhoria das condições e da qualidade de vida dos cidadãos no que diz respeito à cultura e à educação, que depois acarreta, à colação, melhorias a outros níveis.

O inquérito por questionário aplicado à população de algumas freguesias é, conforme se viu, representativo do interesse que uma iniciativa deste tipo desperta nas comunidades locais, tanto como da necessidade dos serviços que poderá prestar.

Para conseguir tal desiderato, apresentam-se de seguida as acções a desenvolver para materializar os objectivos do projecto, aqui também estabelecidos, a calendarização, os destinatários, os resultados esperados, a área de implementação e restantes elementos considerados de interesse para a prossecução do projecto.

O propósito maior será de que este plano não se dê por concluído com a implementação deste projecto, apenas inicial, nos prazos nele estabelecidos, mas que seja um motor de arranque para a promoção da leitura a curto, médio e longo prazo. Deseja-se mais do que tudo, que este trabalho perdure e seja

⁹ Retirado de *Serviço de bibliotecas e apoio à leitura*, da Fundação Calouste Gulbenkian (1994), p. 46

continuado, pois as valências que se pretendem instituir ficarão como um marco de mudança no combate à taxa de iliteracia local e igualmente contribuirão para uma política de aprendizagem ao longo da vida.

Assim, o que se propõe é reactivar os serviços de extensão bibliotecária e cultural, perdidos das estradas concelhias, e assim fazê-los chegar a todos.

Para concretizar o projecto “Leituras sobre rodas”, foi seguida uma metodologia de construção de projecto consistindo, numa primeira abordagem, no conhecimento e caracterização da população de forma a identificar uma área de intervenção. Foi realizado um diagnóstico, nomeadamente, através de conversas informais com a população e a realização de um inquérito por questionário de forma a identificar um problema, e uma consequente procura de soluções alternativas. Depois, foi ainda realizado um plano de acção a desenvolver, que seguidamente se apresenta, onde são identificadas as entidades envolvidas, as informações do projecto, a memória descritiva, que inclui entre outros, a fundamentação teórica, os objectivos globais, a área de aplicação, os destinatários e a metodologia de implementação. Este plano inclui ainda o cronograma, o calendário das actividades e a orçamentação. O projecto termina com a apresentação dos resultados esperados, fundamentais para a posterior fase de avaliação.

CAPÍTULO 8. ENTIDADES ENVOLVIDAS

8.1. Identificação da entidade promotora

Designação: Câmara Municipal de Chaves

Endereço: Praça de Camões

Código Postal: 5400 - 150 Chaves

Telefone: 276 340 500

Fax: 276 327 724

8.2. Identificação da entidade executora

Designação: Biblioteca Municipal de Chaves

Endereço: Largo General Silveira

Código Postal: 5400 - 516 Chaves

Telefone: 276 309 380

E-mail: mc.dsc@mail.telepac.pt

Fax: 276 309 385

Tipologia: BM2

Breve apresentação da Biblioteca:

A Biblioteca Municipal de Chaves está integrada na Rede Nacional de Leitura Pública, através de um protocolo estabelecido entre o Município e o Ministério da Cultura. Tendo o concelho de Chaves cerca de 50.000 habitantes, este equipamento cultural, segundo as tipologias estabelecidas, caracteriza-se como uma B.M.2 (Biblioteca Municipal 2), daí advindo uma série de serviços de acesso à leitura e à informação a prestar ao cidadão.

Assim, apesar da cidade de Chaves possuir a sua biblioteca desde há muitos anos, pelo menos desde 1929, a renovação das instalações e a modernização do serviço eram uma aspiração dos flavienses, aspiração essa

com décadas, já que Chaves sempre foi uma cidade conotada com a cultura, não só pelos seus pergaminhos como localidade romana, daí a excelente colecção arqueológica que povoa os seus museus, mas também na cultura livresca. Recorde-se que foi nesta cidade que foram impressos os dois primeiros livros em língua portuguesa.

A Biblioteca de Chaves, com uma história já longa, ocupou vários edifícios no centro histórico, uns com mais dignidade do que outros. Porém, em 2006, um novo edifício foi cedido à biblioteca e, conseqüentemente outros serviços foram proporcionados aos flavienses. Este imóvel, bem situado no coração da cidade, em breve se tornou um verdadeiro ponto de encontro dos cidadãos, pois se as antigas instalações contabilizavam cerca de 6.000 utilizadores anuais, agora, logo no primeiro ano de funcionamento, o saldo foi exponencial, com cerca de 100.000 utilizadores a usufruírem dos seus serviços. Claro que para isso muito contribuíram uma série de factores, desde a localização, novos serviços, alguns autêntica novidade, até às actividades de animação cultural, que passaram a ser efectuadas com regularidade.

Na panóplia de serviços ao dispor da população, no que toca à dinamização deste equipamento cultural, em prol do fomento do livro e da leitura, muitas foram as estratégias implementadas nestes tempos. Nas salas de leitura, no espaço infanto-juvenil ou na sala polivalente, houve segmentos da população tidos como alvo: as crianças, adolescentes e adultos. Assim, o projecto “Viver a Escola”, destinado às crianças em idade escolar, as exposições de pintura de nomes consagrados das artes plásticas como Graça Morais, Nadir Afonso, José Rodrigues e Siza Vieira, entre outros, bem como colóquios, lançamento de livros e outras acções, catapultaram este novel e nobre espaço para as manchetes dos jornais e dos noticiários televisivos, tal o sucesso atingido e conseqüente mediatização.

Mas, se estas acções se destinam essencialmente ao público urbano, a biblioteca, numa lógica de discriminação positiva, pretendeu abranger toda a população do concelho. Como? Em primeira instância, dotá-la de ferramentas ideais para conseguir tal desiderato. No novo regulamento houve a preocupação de incluir o funcionamento de uma biblioteca itinerante. Ora, tão só, pretendeu-se, isso mesmo, garantir que fossem implementados serviços de itinerância com ferramentas actuais e capazes de corresponder às exigências

dos utilizadores do século XXI. O objectivo era bem evidente: proporcionar à população do meio rural as mesmas oportunidades no acesso ao conhecimento e à informação que as auferidas pelos habitantes da sede do concelho.

Convém referir que os serviços que a velha carrinha oferecia às populações rurais, já não correspondiam de todo às reais necessidades dos mesmos. Um serviço apenas centrado no livro, cujo espólio desactualizado desencorajava novos leitores, aliado à obsolescência da viatura, com uma imagem desajustada, foram motivos para que este serviço chegasse ao fim no ano de 2003.

Para o desenho do projecto foi desenvolvida uma investigação prévia de forma a identificar desejos e necessidades das populações locais relativamente à implementação de um serviço desta natureza. Foi com base nos resultados obtidos, bem como na leitura de trabalhos recentes sobre esta temática que se desenvolveu o presente projecto.

Âmbito de actuação territorial: Local

Responsável técnico do projecto: Maria do Céu Ramos

Experiência na realização de projectos:

Enquanto responsável pela Biblioteca, nos últimos anos tem feito um esforço considerável para implementar no terreno, na Biblioteca e no Concelho, uma série de projectos visando a promoção do livro e da leitura, bem como estratégias de combate à iliteracia. São de destacar dois projectos, cada um deles implicando alvos distintos.

Entre os anos 2004 e 2007, a AMAT (Associação de Municípios do Alto Tâmega e Barroso) desafiou as bibliotecas de cada concelho à candidatura a fundos comunitários de um projecto visando precisamente o combate à iliteracia, através da dinamização de actividades potenciadoras de hábitos de leitura e um maior e melhor acesso aos livros, tendo em conta que, os hábitos de leitura entre os mais novos são quase inexistentes, principalmente nos meios rurais do interior do país, como é a situação dos concelhos do Alto Tâmega. Definidos estes objectivos, assim nasceu o projecto denominado: “Lendas, Contos e Tradições do Alto Tâmega e Barroso: do contexto oral à

expressão escrita”, dinamizado a partir de cada biblioteca concelhia e desenvolvido durante os anos supra mencionados, envolvendo prioritariamente os jovens dos seis concelhos, entre os seis e os dez anos, ou seja, os alunos do 1º Ciclo e implicitamente, como é óbvio, os restantes intervenientes no processo educativo, como os pais e professores.

Um outro projecto que tem vindo a ser implementado é o denominado “Viver a Escola”. Teve início no ano de 2003, consistindo numa série de acções destinadas ao Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. Na Biblioteca, estas concretizam-se em actividades como: “Hora do Conto”, “Leituras Partilhadas”, “Escrita Criativa”, incentivando o gosto pelo livro e pela leitura.

CAPÍTULO 9. INFORMAÇÕES DO PROJECTO

9.1. Identificação

Designação do projecto:

- “Leituras sobre Rodas”: serviço de biblioteca itinerante para o concelho de Chaves

Enquadramento temático do projecto:

- Promoção e animação da leitura;
- Desenvolvimento da literacia a nível local;
- Implementação de actividades de aprendizagem ao longo da vida.

Tipologia das acções a desenvolver:

- Roteiros itinerantes dos serviços de extensão cultural;
- Valorização de espaços culturais locais;
- Recolha, sistematização e divulgação de informação;
- Concepção e implementação de redes de informação;
- Concepção e edição de desdobráveis e outra documentação promocional;
- Concepção e realização de concursos.

9.2. Equipa

O documento *El servicio de bibliobús: pautas básicas para su funcionamiento* (2002, p. 13), elaborado pelo Grupo de trabajo sobre bibliobuses, reconhece que a equipa da unidade itinerante deve possuir formação profissional igual a uma unidade fixa, apresentando como elementos fundamentais, o motorista e o bibliotecário. O número de pessoas adstritas ao serviço deve corresponder à sua actividade. Posto isto, considera-se que a equipa necessária para a implementação do projecto é a que a seguir se

apresenta (Quadro 9.1), mencionando o seu perfil profissional, respectiva função no âmbito do projecto e percentagem do horário mensal de cada elemento que será necessário dispensar para a sua plena concretização:

Perfil profissional	Função a desempenhar no âmbito do Projecto	% de tempo mensal dedicado ao projecto
- Especialização em Ciências Documentais	- Responsável Técnico - Animadora	25%
- Técnico superior de informática	- Técnico de informática	5%
- Técnico de BAD	- Animador	45%
- Habilitação para a condução de viaturas pesadas	- Motorista	75%
- Assistente técnico	- Apoio administrativo	10%

Quadro 9.1. Constituição da equipa

Número de pessoas do quadro técnico da entidade executora a trabalhar para o projecto: 4 (quatro)

Número de pessoas a contratar especificamente para o projecto: 0 (zero).

Nota: Embora a Biblioteca Municipal não tenha no seu quadro de pessoal qualquer motorista habilitado para condução de uma viatura pesada de mercadorias, não se considera necessário recorrer à contratação de um novo funcionário, já que a percentagem de tempo dedicada ao projecto não o justifica, considerando-se existirem condições para o destacamento de um motorista da Câmara Municipal.

Número total de pessoas a trabalhar para o projecto: 5 (cinco)

Número de postos de trabalho criados pelo projecto: 0 (zero)

CAPÍTULO 10. MEMÓRIA DESCRITIVA

10.1. Fundamentação teórica

As correntes de pensamento actuais não são muito divergentes no que concerne à necessidade da itinerância dos serviços de uma biblioteca. Ian Stringer (2009), responsável da IFLA, que visita países à procura de bibliotecas itinerantes, afirmou, no 1º Encontro Internacional de Bibliotecas Itinerantes, que estas variam muito de país para país: há bibliotecas a camelo, bibliotecas em cestos, bibliotecas em barcos. Segundo ele, devem existir mais bibliotecas itinerantes não só pela sua utilidade, mas também pela sua capacidade de chegar a sítios difíceis. Ainda segundo o mesmo autor, a associação da Internet às bibliotecas itinerantes é proeminente, já que "uma viatura com livros tem de permitir a consulta de uma enorme enciclopédia de 24 volumes" ou de facilitar a quem não vê "o download de audio-livros directamente para o leitor de mp3".

A conclusão do 3º *Congreso Nacional de Bibliotecas Móviles*, realizado em Guadalajara (Espanha), em 2007, refere que as bibliotecas itinerantes reconciliam mais a biblioteca pública e os cidadãos, nomeadamente quando incluem grupos afastados delas, conseguindo-o pela personalização dos serviços, pelas relações de maior proximidade entre os profissionais e os utilizadores, pelo seu dinamismo, pela primazia do "empréstimo amigo", fruto da maior proximidade estabelecida com o utilizador, em detrimento do "empréstimo bibliotecário", mas conseguem-no principalmente pela eliminação de barreiras físicas e psicológicas, pela aplicação de novas tecnologias e por apresentar uma maior flexibilidade.

Roberto Soto Arranz (2009), Presidente da Associação de Bibliotecas Móveis de Espanha, na sua comunicação apresentada no encontro que decorreu na Batalha (Portugal), lembra que o objectivo das bibliotecas itinerantes é que cem por cento da população tenha serviço bibliotecário. Os objectivos destas são os mesmos de uma biblioteca fixa, ou seja: a formação

dos cidadãos, a informação desses mesmos cidadãos e a sua formação quanto às novas tecnologias. Contudo, as itinerantes vão um pouco mais longe, já que criam um espaço público onde ele não existe, são, pois um ponto de reunião de vizinhos. Associadas às novas tecnologias, as bibliotecas itinerantes podem prestar serviços de autêntica biblioteca pública, eliminando no entanto as barreiras temporais o que resulta num “aumento de permanência e da interacção com os utilizadores”, já que a gestão automatizada permite uma maior rapidez na pesquisa, libertando, por conseguinte, mais tempo para uma atenção personalizada. Estes serviços de Internet, permitem o acesso à Web social, facultando meios para a participação e a informação. No entanto, ao disponibilizar postos de consulta de Internet, vai exigir na sua planificação uma necessidade de mais tempo de paragem.

Soto Arranz (2009) reconhece, ainda no mesmo encontro, que as bibliotecas itinerantes são o meio mais fácil de combater a info-exclusão, permitindo às populações o contacto com a sociedade da informação. “Actualmente, a Internet é um grande instrumento que permite que todas as barreiras de espaço, tempo e psicológicas que existem nas bibliotecas deixem de existir”. A itinerância permite às bibliotecas satisfazer as necessidades de várias comunidades sem grandes custos, evocando que "basta existir um cidadão que não possa aceder a uma biblioteca para que sejam necessárias mais bibliotecas itinerantes".

A Agenda de Tunes para a Sociedade da Informação, uma declaração de consenso da Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação, aprovada em 18 de Novembro de 2005, é um documento importante para assentar estas correntes de pensamento já que reitera a necessidade de uma sociedade da informação inclusiva e orientada para o desenvolvimento e para as pessoas. Ratificou a noção de que as tecnologias da informação e das comunicações não constituem um fim em si mesmo, mas sim um instrumento para o desenvolvimento. É neste ponto que a biblioteca sustentará a sua acção, essencialmente nas acções a desenvolver pelas bibliotecas itinerantes.

O projecto que se pretende apresentar enquadra-se nas missões-chave estabelecidas pelo *Manifesto da UNESCO para as bibliotecas públicas* (IFLA/UNESCO, 1994), essencialmente nos seguintes princípios aí estabelecidos:

- “Apoiar a educação individual e a auto-formação, assim como a educação formal a todos os níveis”
- “Assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa; apoiar a tradição oral”;
- “Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação da comunidade local”;
- “Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática”;
- “Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e actividades de alfabetização para os diferentes grupos etários”.

10.1.1. Carácter inovador do projecto

O carácter inovador do projecto reside na introdução das novas tecnologias nos serviços itinerantes no concelho. Neste contexto, será um contributo importante para aproximar as populações, especialmente as mais isoladas, dos benefícios proporcionados pelas evoluções tecnológicas.

As novas tecnologias, apresentadas e ensinadas a uma percentagem da população que de outra forma não lhes acederia, ou nem mesmo as procuraria, vêm contribuir para quebrar em certa medida o isolamento, já que com acesso a meios novos de comunicação (email, *Messenger*, redes sociais...) poderá existir maior comunicação com familiares residentes no estrangeiro, numa região que foi e é caracterizada por um factor de emigração marcante, nas décadas de 60 e 70 do século XX.

A nível local, a carrinha irá contribuir para a recolha e consequente preservação do património cultural oral, acção que se iniciou em 2003, mas que não teve continuidade e cujo público-alvo era mais restrito. A recolha de tal património no local traz um valor acrescentado para uma futura compilação, mais completa e exaustiva, já que os guardiões destes saberes, muitas vezes, não têm possibilidades ou disponibilidade para se deslocarem aos centros

onde se concentram maioritariamente as actividades de índole cultural, recreativa e artística, contribuindo assim igualmente para uma descentralização de serviços de extensão bibliotecária e cultural.

Este tipo de projectos que envolve directamente a comunidade participante e o responsável tem a grande vantagem de, ao integrar o investigador na comunidade, criar uma maior empatia com os “guardiões de saberes” que se sentirão, porventura, muito mais à-vontade, já que se recria um ambiente informal e próximo.

10.2. Objectivos Globais

- Aumentar a percentagem da população alvo servida pela biblioteca municipal;
- Permitir a igualdade de acesso a todos os habitantes do concelho aos serviços de extensão bibliotecária e animação cultural;
- Dar a conhecer e promover o uso dos serviços da Biblioteca Itinerante;
- Promover a aquisição de competências no domínio da Literacia;
- Contribuir para a aprendizagem ao longo da vida dos habitantes do concelho;
- Incentivar a comunidade para a leitura e para a escrita e possibilitar o contacto com o mundo dos livros;
- Motivar atitudes e hábitos de leitura;
- Proporcionar escolhas de leitura(s);
- Promover a cooperação com as juntas de freguesia, escolas locais e outras entidades, tais como Lares, Centros de Convívio, etc;
- Melhorar a qualidade de vida dos intervenientes.

10.3. Área de aplicação do projecto

Região: Norte

Distrito: Vila Real

Concelho: Chaves

Freguesias: Bobadela, Curalha, Ervededo e Vilas Boas, Vilarelho da Raia, Vilela Seca, Tronco, Cimo de Vila de Castanheira, Roriz, Seralhiz, Loivos, Redondelo, Anelhe, S. Pedro de Agostém e parcialmente, as freguesias de Águas Frias, Travancas, São Vicente da Raia e Póvoa de Agrações.

10.3.1. Itinerários e Calendário

A carrinha deverá iniciar a sua actividade em quatro percursos diferentes, atingindo cerca de 25% da população existente, ou seja chegando a cerca de 11 000 habitantes, passando quinzenalmente em cada localidade e alternando os períodos de manhã e de tarde para permitir o acesso aos seus serviços todos os tipos de público, conforme se pode ver na Tabela 10.1.

O itinerário **A** percorre (Figura 10.1) os lugares de Águas Frias, Bobadela, Tronco, Dadim, Cimo de Vila da Castanheira, Roriz, Travancas, Argemil, São Vicente da Raia e Aveleda, efectuando-se na primeira e na terceira segunda-feira de cada mês, alternado as paragens em cada um dos locais com os períodos da manhã e da tarde. Este percurso tem o seu início previsto às 8h30m, na primeira segunda-feira do mês, uma vez que se inicia próximo do centro e o tempo de deslocação necessário é, compreensivelmente menor, ou às 9h30, quando iniciado na paragem mais distante da sede do concelho. Este itinerário, bem como os restantes, têm paragem prevista de cerca de 50 minutos por lugar visitado.

De seguida, apresentam-se as propostas de locais de paragem:

Águas Frias: Largo da Igreja

Bobadela: Largo das Adegas, junto ao café

Tronco: Largo das Fragas

Dadim: Largo do Centro de Convívio

Cimo de Vila da Castanheira: Largo da Igreja

Roriz: Largo principal, junto à escola primária

Travancas: Largo S. Bartolomeu

São Vicente: Em frente ao Lar de Idosos

Aveleda: Largo principal (centro da aldeia)

Matriz para o percurso inicial do Projecto “Leituras sobre Rodas”

SEMANAS	Turno	<u>SEMANA</u> <u>1</u>	<u>SEMANA</u> <u>2</u>	<u>SEMANA</u> <u>3</u>	<u>SEMANA</u> <u>4</u>	<u>SEMANA</u> <u>5</u>
Segunda-feira	Manhã	A af- 08h30 b- 09h30 t- 10h30 d- 11h30 cv- 12h30	C cm- 9h30 ver- 10h30 vr- 11h30 vm- 12h30	A av- 9h00 sv- 10h00 tr- 11h00 r- 12h00	C c- 09h30 a- 10h30 t- 11h30 vs- 12h30	
	Tarde	r- 15h00 tr- 16h00 sv- 17h00 av- 18h00	vs- 14h30 t- 15h30 ta- 16h30 c- 17h30	cv- 14h15 d- 15h15 t- 16h15 b- 17h15 af- 18h15	vm- 14h30 vr- 15h30 ver- 16h30 cm- 17h30	
Terça-feira	Manhã					
	Tarde					
Quarta-feira	Manhã					
	Tarde					
Quinta-feira	Manhã	B c- 09h30 cn- 10h30 r- 11h30 re-12h30	D sp- 9h00 ag-10h00 v- 11h00 vb- 12h00	B an- 09h30 so- 10h30 vv- 11h30 ps- 12h30	D agr- 09h30 l- 10h30 sz- 11h30 f- 12h30	
	Tarde	an- 14h30 so- 15h30 vv- 16h30 ps- 17h30	f-14h30 sz-15h30 l-16h30 agr-17h30	c- 14h30 cn- 15h30 r- 16h30 re- 17h30	vb-15h00 v- 16h00 ag- 17h00 sp- 18h00	
Sexta-feira	Manhã					
	Tarde					

Percurso A – Águas Frias (af); Bobadela (b); Tronco (t); Dadim (d); Cimo de Vila da Castanheira (cv); Roriz (r); Travancas (tr); São Vicente da Raia (sv); Aveleda (av);

Percurso B – Curalha (c); Casas Novas (cn); Redondelo (r); Rebordondo (re); Anelhe (an); Souto Velho (so); Valverde (vv); Pereira de Selão (ps);

Percurso C – Couto (c), Agrela (a), Torre (t); Vilela Seca (vs); Vila Meã (vm); Vilarinho da Raia (vr); Vilarelho da Raia (ver); Cambedo (cm);

Percurso D – São Pedro de Agostém (sp); Agostém (ag); Ventuzelos (v); Vilas Boas (vb); Fornos (f); Selhariz (sz); Loivos (l)) Agrações (agr).

Tabela 10.1. Matriz para o percurso inicial do projecto "Leituras sobre rodas"

O percurso **B** (Figura 10.1) percorre as localidades de Curalha, Casas Novas, Redondelo, Rebordondo, Anelhe, Souto Velho, Valverde, Pereira de Selão, com paragens previstas igualmente de cerca de 50 minutos. Este

percurso tem passagem por Vidago, embora não esteja prevista nenhuma paragem nessa localidade, onde está situado um pólo da Biblioteca Municipal. Este serviria, assim, como local de entrega de livros emprestados pelo serviço itinerante, aproveitando-se esta passagem para levar os livros aí entregues, até à passagem da carrinha.

Os sítios de paragem previstos, de acordo com o horário estabelecido na matriz (Tabela 10.1) são:

Curalha: Largo da Igreja

Casas Novas: Rua S. Vicente

Redondelo: Rua Central

Rebordondo: Rua Central

Anelhe: Travessa do Outeiro

Souto Velho: Centro da aldeia

Valverde: Centro da aldeia

Pereira de Selão: Centro da aldeia.

O percurso **C** (Figura 10.1) tem oito paragens correspondentes às seguintes localidades, com duração prevista de 50 minutos:

Couto: Largo da Trincheira

Agrela: Largo envolvente ao edifício de apoio à Junta de Freguesia

Torre: Largo do Pelourinho

Vilela Seca: Largo junto à Igreja

Vila Meã: Centro da aldeia

Vilarinho da Raia: Centro da aldeia

Vilarelho da Raia: Junto ao Centro Cultural

Cambedo: Centro da aldeia

Este percurso efectuar-se-á na segunda e na quarta segunda-feira de cada mês.

O percurso **D** (Figura 10.1) tem o seu traçado pelas localidades que a seguir se apresentam, com o respectivo local de paragem:

São Pedro de Agostém: Largo central da aldeia

Agostém: Centro da aldeia

Ventuzelos: Cruzamento com Vilas Boas

Vilas Boas: Em frente à sede da Junta de freguesia

Fornos: Centro da aldeia

Selhariz: Centro da aldeia

Loivos: Estrada principal, em frente à sede da Junta de Freguesia

Agrações: Centro da aldeia

Cada paragem tem a duração prevista de 50 minutos.

Os locais de paragem foram escolhidos após a deslocação a cada um dos lugares, numa antevisão de cada percurso, e foram tidos em consideração três critérios que se consideraram pertinentes, a saber:

- **Centralidade:** o local de paragem deve ser o mais central possível, permitindo uma melhor afluência da população;
- **Convergência:** além da sua centralidade, o espaço a escolher deve ser aquele que a população mais usa, nomeadamente aqueles que os mais idosos escolhem para se reunirem, para passar as suas tardes;
- **Condições físicas do local:** o espaço deve ter área suficiente para a paragem em segurança da carrinha, garantindo também a segurança dos seus utilizadores, sem perturbar a normal circulação viária.

O prazo para empréstimo corresponde ao tempo que decorre entre as duas passagens da carrinha, ou seja, esse prazo é de quinze dias. Este prazo de empréstimo é prorrogável por uma vez, desde que não haja já uma reserva prévia desse mesmo material. O material emprestado pode ser devolvido directamente na carrinha, ou em estabelecimentos com os quais se estabelecerão parcerias, especialmente Juntas de Freguesia, Centros de Convívio, Lares, escolas, cafés ou outros estabelecimentos de comércio junto dos locais de passagem, onde serão levantados por um funcionário.

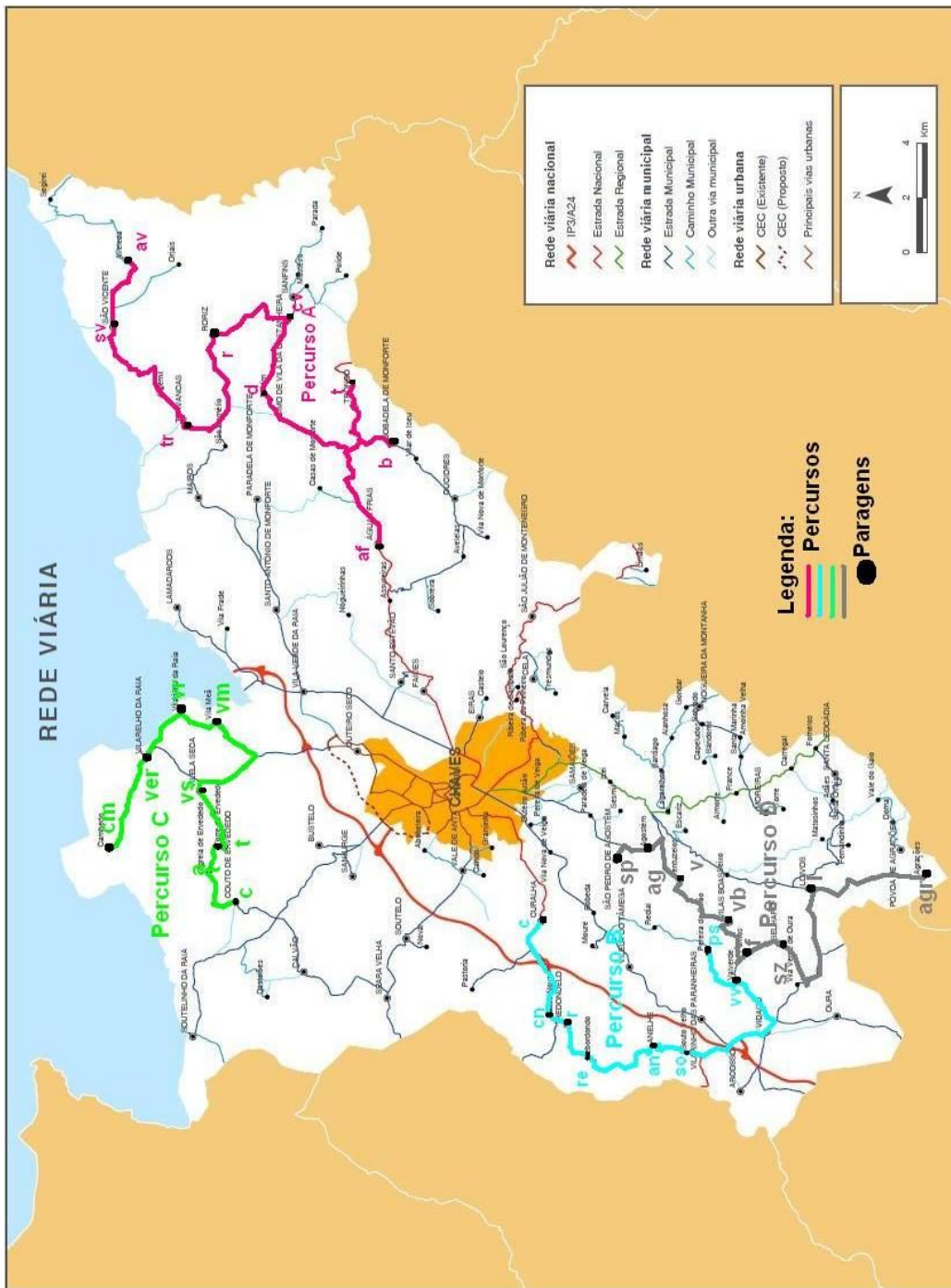


Figura 10.1. Mapa dos itinerários iniciais do projecto "Leituras sobre rodas"

10.4. Destinatários do projecto

Os destinatários do projecto são os habitantes das freguesias mencionadas anteriormente (cf. Área de aplicação, p. 109). Ambiciona-se, desde já, que após a avaliação desta fase de trabalhos o mesmo possa ser alargado às restantes freguesias do Município.

Os públicos-alvo prioritários do projecto são as crianças e jovens em idade escolar (dos 6 aos 16 anos) e os maiores de 65 anos.

As crianças e jovens aí residentes pertencem, na sua maioria, a meios sociais desfavorecidos, quer culturalmente, quer, em alguns casos, financeiramente. As razões destas causas são várias, sobretudo aquelas de que os meios rurais e do interior, indubitavelmente padecem. A maior parte destas populações, essencialmente os mais velhos, não tem acesso a livros, muito menos a bibliotecas. Quanto às crianças e jovens, muitos deles não têm acesso aos serviços de extensão bibliotecária e cultural durante as pausas escolares. Durante os períodos lectivos, será desejável ajustar com os professores uma estratégia de proximidade entre os alunos e a Biblioteca Itinerante. Embora o público-alvo que se pretende atingir seja claramente estes dois ciclos de vida, pretende-se envolver e chegar a toda a comunidade; reconhece-se assim a importância que a biblioteca pode ter no processo de aprendizagem ao longo da vida e no combate à iliteracia, muito presente ainda numa faixa etária intermédia e que acarreta sérios problemas a nível profissional e social, sobretudo quando as pessoas se deparam com uma situação de desemprego, estado em que é preciso adquirir e desenvolver novas competências necessárias ao mundo do trabalho actual e essenciais para conquistar uma nova situação profissional mais favorável.

10.5. Metodologia de implementação

A metodologia de implementação do projecto consiste na concretização de uma série de actividades, agrupadas de acordo com a sua tipologia e

objectivo a que querem responder. De seguida, apresentam-se essas actividades, agrupadas em acções.

Acção 1: Aquisição e adaptação da carrinha, incluindo aquisição do acervo.

Objectivos:

- Preparar os meios técnicos necessários para implementar o projecto no terreno;
- Adaptar a viatura às funções de Biblioteca;
- Constituir e preparar a gestão de um fundo documental próprio.

Descrição da acção:

A acção consistirá na aquisição da carrinha que reúna as condições necessárias para desempenhar as funções a que se destina: Entre as condições deve ter-se em conta:

- Degraus de acesso, a partir do exterior, sendo recolhíveis;
- Existência de uma zona de atendimento/acolhimento;
- Pequeno armário fechado para os funcionários guardarem o material de trabalho;
- Estantes amovíveis, ligeiramente inclinadas para colocação dos livros, em madeira, metal ou mistas, de cor clara;
- Máximo aproveitamento da luz exterior, preferencialmente, não directa, a fim de evitar o aquecimento interior;
- Fonte de alimentação totalmente independente do motor da carrinha (gerador);
- Sinalética visível, versátil e de fácil manutenção;
- Expositores;
- Deve estar apetrechada com quatro computadores, um para os elementos da equipa, outro para consulta do catálogo e dois para uso livre, em regime de autoformação¹⁰. Os computadores devem

¹⁰ Atendendo às características do concelho de Chaves e ao comportamento da sua população, muito envelhecida, porque as pessoas em idade activa se encontram ausentes (há um forte índice de emigração), o uso da informática, com ligação à internet, torna-se fundamental. As pessoas, sobretudo as mais idosas, poderão, a partir dessas ferramentas, quebrar o isolamento, comunicando com os seus familiares distantes. Para os jovens, o computador pode ser uma forma de estarem em contacto com as redes sociais.

estar ligados a uma impressora, permitindo assim a impressão de trabalhos e outros documentos;

- Ligação à internet.

Posteriormente, proceder-se-á à sua necessária adaptação para que esteja de acordo com os materiais e equipamentos necessários.

Esta acção contempla também a aquisição do fundo documental cobrindo as várias classes do conhecimento classificadas de acordo com a CDU, com a literatura a merecer um lugar de destaque, atendendo à especificidade dos seus utilizadores. De facto, nas localidades envolvidas, típicas de meio rural, é entendimento que o romance, a novela e o conto constituem a preferência na leitura, não só por uma espécie de leitura em menor esforço, mas também pela influência das televisões, concretamente as novelas. Cabe aqui um parêntesis para assinalar que uma das limitações deste estudo releva de uma falha no inquérito por questionário, já que não indagámos sobre as preferências de leitura dos potenciais utilizadores. Acreditamos, porém, que o uso do serviço ajudará a determinar os assuntos dominantes nas colecções, sendo certo que, como enunciava o célebre bibliotecário indiano Ranganathan nas suas *Cinco Leis da Biblioteconomia*, “a biblioteca é um organismo em construção”.

Numa missão de estímulo pela leitura, especialmente o livro, nos diversos suportes (tradicional e electrónico), é intenção diversificar o fundo documental. Assim, considerando que a literatura (classe 8) abrangerá uma percentagem de cerca de 60%, os restantes 40% serão repartidos pelas obras de referência (enciclopédias juvenis, dicionários e biografias de autores mais conhecidos) ocupando 7%, enquanto a classe 6 – Ciências Aplicadas –, ocupará cerca de 5%, com bibliografia destinada ao sector agrícola. A não descurar, os documentos multimédia (cd's musicais e dvd's) preencherão o restante espólio, numa percentagem estimada em 10%. O fundo local constituirá 6% da colecção. As restantes classes da CDU terão a seguinte distribuição: classe 1 (filosofia): 1%; classe 2 (religião, teologia): 2%; classe 3 (ciências sociais): 2%; classe 5 (matemática e ciências naturais): 1%, classe 6 (ciências aplicadas): 5% e classe 9 (história): 2%.

Nesta fase é ainda necessário proceder ao tratamento técnico e não técnico do fundo.

Depois de preparada a carrinha deverá estar pronta para disponibilizar os seguintes serviços: consulta presencial; desenvolvimento de actividades de animação e promoção do livro e da leitura; acções de formação; internet; disponibilização das novas tecnologias; reprodução documental e empréstimo domiciliário.

Recursos:

Carrinha, computadores, impressora multifunções, estantes, mesas, cd's, dvd's, expositores, documentos em vários suportes.

Calendarização:

A aquisição, adaptação e pintura/decoração exterior da carrinha deverá decorrer entre os meses de Maio e final de Junho de 2011.

Acção 2: Concurso “ Eu ajudo a pintar a Carrinha”

Objectivos

- Envolver a comunidade abrangida pelo projecto;
- Aproximar a comunidade interveniente do projecto;
- Promover hábitos sociais saudáveis;
- Promover a literacia funcional;
- Divulgar o projecto.

Descrição da acção:

As escolas e associações da terceira idade são convidadas a participar num concurso cujo objectivo será o de decorar a futura carrinha a utilizar nos serviços de itinerância. Nessas instituições será distribuído o regulamento de participação onde vão explanadas as regras específicas a cumprir. Cada escola deverá promover, com o apoio da Biblioteca Municipal, todos os procedimentos necessários para que apresente apenas um trabalho a concurso final, da competência da biblioteca, que nomeará um júri para o efeito. A entidade vencedora, para além de poder ver a sua carrinha a circular pelas

estradas do município, receberá material para a sua biblioteca. Ao segundo e terceiro lugares serão também atribuídos materiais para a biblioteca.

Público-alvo:

- Comunidade escolar e maiores de 65 anos.

Recursos:

- Papel, lápis de cor, lápis e prémios (Livros)

Calendarização da acção:

- Entre 2 de Maio e 24 de Junho de 2011.

Acção 3: Divulgação do projecto

Objectivos

- Divulgar os serviços de extensão bibliotecária junto dos intervenientes;
- Sensibilizar o público para um uso activo e regular dos serviços;
- Dar a conhecer os recursos e as potencialidades da carrinha;
- Seduzir as comunidades locais para a divulgação e promoção dos serviços e também para o seu envolvimento na concretização deste projecto.

Descrição da acção:

A acção consiste na elaboração e distribuição de material de divulgação e de informação dos serviços, tais como: cartazes, panfletos, marcadores de livros, calendários, *flyers*, convites para a primeira passagem da carrinha pela localidade, uma actividade a que se chamará “Café com letras”, com a duração do tempo correspondente à paragem da carrinha na localidade.

A divulgação do projecto passa também pela afixação de cartazes em locais estratégicos e por anúncios em rádios locais.

A actividade “Café com letras” consistirá na distribuição de convites pelos habitantes locais, desafiando-os a aparecerem para tomar café, em local a definir, durante a permanência da carrinha. A cada convidado presente será

distribuído um brinde, consistindo este numa monografia contendo um conto tradicional regional.

Público-alvo:

- Toda a comunidade.

Recursos:

- Papel de vários tipos, tinta.

Calendarização:

Mais intensamente em Junho e Julho de 2011, mas a acção deverá acompanhar todo o projecto.

Acção 4: Recolha do património

Objectivos:

- Recolher o património oral local;
- Preservar o património oral;
- Promover a identidade local;
- Preservar e divulgar a memória local.

Descrição da acção:

A recolha do património oral é feita pelo animador da carrinha, aquando da sua deslocação a cada localidade, em ambiente informal, em forma de entrevista não estruturada, tornando-a assim, numa conversa espontânea, que será gravada e posteriormente transcrita. O animador irá ao encontro dos habitantes ou aproveitará a presença destes junto da carrinha para estabelecer os diálogos. Será constituído um repositório de informação local no sítio Web da biblioteca, onde estes testemunhos serão armazenados e disponibilizados em acesso livre.

Calendarização:

Durante o tempo de actividade da biblioteca itinerante.

Acção 5: Acções de animação e promoção da leitura

Objectivos:

- Promover o gosto pela leitura;
- Promover a literacia;
- Promover o diálogo intergeracional;
- Promover práticas de escrita;

Descrição da acção:

As acções de animação e promoção da leitura concretizam-se nas seguintes actividades:

- “Hora do conto”: esta acção consiste em adoptar a tradicional “Hora do conto” realizada nas bibliotecas municipais ao espaço da carrinha com as necessárias adaptações. Basicamente, a acção consiste na leitura em voz alta pelo animador nas instituições de ensino e/ou em espaços de ocupação de tempos livres ou nas sedes das juntas de freguesia;
- “Hora do conto pelos avós”: esta acção consistirá numa versão da “hora do conto”, mas neste caso, o contador/animador será substituído por uma personalidade local, mais velha, e a leitura, o conto, substituída por uma estória de outros tempos, previamente acordada;
- “ Eu ouço e conto...à minha maneira!”: esta oficina de escrita criativa, dirigida aos maiores de 65 anos, concretiza-se após a divulgação das Lendas da “Maria Mantela” e a “Lenda da Moura Encantada”, traduzindo-se num recontar por palavras ou ilustrações, durante o intervalo que medeia essa passagem e a passagem seguinte da carrinha. Os trabalhos serão recolhidos pelo animador e devidamente identificados. A divulgação da lenda será feita pelo animador numa sessão de representação teatral, em monólogo, dirigida aos idosos;
- Exposição “à minha maneira”: os trabalhos da actividade de escrita criativa serão objecto de uma exposição. Em cada uma das freguesias serão expostos os trabalhos. Estes serão depois expostos na Biblioteca

Municipal e as populações directamente envolvidas no projecto serão convidadas formalmente a rever aí os seus trabalhos.

- “A arte do papel”: oficina do origami: a partir de imagens, de monografias sobre a arte de dobrar papel, os utilizadores dos serviços são convidados a fazer nascer objectos, animais, flores, a partir de uma simples folha de papel.
- “Seis meses depois: conversas de café”, mesa redonda: em ambiente informal, num espaço semelhante ao da actividade “Café com letras”, os utilizadores trocam experiências sobre o uso dos serviços de extensão bibliotecária e cultural: o que mudou nas suas vidas, o que mudaria nos serviços, o que manteriam, sugestões de leituras... No fundo, o que se pretende é uma hetero-avaliação informal do projecto, com vista à elaboração do relatório final.

Público-alvo:

- Crianças e jovens, maiores de 65 anos e restante comunidade.

Recursos materiais:

- Material de divulgação, convites, papel, fantoches, expositores, ...

Recursos humanos:

- Animador, “avós”

Calendarização:

As acções de animação e promoção da leitura decorrerão de forma sistemática entre o início do mês de Agosto e o final do projecto (cf Calendário das actividades, p. 125).

Acção 6: Acções de formação ao utilizador.

Objectivos:

- Formar utilizadores;
- Dar a conhecer o funcionamento de uma biblioteca;
- Promover o uso dos serviços da biblioteca itinerante;
- Incentivar à participação nas actividades;
- Ensinar a trabalhar com as novas tecnologias;

- Ensinar a preencher impressos de uso quotidiano.

Descrição da acção:

As acções de formação ao utilizador decorrerão de forma mais ou menos sistemática e intercalada com as actividades de animação e promoção da leitura e que versarão sobre diversos temas:

- “Venha conhecer a biblioteca”: acção de formação sobre como utilizar a biblioteca. O animador da carrinha com a ajuda das novas tecnologias explica como se deve utilizar uma biblioteca e, especificamente, como utilizar os serviços da itinerante.

- “ De Access a Zip o mundo das tecnologias da informação e comunicação”: acções de formação sobre o uso das novas tecnologias.

- “Afinal é fácil!”: oficina destinada a ajudar a preencher impressos “complicados” tais como: formulários, requerimentos, cartas de reclamação e outros papéis de uso corrente.

- “Eu nas redes sociais: vantagens e perigos”: acção de formação, dirigida a toda a comunidade, sobre o uso adequado das redes sociais, uma das formas de quebra de isolamento, alertando, contudo para os perigos daí decorrentes.

Público-alvo:

- Toda a comunidade

Recursos:

- Computadores, papel, formulários-modelo; canetas.

Calendarização:

As actividades de formação de utilizadores durarão o tempo em que a carrinha se mantiver em funcionamento e iniciar-se-ão na segunda semana de Janeiro.

Acção 7: Avaliação dos resultados do projecto.

Objectivos:

- Avaliar os níveis de receptividade dos serviços de extensão bibliotecária;

- Reflectir sobre as medidas a implementar no futuro;
- Analisar a quantidade e sobretudo a qualidade dos serviços prestados;
- Ouvir a opinião directa e/ou indirecta dos vários intervenientes;
- Publicitar os resultados obtidos.

Descrição da acção:

A acção consiste em recolher a opinião dos utilizadores dos serviços quer através de questionário, quer através de expressão de opiniões, observar os registos que foram efectuados ao longo da implementação do projecto, posteriormente elaborar um relatório a apresentar à entidade promotora e, finalmente tornar público os resultados alcançados.

O processo de avaliação basear-se-á em diferentes e apropriadas técnicas para a recolha de dados e identificação de situações problemáticas ou potenciadoras do êxito.

Este trabalho permitirá ajuizar sobre a importância dos serviços para as populações, especificamente a aquisição de hábitos de leitura, aquisição de algumas competências no campo das literacias e adesão aos serviços.

Público-alvo:

- Toda a comunidade.

Calendarização:

A recolha de dados ocorrerá durante os meses de Julho a Dezembro. O relatório final e conseqüente reflexão deverá ser elaborado entre os meses de Janeiro e Fevereiro. A apresentação pública dos mesmos está programada para o dia 30 de Março.

Com estas acções pretende-se atingir os objectivos inicialmente anunciados para o projecto “Leituras sobre rodas”.

A sua avaliação permitirá alargar o serviço de biblioteca itinerante às restantes populações do concelho, propondo-se desde já um alargamento faseado, conforme se apresenta na figura.

CAPÍTULO 11. CRONOGRAMA E CALENDÁRIO

11.1. Cronograma do projecto por acções

Início do projecto: 2 de Maio de 2011

Implementação da carrinha no terreno: 11 de Julho de 2011

Fim do projecto: 30 de Março de 2012

Acções	2011								2012		
	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.
Aquisição e adaptação da carrinha. Aquisição do acervo documental											
Concurso (envolvendo as escolas e associações vocacionadas para a terceira idade)											
Divulgação dos serviços											
Acções de marketing directo											
Recolha do património oral											
Acções de formação ao utilizador											
Acções de animação e promoção da leitura											
Avaliação e elaboração de relatório											

Cronograma 11.1. Cronograma do projecto por acções

11.2. Calendário das actividades

Julho					Agosto					Setembro				
S	4	a.	a.	b.	b.	c.	F	d.	20	d.	e.	e.	g.	
T	5	12	19	26	2	9	c.	23	30	6	13	20	27	
Q	6	13	20	27	3	10	17	24	31	7	14	21	28	
Q	7	a.	a.	b.	b.	c.	c.	d.	d.	e.	e.	g.	29	
S	1	A	15	22	29	5	12	19	26	2	9	16	23	30
S	2	9	16	23	30	6	13	20	27	3	10	17	24	
D	3	10	17	24	31	7	14	21	28	4	11	18	25	
Outubro					Novembro					Dezembro				
S		d.	d.	g.	f.	31	f.	c.	c.	k.	k.	k.	h.	26
T	4	11	18	25	F	8	15	22	39	6	13	20	h.	
Q		F	12	19	26	2	9	16	23	30	7	14	21	28
Q		d.	d.	g.	f.	f.	c.	c.	k.	F	F	h.	h.	29
S		7	14	20	28	4	11	18	25	k.	k.	16	23	30
S	1	8	15	22	29	5	12	19	26	3	10	17	24	31
D	2	9	16	23	30	6	13	20	27	4	11	18	N	
Janeiro 2011					Fevereiro 2011					Março 2011				
S	2	i.	j.	j.	30	i.	i.	e.	e.	c.	c.	m.	m.	
T		i.	10	17	24	31	7	14	C	28	6	13	20	27
Q		4	11	18	25	1	8	15	22	29	7	14	21	28
Q		i.	i.	j.	j.	i.	i.	e.	e.	c.	c.	m.	m.	29
S		6	13	20	27	3	10	17	24	2	9	16	23	B
S		7	14	21	28	4	11	18	25	3	10	17	24	31
D	F	8	15	22	29	5	12	19	26	4	11	18	25	

Legenda:

 Percurso A	 Percurso C	 Actividades na Biblioteca Municipal
 Percurso B	 Percurso D	

Actividades:

- a. “Café com letras”
- b. “Venha conhecer a biblioteca”: acção de formação ao utilizador
- c. “Hora do conto”
- d. “De Access a Zip: o mundo das tecnologias da informação e comunicação”: acção de formação
- e. “Hora do conto pelos avós”
- f. “A Arte do papel”: oficina origami
- g. “Eu ouço e conto... à minha maneira”
- h. Exposição de trabalhos dos utilizadores: “À minha maneira”
- i. Conversas de Café
- j. “Eu na rede social”: vantagens e perigos
- k. “Afinal é fácil!”
- l. Conferência
- m. Exposição dos resultados da avaliação dos serviços
- A. Apresentação oficial do serviço de biblioteca itinerante
- B. Apresentação pública da avaliação do projecto, na biblioteca municipal

Calendário 11.1. Calendário das actividades

CAPÍTULO 12. ORÇAMENTAÇÃO

O valor do investimento inicial estima-se em 43.145,45€, conforme a seguir se destriça (Tabela 12.1)

Orçamento		Valor estimado
Acções		
	Acção 2	
	Materiais (papel, lápis, tinta)	300,00 €
	Prémios	200,00 €
	Acção 3	
	Materiais (panfletos, desdobráveis, flyers, calendários, brindes-prenda e todo o restante material promocional)	500,00 €
	Acção 4	
	Publicidade	50,00 €
	Papel e lápis	30,00 €
	Acção 5	
	Publicidade	50,00 €
	Material (formulários, modelo, lápis, ...)	100,00 €
	Acção 6	
	Papel	50,00 €
	Publicidade	50,00 €
Total das acções		1.330,00 €
Veículo		
	Seguro	220,00 €
	Combustível	300,00 €
	Aquisição do veículo	22.000,00 €
	Adaptação e pintura da carrinha (incluindo mobiliário e sinalética)	4.196,00 €
Total		26.716,00 €
Material informático		
	Computadores (4)	2.693,62 €
	Impressora multifunções	45,83 €
Total		2.739,45 €
Formação com o pessoal		150,00 €
Despesas com internet		210,00 €
Acervo (1000 documentos)		12.000,00 €
Valor Total		43.145,45 €

Tabela 12.1. Previsão de custos

CAPÍTULO 13. RESULTADOS ESPERADOS

Com a avaliação do projecto, pretende-se, acima de tudo, criar mecanismos de correcção e/ou melhoramento do mesmo para se poder fazer o alargamento do serviço às restantes freguesias de forma mais competente. Ao fazer a avaliação estar-se-á também a elaborar documentos a entregar à entidade promotora, que desta forma, tomará conhecimento dos resultados do seu investimento.

A avaliação que se propõe é uma avaliação interna, feita pela responsável do projecto. A recolha de dados estatísticos é efectuada ao longo do período de funcionamento. Os inquéritos de opinião serão distribuídos após seis meses de tempo efectivo de funcionamento da biblioteca itinerante.

Para a avaliação e assim se saber se os resultados esperados foram atingidos, escolheram-se os indicadores propostos por Mateos Vara e Soto Arranz (2005) que a seguir se expõem. Para cada indicador é dada a sua denominação, a definição, o método de cálculo, a fonte de informação e o resultado que se ambiciona alcançar.

Os indicadores são para serem aplicados a nível geral, mas também a nível de localidade.

- **Geral:**

- **Percentagem de utilizadores reais.**

- Definição: percentagem da população que utiliza a biblioteca itinerante, isto é, a proporção de utilizadores reais, de entre os utilizadores potenciais. Neste indicador, um utilizador é o indivíduo que visita a biblioteca durante um certo período de tempo.

- Entende-se por utilizadores potenciais os indivíduos que residem em cada uma das localidades a visitar.

- Este indicador será aplicado a nível de localidade

- Método de cálculo: o método de cálculo implica a utilização dos registos informáticos.

$$\frac{\text{Nº de utilizadores reais em cada localidade}}{\text{Total de pessoas que constituem a população-alvo}} \times 100$$

- Fonte de informação: Mateos Vara e Soto Arranz (2005, p. 7-8); NP ISO 11620 (2004, p. 25-27)

- Resultado esperado: ao fim de seis meses de serviço espera-se que a percentagem de utilizadores reais seja em cada uma das localidades de 20%, respeitando a respectiva constituição demográfica.

- **Visitas da biblioteca itinerante *per capita*.**

- Definição: número total de visitas à biblioteca durante seis meses dividido pelo total da população-alvo.

- Método de cálculo: Os dados para este indicador são obtidos pela contagem do número de pessoas que entram e saem da carrinha num período de seis meses.

$$\frac{\text{Nº total de visitas à biblioteca por localidade}}{\text{Nº de pessoas da população a servir (por localidade)}}$$

- Fonte de informação: Mateos Vara e Soto Arranz (2005, p. 7-8); NP ISO 11620 (2004, p. 25-27)

- Resultado a atingir: ao fim de seis meses, espera-se que o número de visitas à carrinha por localidades e por habitante seja de duas visitas.

- **Fornecimento de documentos**

- **Disponibilidade de títulos solicitados**

- Definição: percentagem de documentos solicitados pelos utilizadores que se encontram imediatamente disponíveis na biblioteca itinerante.

- Método de cálculo: usando os registos de um sistema automatizado:

$$\frac{\text{Nº de documentos disponíveis}}{\text{Nº total de documentos na colecção}} \times 100$$

- Fonte de informação: Mateos Vara e Soto Arranz (2005, p. 14)

- Resultado esperado: Pretende-se que no final de seis meses de funcionamento, a percentagem da disponibilidade de títulos solicitados seja de 85%.

- **Percentagem de documentos não emprestados**

- Definição: este indicador visa avaliar, sob a forma de percentagem, a pertinência da colecção da biblioteca itinerante face às demandas dos utilizadores.
- Método de cálculo: utilizando os registos informáticos

$$\frac{\text{Nº de documentos não emprestados}}{\text{Nº total de documentos na colecção}} \times 100$$

- Fonte de informação: Mateos Vara e Soto Arranz (2005, p. 16).
- Resultado esperado: almeja-se que o resultado deste indicador, decorridos os seis meses, seja de 10%.

- **Empréstimo**

- **Volume de empréstimos**

- Definição: total de empréstimos na biblioteca itinerante por um período de tempo, seis meses, dividido pelo número total de documentos na colecção.
- Método de cálculo: utilizando os registos informáticos:

$$\frac{\text{Número total de empréstimos}}{\text{Documentos totais da colecção}} \times 100$$

- Fonte de informação: Mateos Vara e Soto Arranz (2005, p. 17-18)
- Resultado esperado: almeja-se que o resultado deste indicador, decorridos os seis meses, seja de 70%.

- **Documentos em empréstimo *per capita***

- Definição: número total de empréstimos na colecção durante um período de tempo dividido pela população-alvo a servir.
- Método de cálculo:

$$\frac{\text{Nº total de empréstimos}}{\text{Nº pessoas da população a servir}}$$

- Fonte de informação: Mateos Vera e Soto Arranz (2005, p. 19-20); NP ISO 11620 (2004, p. 44-45)

- Resultado esperado: ao fim de seis meses, espera-se que o número de empréstimos seja de três.

- **Empréstimos por tempo de serviço**

- Definição: número total de divididos pelo número total de dias de serviço.
- Método de cálculo:

$$\frac{\text{Nº total de empréstimos}}{\text{Dias de serviço}}$$

- Fonte de informação: Mateos Vera e Soto Arranz (2005, p. 21-22)
- Resultado esperado: ao fim de seis meses, espera-se que o número de empréstimos seja de vinte.

- **Formação de utilizadores**

- **Assistência *per capita* às diferentes actividades**

- Definição: quociente do número total de participantes nas actividades dividido pela população total a servir.
- Método de cálculo:

$$\frac{\text{Nº de participantes em cada actividade por localidade}}{\text{População total de cada localidade}}$$

A calcular por cada actividade.

- Fonte de informação: Mateos Vara e Soto Arranz (2005, p. 32-33)
- Resultado esperado: espera-se que a percentagem de assistência às actividades propostas, durante os primeiros seis meses, seja de 50%.

- **Custos**

- **Custo por habitante**

- Definição: O total de despesas correntes da biblioteca itinerante, dividido pelo número de habitantes da população a servir.
- Método de cálculo: Para este indicador, escolhe-se um nível de aplicação geral. Utiliza-se os dados censitários referentes ao número de habitantes

Gastos correntes da carrinha
Habitantes (soma dos habitantes das 33 localidades)

- Fonte de informação: Mateos Vara e Soto Arranz (2005, p. 33-34)
- Resultado esperado: espera-se que o custo por habitante, em seis meses de serviço seja de 110€ por habitante.

- Custo por itinerário

- Definição: porção de gastos ordinários correspondentes a cada um dos percursos cobertos pelo serviço de extensão bibliotecária seja um ou vários itinerários dependentes da mesma unidade orgânica.
- Método de cálculo:

$$\frac{\text{Gastos totais}}{\text{Nº de percursos}}$$

- Fonte de informação: Mateos Vara e Soto Arranz (2005, p. 37)
- Resultado esperado: espera-se que o custo por itinerário seja de 1.000€, nos primeiros seis meses.

- Factores físicos

- Tempo real de serviço bibliotecário

- Definição: tempo em que a biblioteca itinerante se encontra estacionada e aberta ao público.
- Método de cálculo:

$$\text{Total de tempo parado} \times \text{nº de vezes que se realiza}$$

- Fonte de informação: Mateos Vara e Soto Arranz (2005, p. 38-39)
- Resultado esperado: 10h de tempo efectivo de serviço em cada uma das 33 localidades, durante seis meses.

- Distâncias percorridas

- Definição: Total de kms percorridos pela biblioteca num determinado espaço de tempo.
- Método de cálculo:

$$\text{Soma do total kms percorridos em cada percurso.}$$

- Fonte de informação: Mateos Vara e Soto Arranz (2005, p. 40-41)
- Resultado esperado: o veículo deverá percorrer 1180 km em seis meses.
- **Percepção do utilizador**
 - **Satisfação do utilizador**
 - Definição: pontuação média, numa escala de 1 a 5 (sendo o 1 o mais baixo), atribuída pelos utilizadores como um todo ou aos diversos serviços prestados pela biblioteca itinerante
 - Método de cálculo: aplicação de um questionário. A média de satisfação do utilizador para cada serviço ou aspecto do serviço é:

$$\frac{\text{Soma dos valores indicados pelos utilizadores (numa escala de 1 a 5)}}{\text{Nº de pessoas que responderam às questões}}$$
 - Fonte de informação: NP ISO 11620, 2004, p.20-21
 - Resultado esperado: espera-se que o utilizador classifique os serviços prestados ao longo dos primeiros seis meses com médias superiores a 4,5.

Habitualmente, os indicadores são aplicados para um ano de desempenho, mas como se estão a iniciar os serviços, considera-se suficiente o período de seis meses de serviço efectivamente prestados da biblioteca itinerante, para se poder proceder a uma primeira avaliação com o intuito de a poder estender em curto espaço de tempo a toda a rede concelhia.

CONCLUSÕES GERAIS E PERSPECTIVAS DE TRABALHO FUTURO

1. Conclusão geral

A biblioteca pública assume um papel fundamental no combate à iliteracia e à infoexclusão social. A panóplia dos seus vastos serviços empresta uma importante contribuição para a aprendizagem ao longo da vida.

Promover junto da comunidade que serve os seus serviços, especialmente aqueles que saem fora de portas, denominados genericamente de extensão cultural, com ênfase para a implementação de uma biblioteca itinerante, é potenciar a biblioteca pública.

De facto, ao ultrapassar as suas barreiras físicas, tentando chegar a todos, independentemente das limitações geográficas e desafiando as dificuldades de mobilidade, impostas a quem sofre do fenómeno de interioridade, bem patente nalguns locais do território flaviense, cuja fixação é a mais distante da sede do concelho, a cidade de Chaves, a biblioteca assume-se com legítima propriedade, uma instituição de carácter público, ao serviço do cidadão.

Assim, implementar um serviço desta natureza, equivale a reforçar o papel da biblioteca como agente de educação não formal.

O presente trabalho pretendeu iniciar um ciclo de investigação-acção com a proposta de uma solução para um problema já diagnosticado: as baixas taxas de literacia e a existência de hábitos de leitura insuficientes para uma grande parte da população abrangida pela Biblioteca Municipal de Chaves, recuperando uma antiga tradição da FCG, que tantos benefícios trouxe para a região.

Tendo em conta os pressupostos que nortearam este trabalho, reforçados com a pesquisa no terreno, os objectivos deste projecto são os seguintes: aumentar a percentagem da população alvo servida pela biblioteca municipal; permitir a igualdade de acesso a todos os habitantes do concelho

aos serviços de extensão bibliotecária e cultural; dar a conhecer e promover o uso dos serviços da Biblioteca Itinerante; promover a Biblioteca enquanto agente privilegiado para o combate à iliteracia junto da comunidade local; atingir ganhos na aquisição de competências no domínio da literacia; contribuir para a aprendizagem ao longo da vida dos habitantes do concelho; incentivar a comunidade para a leitura e para a escrita e possibilitar o contacto com o mundo dos livros; motivar atitudes e hábitos de leitura; proporcionar escolhas de leitura(s); promover a cooperação com as juntas de freguesia, escolas locais e outras instituições emergentes como são os Lares de Idosos e os Centros de Convívio; melhorar a qualidade de vida dos intervenientes. Numa síntese linear, resumiremos toda esta plêiade de propósitos a um, funcionando como máxima: tornar as pessoas mais felizes. Sim, porque numa instância primordial, é de pessoas que se trata, valorizando uma matriz imaterial, direccionada para o género humano.

Para a elaboração do projecto foi efectuado previamente um estudo empírico, necessário para definir estratégias para a concretização de um serviço de extensão bibliotecária. Como técnica de recolha de dados foi utilizado essencialmente o inquérito por questionário aplicado sobre uma amostra definida a partir, inicialmente, das freguesias pertencentes ao concelho, e depois das populações residentes em quatro dessas freguesias, de modo a conhecer os utilizadores e a saber da sua opinião sobre a utilidade quer dos serviços biblioteconómicos, quer da utilidade do próprio serviço móvel.

Os dados obtidos demonstraram que os habitantes estão receptivos ao serviço de extensão bibliotecária, já que o consideram importante/muito importante. Quanto aos serviços, as avaliações de cada um variam, verificando-se, de forma generalizada, valores mais baixos nas freguesias mais distantes ou com piores condições de acesso à sede de concelho. O estudo realizado comprovou o abandono das aldeias mais distantes, reflectindo-se em médias etárias mais altas e níveis de escolaridade genericamente mais baixos, assim como maior percentagem de população que afirma nunca ter utilizado uma biblioteca.

Passados sete nostálgicos anos desde a última viagem da antiga carrinha da Gulbenkian e após a instalação da biblioteca municipal num edifício

“novo”, com todas as características necessárias ao bom desempenho da sua função, assim como a implementação de boas práticas de animação e promoção do livro e da leitura, crê-se ser a hora da biblioteca atingir uma percentagem ainda maior da sua população alvo atingida e assim se engrandecer, pois como afirmou Augustine Birrell, já anteriormente citada, “*As bibliotecas não se fazem, crescem*”.

2. Perspectivas de trabalho futuro

Como perspectiva para um trabalho futuro, a médio prazo, sugere-se um estudo de caso sobre o funcionamento da biblioteca “Leituras sobre rodas” para se conseguir demonstrar, de forma clara, se este serviço conseguiu ou não atingir os objectivos a que se propôs e a reflectir sobre as possíveis consequências positivas de tal projecto.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, J. C. (2001). Em defesa da investigação-acção. *Sociologia*, (37), 175-176. Consultado em Fevereiro 3, 2010 em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n37/n37a09.pdf>
- Almeida, L. S., & Freire, T. (2008). *Metodologias de investigação em psicologia e educação*. (5ª ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Apap, G. et al. (2002). A construção dos saberes e da cidadania: Da escola à cidade. Porto Alegre.
- Arana Palacios, J., & Olaso Val, A. (1996). El bibliobús es una arma cargada de futuro: una reflexión sobre los servicios móviles de biblioteca. *TK*, (2), 91-110. Consultado em Outubro 20, 2010, em <http://www.asnabi.com/revista-tk/revista-tk-02/15aranaolaso.pdf>
- Araújo, M. C., & Coutinho, C. P. (2009). A iniciativa novas oportunidades e o combate à info-exclusão da população adulta. In *Actas do X Congresso SPCE*. Consultado em Junho 6, 2010, em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9353/1/comunica%20a7%20a3o_%20Cc.pdf
- Arroyo Ortega, O. (2005). *Bibliotecas móviles: una solución bibliotecaria sostenible también para los centros escolares rurales*. *Idea-La Mancha: Revista de Educación de Castilla-La Mancha*, 5(2), 281-286. Consultado em Outubro 20, 2010, em <http://www.bibliobuses.com/documentos/Bibliotecas%20moviles%20y%20escuelas%20rurales.pdf>
- Arroyo Ortega, O., & Treviño Blasco, M. (2005). Bibliobuses para el sieclo XXI: modelos de desarrollo y gestión de servicios bibliotecarios moviles en España. *Educación y Biblioteca*, 17(146), 83-90. Consultado em Outubro 20, 2010, em <http://www.bibliobuses.com/documentos/Bibliobusesparaelsiglo21.pdf>
- Ataíde, A. P. (1914). A organização da primeira biblioteca móvel portuguesa. *Anais das bibliotecas e arquivos de portugal*, 1 (1), 89-94. Consultado em Janeiro 15, 2010 em <http://purl.pt/255/2/P34.html>.
- Bailac, A. (2002, Outubro). *El servicio de bibliobús y la tecnologías de la información: nuevas oportunidades*. Comunicação apresentada no 1º Congresso de bibliotecas móviles. Consultado em Outubro 20, 2010, em <http://www.bibliobuses.com/documentos/bailac.pdf>
- Barbier, J. M. (1993). *Elaboração de projectos de acção e planificação*. Porto: Porto Editora.
- Barros, F. (1960, Fevereiro 20). A biblioteca e o museu de Chaves: parte 1. *Notícias de Chaves*
- Benavente, A. (coord.) (1996). *A literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa intensiva e monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto editora.
- Braga, I., & Lopes, M. C. (2009). Literacia como fundamento da cidadania . In *8º Congresso Lusocom*, (pp. 1941-1956). Consultado em Junho 6, 2010, em <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/lusocom/8lusocom09/paper/viewFile/129/105>
- Bruce, C. S. (2003). Las siete caras de la alfabetización en información en la enseñanza superior. *Anales de Documentación*, 6, 289-294. Consultado em Dezembro 16, 2010, em <http://eprints.rclis.org/2881/1/ad0619.pdf>
- Burgess, R. G. (1997). *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Oeiras: Celta.
- Calixto, J. A. (2004). Literacia da informação: um desafio para as bibliotecas. In Universidade do Porto, *Homenagem ao professor Doutor José Marques* (pp. 39-48). Consultado Junho 30, 2010, em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo5551.PDF>
- Capucha, L. M. (2008). *Planeamento e avaliação de projectos: guião prático*. Retirado Maio 3, 2010, de http://sitio.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/802/B_PLANEAMENTO%20E_AVALIACAO_DE_PROJECTOS.pdf
- Chaves. Câmara Municipal (2005). *Município de Chaves*. Consultado em Novembro 26, 2010, em <http://www.cm-chaves.pt/>
- Comalat, M.; & Lourdes, R. (2001). *Los servicios bibliotecarios en zonas rurales: una propuesta de actuación viable*. Barcelona: Diputación de Barcelona.
- Comissão das Comunidades Europeias. (2000). *Memorando sobre aprendizagem ao longo da vida uma realidade*. Consultado Janeiro 15, 2010, em http://ec.europa.eu/education/lifelong-learning-policy/doc/policy/memo_pt.pdf
- Comissão das Comunidades Europeias. (2001). *Tornar o espaço europeu de aprendizagem ao longo da vida uma realidade*. Consultado Janeiro 15, 2010, em <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2001:0678:FIN:PT:PDF>
- Comissão das Comunidades Europeias. (2006). *Educação de adultos: nunca é tarde para aprender*. Consultado Janeiro 15, 2010, em <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2006:0614:FIN:PT:PDF>
- Comissão Europeia. (2007). *Competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida: quadro de referência europeu*. Consultado Janeiro 12, 2010, em http://ec.europa.eu/dgs/education_culture/publ/pdf/lifelong-learning/keycomp_pt.pdf
- Conclusiones* (2007). Conclusões apresentada no 3º Congreso de bibliotecas móviles. Consultado em Maio 20, 2010, em <http://www.bibliobuses.com/laasoccongresosiicongresoconclusiones.htm>
- Correia, Z. P. (2005). A biblioteca pública como espaço de cidadania. In Actas da Conferência Internacional "*Bibliotecas para a vida: Literacia, conhecimento, cidadania*". Consultado Maio 15, 2010, em

- http://www.evora.net/bpe/2005Bicentenario/dias/27_out05/textos/zita.pdf
- Coutinho, C. P., & et al. (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, educação e cultura*, 13(2), 455-479. Consultado em Maio 23, 2010 em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o_Ac%C3%A7%C3%A3o_Metodologias.PDF
- Delors, J., et al. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: Asa.
- Deshaies, B. (1997). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dicionário da língua portuguesa* (1991) (6^o ed.). Porto: Porto Editora.
- Eco, U. (1998). *A biblioteca* (4 ed.). Lisboa: Difel.
- Eco, U. (2009). *Como se faz uma tese em ciências humanas* (15^a ed.). Barcarena: Presença.
- ENTITLE. (2009). *Breve introdução às directrizes*. Retirado Setembro 3, 2009, de <http://rcbp.dglb.pt/pt/ServProf/Documentacao/Paginas/Linhasorientadoras.aspx>
- Esteves, A. J. (2009). A investigação-acção. In A. S. Silva, & J. M. Pinto (Org.), *Metodologia das ciências sociais* (15^o ed., pp. 251-278). Porto: Afrontamento.
- Foddy, W. (1996). *Como perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Celta.
- Freixo, M. J. (2009). *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Frota, M. G. (1998). A delimitação das unidades de análise em ciência da informação. *Ciências da informação*, 27 (3). Consultado em Maio 14, 2010 em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n3/27n3a03.pdf>
- Fundação Calouste Gulbenkian. (1994). *Serviço de bibliotecas e apoio à leitura*. Lisboa: FCG.
- Fundação Calouste Gulbenkian. (1966). *Boletim informativo*, 5.
- Fundação Calouste Gulbenkian. (1962). *Boletim informativo*, 6.
- Fundação Calouste Gulbenkian. (1961). *Boletim informativo*, 2.
- Gascuel, J. (1987). *Um espaço para o livro: como criar, animar ou renovar uma biblioteca*. Lisboa: D. Quixote.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1997). *O inquérito: teoria e prática* (3^a ed.). Oeiras: Celta.
- Gomes, I. M. (2005). *Como elaborar uma pesquisa de Mercado*. Retirado Novembro 10, 2009, de <http://www.sebraemg.com.br/arquivos/parasuaempresa/planodemercado/mercado.pdf>
- Gomes, M. C. (2004). Literacia e literexclusão na vida quotidiana. In *Actas dos ateliões do V Congresso Português de Sociologia*, (pp. 112-118). . Consultado em Junho 6, 2010, em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628c14f92870_1.pdf
- Gual Boronat, O. (2009, Outubro). *El bibiobús como herramienta de integración social*. Comunicação apresentada no 4^o Congresso nacional de bibliotecas móveis. Consultado em Outubro 26, 2010, em

- <http://www.bibliobuses.com/documentos/Bibliobus%20gandia%2009.pdf>
- Hägström, B. M. (ed.). (2004). *The role of libraries in lifelong learning: Final report of the IFLA project under the Section for Public Libraries*. Consultado Fevereiro 18, 2010 em <http://archive.ifla.org/VII/s8/proj/Lifelong-LearningReport.pdf>
- Henriques, J. C. (2009). *Na estrada com os livros: as bibliotecas móveis como solução de acesso a serviços de biblioteca num país de contrastes*. Dissertação de mestrado em Ciências da Informação e da Documentação. Consultado Outubro 27, 2010, em <http://www.bibliobuses.com/documentos/Joao%20Carlos%20Henriques.pdf>
- Hill, M. M.; & Hill, A. (2009). *Investigação por questionário* (2ª ed.). Lisboa: Sílabo.
- IFLA. (2003a, Junho 18). *History of mobile libraries*. Obtido Outubro 15, 2010, de *History of mobile libraries: poster*: <http://archive.ifla.org/VII/s38/news/mobpos.htm>
- IFLA. (2003b). *Os serviços da biblioteca pública: directrizes da IFLA/UNESCO*. Lisboa: Caminho e Associação Liberpólis.
- IFLA. (2002a). *Camels help provide library services*. Consultado Novembro 13, 2010, em <http://archives.ifla.org/v/press/pr0228-02.htm>
- IFLA. (2002b). *Donkeys help provide multi-media library services*. Consultado Novembro 13, 2010, em <http://archives.ifla.org/v/press/pr0225-02.htm>
- IFLA/UNESCO. (1994). *Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas*. INE. *Portal do Instituto Nacional de Estatística*. Consultado Outubro 5, 2010, em <http://www.ine.pt>
- Kalus, S. (2009, Outubro). *A survey of the mobile libraries in Germany with a special look on the Munich bookmobile system*. Comunicação apresentada no 4º Congresso nacional de bibliotecas móveis. Consultado em Outubro 20, 2010, em <http://www.bibliobuses.com/documentos/Bibliobuses%20en%20Alemania.pdf>
- Lau, J. (2006). *Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente*. Consultado Dezembro 15, 2009, em www.ifla.org/files/information-literacy/publications/ifla-guidelines-pt.doc
- Lau, J. (2008). *Guidelines on information literacy for lifelong learning: final draft*. Consultado Dezembro 15, 2009, em <http://www.ifla.org/files/information-literacy/publications/ifla-guidelines-en.pdf>
- Lerdsuriyakul, Kulthorn. (2000). *Telling the mobile libraries story: collecting the past to build a future*. Jerusalem: IFLA council and general conference. Retirado da base de dados ERIC. (ED450776)
- Lessard-Hébert, M. (1996). *Pesquisa em educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lessard-Hébert, M.; Goyette, G.; & Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Levinson, N. S. (1991). *Takin'it to the streets: the history of the book wagon*. *Library Journal*, 116(8), 43-45. Consultado Novembro 9, 2010 <http://homepages.nyu.edu/~mg128/docs/Streets.pdf>
- Llano, X. (1997). *La biblioteca en el mundo rural: reflexiones*. Gijón : Trea.

- Macedo, C. C., Cabral, M., & Oliveira, V. (2009). *Abraçar o mundo sem deixar ninguém de fora: serviços de extensão bibliotecária e cultural das bibliotecas*. Comunicação apresentada no IV Encontro Oeiras a ler. Texto disponibilizado pelas autoras.
- Marques, J., & Sarmet, T. (2007). Investigação-ação e construção da cidadania. *Revista lusófona de educação*, (9), 85-102. Consultado em Maio 15, 2010 em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n9/n9a06.pdf>
- Master, J. (1995). The history of action research. In I. Hughes (ed.) *Action research electronic reader*. Consultado Maio 22, 2010 em <http://www.behs.cchs.usyd.edu.au/arow/Reader/rmasters.htm>
- Movimento das bibliotecas. (1963). Fundação Calouste Gulbenkian. *Boletim Informativo*. p. 279.
- Neves, R. M. (2005, Outubro). *As bibliotecas em movimento: as bibliotecas móveis em Portugal*. Comunicação apresentada no 2º Congresso de bibliotecas móveis. Consultado em Outubro 26, 2010, em <http://www.bibliobuses.com/documentos/ruineves.pdf>
- Neves, R. M. (2009, Junho). Bibliotecas viajantes: um olhar sobre o aparecimento das bibliotecas móveis em Portugal. Comunicação apresentada no 1º Encontro internacional de bibliotecas itinerantes. Consultado em Outubro 26, 2010, em <http://biblioteca.cm-batalha.pt/UserFiles/File/apresentacoes/Ruineves.pdf>
- NP ISO 11620. (2004). *Informação e documentação: indicadores de desempenho de bibliotecas*. Lisboa: Instituto Português da Qualidade.
- Nunes, H. B. (1998). *Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal* (2ª ed.). Braga: Autores de Braga.
- Prole, A. (2007). *O papel das bibliotecas publica face ao conceito de literacia*. Consultado Maio 10, 2010, em http://www.casadaleitura.org/portalpha/bo/documentos/ot_bibliotecas_literacia_a.pdf
- RBE. (2008). *Porquê a literacia da informação?* Obtido Agosto 28, 2009, de <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/116.html>
- Regulamento da Biblioteca Municipal de Chaves*. (2006). Chaves: Câmara Municipal
- Reis, E., & Moreira, R. (1993). *Pesquisa de mercados*. Lisboa : Sílabo.
- Sanches, I. (2005). Compreender, agir, mudar, incluir: da investigação-acção à educação inclusiva. *Revista lusófona de educação*, (5) , 127-142. Consultado Maio 10, 2010 em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n5/n5a07.pdf>
- Santos, C. C. S., Ramos, M. C. B. R., & Faria, P. M. P. L. (2007). Um ano de desempenho da Biblioteca Municipal de Chaves. Trabalho académico da Especialização em Ciências documentais.
- Santos de Paz, L. (2002). *Algunas cuestiones sobre la biblioteca móvil*. Comunicação apresentada no 1º Congresso de bibliotecas móveis. Consultado em Outubro 26, 2009, em <http://www.bibliobuses.com/documentos/lourdessantos.pdf>
- Sequeira, F. (2002). Literacia em leitura. *Revista portuguesa de educação* , 15(2), 51-60. Consultado em Abril 10, 2010, em

- <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/661/1/FatimaSequeira.pdf>
- El servicio de bibliobús: pautas básicas para su funcionamiento.* (2002). Consultado Outubro 17, 2010, em <http://travesia.mcu.es/portaln/jspui/bitstream/10421/371/1/PautasFilmbibl.pdf>
- Seymour-Rolls, K., & Hughes, I. (2000). Participatory action research: getting the job done. In I. Hughes (ed.) *Action research electronic reader*. Consultado Maio 22, 2010 em <http://www.scu.edu.au/schools/gcm/ar/arr/arrow/rseymour.html>
- Soto Arranz, R. (. (2001). *La biblioteca móvil*. Gijón : Trea.
- Soto Arranz, R. (2009, Junho). *As bibliotecas itinerantes e a componente tecnológica*. Comunicação apresentada no 1º Encontro internacional de Bibliotecas itinerantes . Batalha: Biblioteca Municipal. Consultado em Outubro 26, 2010, em <http://biblioteca.cm-batalha.pt/UserFiles/File/apresentacoes/Roberto.pdf>
- Stringer, I. (2009,Junho). Bibliotecas móveis ao redor do mundo. Comunicação apresentada no 1º Encontro internacional de Bibliotecas itinerantes Batalha: Biblioteca Municipal. Consultado em Outubro 26, 2010, em <http://biblioteca.cm-batalha.pt/UserFiles/File/apresentacoes/lan.pdf>
- Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação:uma acção metodológica. *Educação e pesquisa* , 31(3), 443-466. Consultado em Maio 16, 2010, em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>
- Vara, A. I., & Soto Arranz, R. (2005, Outubro). *Propuestas de indicadores de rendimiento para bibliotecas móviles*. Comunicação apresentada no 2º Congreso de bibliotecas móviles . Consultado em Novembro 3, 2010, em <http://www.bibliobuses.com/documentos/indicadoresDOC.pdf>
- World Summit on the Information Society. (2005). *Tunis agenda for the information society*. Consultado Setembro 3, 2009, em http://ec.europa.eu/information_society/activities/internationalrel/docs/wsis/tunis_agenda.pdf: Tunis

ANEXO

Anexo 1: Questionário

Biblioteca móvel

Inquérito

Caro concidadão

Como flaviense e funcionária da Biblioteca Municipal de Chaves, aluna do Mestrado de Educação e Bibliotecas, na Universidade Portucalense, gostaria de obter a sua colaboração no levantamento destinado a avaliar a existência de potenciais utilizadores de um serviço de biblioteca móvel, ou seja, a ponderar a utilidade em reactivar a carrinha da Gulbenkian que percorreu no passado as nossas aldeias.

Trata-se, assim, de desenvolver um projecto que tem como objectivo principal minorar as dificuldades de acesso à cultura e à informação sentidas pela população que reside mais afastada da Biblioteca e que, por isso, se sente limitada ou impedida de usufruir e aceder aos seus serviços, mesmo para obter informações necessárias para a vida quotidiana.

Os dados fornecidos destinam-se exclusivamente a este fim, sendo mantidos no anonimato. E lembre-se que não há respostas certas nem erradas às perguntas, apenas interessa a sua opinião.

Maria do Céu Ramos

1. Freguesia de residência

Bobadela Curalha Ervededo Vilas Boas

2. Idade: _____ anos

3. Sexo: Masculino Feminino

4. Habilitações literárias

Não sabe ler nem escrever (sem escolaridade) 3º Ciclo do ensino básico (7º ao 9º anos)
 Sabe ler e escrever, mas nunca frequentou a escola Secundário (10º ao 12º ano)
 1º Ciclo do ensino básico (1º ao 4º ano) Licenciatura
 2º Ciclo do ensino básico (5º ao 6º ano) Outra: _____

5. Qual a sua condição perante o trabalho?

Exerce uma profissão a tempo inteiro Estudante/trabalhador
 Exerce uma actividade a tempo parcial Desempregado
 Ocupa-se das tarefas do lar Aposentado/Reformado
 Vive da agricultura Outra: _____
 Estudante (a tempo inteiro)

Página 1/2

Biblioteca móvel: inquérito

6. Qual ou quais destas bibliotecas utiliza ou utilizou?

- Biblioteca/carrinha da Gulbenkian
 Biblioteca Municipal
 Biblioteca da escola
 Nunca utilizei uma biblioteca

7. Assinale, com uma cruz, qual considera ser, para si, o grau de importância de cada um dos seguintes serviços:

- Sem importância
 - Pouco importante
 - Nem muito nem pouco importante/ Não sei
 - Com alguma importância
 - Muito importante

Serviços					
Consulta local (leitura de livros, visionamento de filmes, audição de cd's na biblioteca)					
Leitura de periódicos (leitura de jornais e revistas, ...)					
Actividades de promoção e animação da leitura (leitura de contos, narração de lendas, leitura em voz alta, ...)					
Acções de formação (aprender a trabalhar com computadores, aprender a ler, aprender a preencher impressos, ...)					
Consulta Internet (fazer pesquisas, navegar na net, ver e enviar mail, ...)					
Novas tecnologias (utilização de computadores para outros fins que não a consulta na Internet)					
Impressão de documentos (impressão de resultados de pesquisa, impressão de trabalhos pessoais, impressão de formulários)					
Empréstimo domiciliário (levar livros, filmes ou cd's para casa)					

8. Qual considera ser o grau de utilidade de uma biblioteca móvel? Marque a imagem que corresponde à sua opinião:

- Sem interesse algum Com pouco interesse Nem útil, nem inútil Com algum interesse Extremamente útil
 Nunca pensei nisso.

9. No caso de ser implementada a visita de uma biblioteca móvel na localidade que nome lhe daria:

- Ler a galope
 Leituras sobre rodas
 BIF- Biblioteca itinerante flaviense
 Outro: _____
 Bibliocha- BIBLIOTECA de CHAVES móvel

10. Faça aqui as suas sugestões ou comentários, se desejar, sobre o tema biblioteca móvel

Obrigado pelo tempo que disponibilizou.

